

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Franciane Meire Radtke

**ADOLESCÊNCIA, PATERNIDADE E CUIDADOS:  
Os sentidos que adolescentes pais atribuem à sua participação  
nos cuidados dos filhos.**

**FLORIANÓPOLIS  
2005**

FRANCIANE MEIRE RADTKE

**ADOLESCÊNCIA, PATERNIDADE E CUIDADOS:  
Os sentidos que adolescentes pais atribuem à sua participação  
nos cuidados dos filhos.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Juracy Filgueiras Toneli

**FLORIANÓPOLIS  
2005**

Dedico a minha mãe,  
que me ensinou o valor  
que tem o conhecimento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço especialmente a minha orientadora Maria Juracy, pela sabedoria de suas palavras, pela integridade e ética ao conduzir os trabalhos, pela preocupação em saber se estávamos “bem” sem esquecer que tínhamos uma vida para além dos textos e livros. Obrigada Jura!;

À minha mãe, por seu exemplo de dedicação, esforço, trabalho e incentivo para que eu nunca deixasse de estudar. Suas palavras: “o conhecimento é o único bem que ninguém jamais poderá te roubar”;

Ao Hospital Regional Alto Vale, na figura do meu gerente, José Carlos da Cunha, obrigada pela compreensão durante minhas ausências no trabalho, muitas vezes, não só físicas, mas retratadas pelo meu cansaço emocional;

Ao Anderson, pelo carinho, paciência e esforço para entender minha ausência em casa;

À Fernanda, companheira de viagem, de quarto e de sala de aula. A exaustão das aulas não nos impediram de dar “boas risadas” e alegrar algumas colegas.

## RESUMO

Neste trabalho investigou-se os sentidos atribuídos pelos adolescentes pais/homens à sua participação nos cuidados dos filhos. Embora muitos estudos investiguem a maternidade na adolescência, poucos têm se dedicado a estudar a paternidade entre os adolescentes do sexo masculino. Essa situação parece ser decorrente do lugar secundário atribuído ao pai, no que diz respeito à divisão tradicional de papéis parentais, e à questão de gênero. No entanto, a estrutura e o funcionamento das relações parentais estão em processos de mudança. Para a realização da pesquisa foram entrevistados nove jovens pais (homens) com idade entre 15 e 24 anos. As entrevistas semi-estruturadas contemplaram três grandes eixos temáticos: família de origem, paternidade e cuidados. As informações obtidas das entrevistas foram submetidas à análise do conteúdo do discurso dos participantes, considerando os apontamentos da literatura científica. Os resultados indicaram que cada adolescente lida com a situação da paternidade de forma única e peculiar, e que “cuidar” dos filhos é uma tarefa que o jovem pai pode exercer tão bem quanto a mãe. Também foi possível identificar na relação pai-filho-cuidados, vínculos afetivos fortemente significativos, nos quais ao cuidar são atribuídos sentidos de proteger, educar e prover, mas, também, alimentar, fazer dormir, brincar, ajudar nas tarefas escolares, levar ao médico, entre outras. Entretanto, há certa ambigüidade em seus discursos, sendo que consideram a mãe melhor qualificada e promotora dos cuidados dos filhos. Percebeu-se mudanças e permanências no discurso dos entrevistados, considerando o que aponta a literatura científica sobre o tema da paternidade de modo geral. Essas alterações permitem refletir uma atitude crítica frente a afirmações, presentes na literatura e no imaginário social, que não correspondem à realidade desses adolescentes pais, e, sobretudo, apresentam preconceitos e estereótipos quando falam do adolescente pai como alguém sem responsabilidades e descomprometido com os cuidados dos filhos.

**Palavras-chave:** Adolescência; Paternidade; Cuidados.

## ABSTRACT

In this work investigated the attributed senses to the adolescent-fathers about their participation in the children cares. Although many studies investigate the maternity in the adolescence, few have dedicated to study the paternity among male adolescents. This situation seems to be associated to the secondary role attributed to the father, in relation to the traditional father's role, and also the gender question. Nevertheless, the structure of the father's roles is in change processes. To carry on the research nine young fathers with age between 15 and 24 years had been interviewed. The interviews had contemplated three great themes: family of origin, paternity and cares. The gathered information of the interviews had been submitted to the content analysis of participants speech, taking into account the related literature. The results had indicated that each adolescent deals with a unique form paternity situation and that to take care of children is a task that the adolescent-father can do so well as the mother. Furthermore, it was possible to identify in the relation father-son-cares strong significant affective bonds, in which cares are attributed to protect, to educate and to provide, but, also, to feed, to make to sleep, to play, to help in the school homeworks, to lead to the doctor, among others. However, there is a certain ambiguity in their speeches, being that they consider the mother the most qualified person to take care of children. It was possible to perceive changes in the speech of the interviewed participants, considering what the literature brings up about paternity. These alterations allow us to reflect on a critical attitude in relation to the literature affirmations and to the social imaginary that do not correspond to the reality of these adolescent-fathers, and, over all, they present preconceptions and stereotypes when they talk about the adolescent-father as somebody without responsibilities with the cares of children.

**Keywords:** adolescence; paternity; cares

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Distribuição da profissão dos pais dos sujeitos entrevistados	42
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 ADOLESCÊNCIA, PATERNIDADE E CUIDADOS: INTRODUZINDO E REVENDO A LITERATURA</b> .....	10
1.1 GÊNERO E PATERNIDADE: RELACIONANDO E CONTEXTUALIZANDO .....	17
1.2 CUIDAR DOS FILHOS: QUE ATRIBUIÇÕES SÃO ESSAS E DE QUEM SÃO? .....	24
<b>2 O CONTEXTO DA PESQUISA</b> .....	26
2.1 O PROBLEMA DE PESQUISA .....	26
2.2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS .....	26
2.3 OS PERSONAGENS PRINCIPAIS .....	33
2.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES .....	40
<b>3 FAMÍLIA DE ORIGEM: UM RESGATE DA HISTÓRIA DOS JOVENS ENTREVISTADOS</b> .....	42
3.1 O TRABALHO JUNTO AO PAI .....	44
3.2 A MÃE ERA QUEM CUIDAVA .....	48
3.3 O LUGAR QUE O PAI OCUPAVA .....	52
3.4 PAI E MÃE: COMO DESCREVÊ-LOS? .....	55
3.5 O PAI PODE SER SUBSTITUÍDO? .....	57
3.6 CONTRACEPÇÃO, SEXUALIDADE E GESTAÇÃO: QUE LUGAR OCUPAM OS HOMENS? .....	58
<b>4 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS TAREFAS DE CUIDAR DOS FILHOS</b> .....	65
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87
APÊNDICE A - Consentimento dos participantes.....	94
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista .....	99
APÊNDICE C - Dados sócio-demográficos dos sujeitos pesquisados .....	102



## 1 ADOLESCÊNCIA, PATERNIDADE E CUIDADOS: INTRODUZINDO E REVENDO A LITERATURA

Partindo de uma matriz teórica histórico-cultural, o presente trabalho é, antes de tudo, um convite à reflexão sobre enfoques tradicionais acerca do tema da paternidade na adolescência e sua relação com os cuidados dos filhos. Muitos são os valores e pressupostos, os quais tendem a construir uma série de limitações éticas tanto no desenvolvimento de estudos e pesquisas como na própria atuação junto aos adolescentes.

Não é incomum encontrar manuais e livros que tratam da adolescência e juventude associadas à noção de crise, desordem, irresponsabilidade, enfim, um problema social de atenção pública. Compreende também neste “leque” de discussão e preocupação com os adolescentes, a maternidade e a paternidade na adolescência, que, desde os anos 70, de acordo com Mark Testa (1992), eram, e ainda são, também identificados como um problema de saúde pública. Além disso, a preocupação acadêmica com temas como a sexualidade, relações de gênero, maternidade e paternidade na adolescência, entre outros, ainda é pequena, e requer maior dedicação a partir de novos e diferentes paradigmas. A pretensão da presente Dissertação de Mestrado é, portanto, contribuir com o avanço do conhecimento sobre a paternidade na adolescência, à medida em que se propôs a conhecer o que adolescentes têm a dizer sobre o que é um pai. Quem tem que tipo de atribuição e deve cuidar dos filhos? O que significa a experiência da paternidade para eles? Em quais circunstâncias é produzida e que efeitos têm em suas vidas?

Sobretudo, antes de falar sobre o adolescente pai é relevante conhecer um pouco melhor as categorias adolescência e juventude, e, portanto, é preciso pensá-las através de perspectivas bem mais amplas do que as tradicionais, que incluam não só transformações biológicas e psicológicas, de importância fundamental, mas também o contexto sócio-econômico, cultural e histórico no qual ele está inserido.

Para Knobel<sup>1</sup>, a adolescência não pode ser considerada um fenômeno universal e os padrões de comportamento dos adolescentes variam de cultura para

---

<sup>1</sup> KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In.: ABERASTURY; KNOBEL (orgs.). **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 24-62. (original publicado em 1970), 1981.

cultura, de grupo para grupo numa mesma cultura, e de indivíduos para indivíduos num mesmo grupo. Apesar da diversidade sobre o fenômeno da adolescência, os autores que se dedicam a estudá-la são unânimes em afirmar que esta é uma fase bastante complexa do ciclo vital, pela quantidade e qualidade de transformações biológicas, psicológicas e sociais que o indivíduo experimenta.

A experimentação da sexualidade é uma dessas transformações. Nesse cenário, não se pode desconhecer que preconceitos e crenças também organizam as possibilidades sexual-afetivas dos jovens. Para alguns estudiosos, “a juventude e a adolescência configuram um ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo da identidade” (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 33). Esses mesmos autores apontam que a iniciação da vida sexual de adolescentes e jovens marcou a década de 1990 e, conseqüentemente, o rejuvenescimento da fecundidade no Brasil. Em 1980 cabia às mulheres de 25 a 29 anos o maior número médio de filhos dentre grupos etários na faixa reprodutiva. Em 1991 e mantendo-se em 2000, ocorreu o primeiro deslocamento para o grupo mais jovem, de 20 a 24 anos. As jovens com idade entre 15 e 19 anos representam um crescimento de 25 % entre 1991 e 2000, fato que vem aumentando a importância desse grupo etário na taxa de fecundidade total.

Com isso, nos últimos 10 a 15 anos, tem aumentado significativamente a preocupação de diversos setores da sociedade pelo fenômeno da adolescência, fato que é traduzido em políticas públicas e programas voltados para o tema da gravidez na adolescência, com investimentos crescentes de recursos humanos e econômicos. Trindade e Menandro (2002) corroboram com essa afirmação, ao mencionarem que a gravidez na adolescência tem se tornado um fenômeno de interesse e preocupação acadêmica, social e governamental. Os dados apontados acima justificam a preocupação com a gravidez na adolescência a ponto de ser considerada um problema de saúde pública.

Os dados de atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) mostram que, entre 1993 e 1997, houve um aumento de 20% no total de partos em mulheres de 10 a 14 anos, sendo que o parto constitui a primeira causa de internação de meninas nessa faixa etária no sistema público de saúde, conforme dados do SUS/MS; FNUAP – Brasil, 1997<sup>2</sup>. Esses dados retratam a realidade do adolescente

---

<sup>2</sup> Dossiê Adolescente – Rede nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos. Disponível em <<http://www.redesaude.org.br>>, Acessado em 14/01/2004.

e do jovem e portanto, requerem reflexões importantes a respeito da sexualidade pensada como uma construção cultural. Assim como a respeito de questões e temas relacionados à masculinidade e paternidade na adolescência, considerando a necessidade de refletir sobre a participação do jovem pai na arena da saúde e dos direitos reprodutivos, bem como dos cuidados dos filhos. O que se tem identificado até então é a ênfase dada à gravidez na adolescência, fato que acaba por legitimar a figura materna como essencial e insubstituível na criação e nos cuidados dos filhos e, com isso, o pai passa a ser visto em uma condição secundária e, por vezes, esquecida. Não se pretende, aqui, negar a importância e a preocupação com a gravidez na adolescência, mas lançar um olhar para a figura do pai como alguém que ocupa um lugar na criação e nos cuidados dos filhos.

Após ter refletido brevemente sobre adolescência, é necessário conhecer melhor sobre o tema proposto nesse trabalho: a paternidade na adolescência. Para tanto, foi necessário pesquisar o que havia de produções científicas sobre o tema, sendo que o processo da revisão de literatura possibilitou identificar e confirmar certa recusa em reconhecer a paternidade na adolescência. A revisão foi iniciada com a consulta ao Banco de Teses da CAPES, no mês de outubro de 2003 e posteriormente, em fevereiro de 2005. Foi possível identificar que no período de 1997 a 2002 ainda era pequena a produção de teses e dissertações sobre o tema da paternidade na adolescência, quando comparadas à produção de estudos sobre maternidade e paternidade em geral.

Os estudos sobre a maternidade são em número maior ( $n = 100$ ) do que aqueles relacionados à paternidade ( $n = 80$ ), sendo que, quando se trata de adolescentes a diferença é ainda mais expressiva. Foi possível identificar maior incidência de pesquisas referindo-se à maternidade na adolescência ( $n = 43$ ) e a escassez de estudos sobre a paternidade na adolescência. Dos 17 resumos encontrados sobre o tema da paternidade na adolescência, apenas seis fazem referência em seu título ao adolescente pai, enquanto que os outros oito destacam a maternidade, a gravidez na adolescência, prevenção da gravidez, e outros. Entretanto, quatro dos resumos tratam especificamente do adolescente pai, ressaltando questões como a relação dos adolescentes com seus pais e educadores; as manifestações do parceiro amoroso; a criação de vínculos afetivos; o exercício das funções parentais. Outro dado relevante é que somente um dos resumos apresentou como objetivos conhecer as opiniões dos adolescentes pais em

relação à adolescência, à sexualidade e à paternidade, contextualizando a paternidade na realidade destes e compreendendo suas reações, sentimentos e conseqüências em seus projetos de vida. Nenhuma tese ou dissertação pesquisada com os descritores *paternidade na adolescência*; *paternidade e adolescência* e *paternidade e cuidados*, tratou da participação do adolescente pai nos cuidados dos filhos. Vale ressaltar que alguns resumos não apresentaram o método e a faixa etária da população estudada, o que impossibilitou sua análise para efeitos da revisão pretendida. Também é importante lembrar que ao consultar o Banco de Teses da CAPES, no mês de fevereiro de 2005, não foi possível encontrar dissertações publicadas a partir do ano de 2002, considerando que não estão disponíveis os indicadores dos anos de 2003 e 2004. Portanto, os dados aqui apresentados compreendem as publicações de teses e dissertações até o ano de 2002.

O contato com pesquisadores da área de Psicologia permitiu que encontrasse uma dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, da autora Hoepfner (2004), cujo título é “Um homem pra chamar de pai: as concepções de paternidade de meninos afastados de suas famílias e colocadas em regime de abrigo”. A pesquisa foi realizada com meninos/adolescentes afastados de suas famílias, oriundos de camadas populares, em regime de abrigamento no município de Joinville/SC. As conclusões encontradas com as investigações foram que os lugares ocupados por figuras do sexo masculino que desempenham atividades relacionadas ao papel de pai no cotidiano de meninos abrigados, podem ser significativos para internalização de concepções/papéis/modelos de paternidade.

Na consulta à Biblioteca Virtual de Saúde (Bireme e Scielo), no mês de outubro de 2003, utilizando-se dos mesmos descritores utilizados na pesquisa do Banco de Teses da CAPES, foram encontrados, publicados no período de 1997 a 2002, 10 artigos sobre maternidade, sete sobre paternidade, três sobre maternidade na adolescência e dois sobre paternidade na adolescência (SIQUEIRA, 2002; LEVANDOWSKI, 2001).

No mês de fevereiro de 2005, nova consulta à mesma base eletrônica permitiu encontrar mais três artigos. O objeto de estudo de um deles (GOMES, 2004), é a figura concreta de um pai, presente em sua corporalidade e afetividade, que se depara com a demanda subjetiva, advinda da exigência de revisão de seu papel no mundo contemporâneo. Buscou-se encontrar a paternidade que acolhe e

convive com o processo de transformações em marcha: o pai que transita entre valores novos e arcaicos. O segundo artigo (CABRAL, 2003), enfoca as repercussões da paternidade ocorrida no período da adolescência, para a trajetória biográfica de rapazes de camadas populares. Realizou-se um trabalho de campo associado a entrevistas individuais com jovens pais, moradores de uma comunidade favelada da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados apontaram para que a assunção da paternidade ajuda o jovem na consolidação da imagem de homem "maduro", "responsável", "adulto". O terceiro artigo (CARVALHO, 2003), fala da participação dos pais no nascimento dos filhos em maternidade pública do Rio de Janeiro. Os resultados apontaram para o maior envolvimento dos homens nos cuidados dos filhos, possibilitando o suporte psicossocial à gestante, o compartilhamento da experiência pelo casal e a formação de vínculo pai-bebê. Também foi possível identificar certa exclusão dos pais nos serviços de saúde reprodutiva e pediátrica, proporcionada pelas próprias instituições que desconsideraram a importância do pai no suporte à gestante e, tampouco, reconhecem a paternidade sob o enfoque do pai. O estudo indicou: a necessidade de incentivo à participação dos pais no pré-natal, parto, pós-parto e nas consultas pediátricas; a preparação das equipes para trabalho com as famílias; a ampliação da discussão social sobre paternidade e a formulação de políticas trabalhistas que garantam a presença dos pais nos serviços de saúde.

Levandowski (2001) fez uma revisão dos artigos publicados no período de 1990 a 1999 sobre o tema da paternidade na adolescência em âmbito internacional, consultando a base de dados *Psyclit*. Assim como o que se constatou na consulta ao Banco de Teses/CAPEs, também houve diferença no número de resumos sobre a maternidade e paternidade na adolescência, com maior incidência de pesquisas sobre o tema da maternidade e paternidade em geral. Ainda assim, o tema da maternidade apresentou expressividade quanto ao número de resumos. Segundo a autora, foram encontrados 68 resumos fazendo referência especificamente ao adolescente pai. Os resumos foram analisados e identificados por categorias: revisão de literatura; causas/antecedentes/fatores de risco; conseqüências/resultados; aspectos familiares/conjugais; experiências/percepções/vivências; intervenção/aconselhamento e outros.

Os resultados encontrados a partir do estudo das categorias acima descritas, consideram a necessidade de investigar principalmente aspectos

subjetivos de futuros pais e/ou adolescentes pais, tais como suas expectativas, sentimentos, percepções e vivências, seja sobre si mesmos e/ou sobre seu (ua) filho(a). A autora destaca também a necessidade de estudar a relação conjugal e com a família de origem desses jovens, bem como com o bebê.

Levandowski (2001) mostra que a realidade internacional se assemelha muito à nacional. Parece que a paternidade na adolescência como objeto de estudo nas pesquisas no meio acadêmico é escassa. O que se tem constatado na literatura científica é que o mesmo acontece com relação à participação do adolescente pai nos programas e projetos na área da saúde pública. A figura masculina mais uma vez fica em segundo plano e à feminina é resguardado um lugar especial com relação aos serviços de saúde.

Pesquisas como a realizada por Siqueira e cols. (2002) mostram parte dessa realidade. Com a investigação da estrutura e funcionamento de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região de Florianópolis/SC, bem como dos atores sociais neles envolvidos, de forma a buscar a representação do adolescente pai que frequenta esses lugares, foi possível identificar a predominância de mulheres cuja atividade principal é a de cuidar, mantendo a territorialização ocupacional por sexo/gênero nestes programas. Também se constatou que a área da saúde reprodutiva é caracterizada como um território feminino. “A presença maciça de mulheres, tanto nas equipes profissionais quanto no grupo de usuários, demonstra bem a associação entre saúde reprodutiva e as mulheres”. (SIQUEIRA e cols., 2002, p. 71).

Nessa mesma pesquisa de Siqueira e cols. (2002), observou-se com relação aos rapazes entrevistados, que foram poucos os que permaneceram na sala de espera aguardando a parceira, sendo que apenas um não demonstrou vontade de acompanhá-la na consulta, enquanto que todos os outros queriam estar mais próximos, acompanhar a gestação, ouvir o coração do bebê. Porém, convidar esses adolescentes pais a participar desse processo junto com a mãe e o filho, parece não fazer parte da rotina desses programas, sendo que aqueles poucos que aguardavam na sala de espera não foram convidados a entrar no consultório médico.

A pesquisa de Trindade e Menandro (2002), cujos objetivos eram descrever as mudanças ocorridas na vida de pais adolescentes e suas percepções sobre as conseqüências da paternidade e identificar o significado da paternidade e da maternidade para os jovens pais, indicou como resultados a permanência de forte

vínculo com os modelos tradicionais de parentalidade, embora tenha mostrado, também, a emergência de relações afetivas entre pais e filhos. Quanto às percepções, a pesquisa anuncia sentimentos negativos sobre paternidade na adolescência no que se refere à perda de liberdade e dificuldade de inserção no mercado de trabalho, pois, para eles ser pai significa, principalmente, trabalhar para prover as necessidades da criança e também educar, dar carinho e atenção. Por outro lado, consideraram algumas mudanças positivas como um ganho pessoal: aumento da responsabilidade, o amadurecimento e a relação afetiva com o filho.

Em um estudo com adolescentes grávidas das camadas populares, Nóbrega (1995, p. 68) constatou que a maternidade era considerada como papel privilegiado, além de estarem presentes em seus planos de vida “ter uma família, marido e filhos, poder se dedicar aos cuidados da casa, ter seu sustento garantido pelo homem provedor: eis, resumidamente, em que consiste uma vida feliz e a plena realização da mulher”. A autora afirma a necessidade de se procurar apreender o fenômeno da gravidez na adolescência situando-o no contexto em que ocorre, através da análise dos valores que circulam no grupo social em que acontece. Esses resultados, comparados com a pesquisa de Trindade e Menandro (2002), sugerem que a gravidez na adolescência pode ter significados diferentes para homens e mulheres.

Olavarría (2001) apresenta resultados de pesquisas que realizou em Santiago do Chile nas quais elucida questões que ajudam a compreender como se experimenta e significa a paternidade na adolescência. O que acontece com os adolescentes quando engravidam suas companheiras e se tornam pais? O que significa na vida deles essa experiência? Os resultados indicam que à medida em que crescem, uma proporção maior dos adolescentes dos setores populares começa a assumir responsabilidades de provedores e mantenedores de suas famílias, seja porque querem contribuir e ter seu próprio dinheiro ou porque seus pais lhes fazem ver que devem cooperar com a manutenção da família, ou muitas vezes, porque lhes é imposta essa condição. Inicia-se assim, uma dupla jornada, especialmente para os adolescentes que querem combinar estudo com trabalho ocasional. É nesse contexto que, para muitos adolescentes de setores populares, produz-se a gravidez e a paternidade, quando já estavam incorporados, mais ou menos precariamente, ao mundo do trabalho.

Ao saber que serão pais, os adolescentes enfrentam diferentes

sentimentos, dentre eles, pensamentos sobre o futuro pessoal, frustração ou raiva pela modificação de seus planos ao mesmo tempo em que ficam alegres pela chegada do bebê. “A paternidade é vivenciada assim, como uma possibilidade de mudanças, que integra sentido à vida pessoal e implica responsabilidades e desafios a enfrentar: conviver, quem sabe casar, trabalhar. Sua vida se estrutura, adquire sentido”. (OLAVARRÍA, 2001, p. 139).

Com as informações encontradas a partir da revisão de literatura, foi possível perceber que para compreender o fenômeno da paternidade na adolescência, faz-se necessário admitir sua complexidade, que se (re)define por múltiplas possibilidades de determinação. Tais possibilidades contemplaram esta pesquisa, na medida em que se propôs a conhecer os sentidos<sup>3</sup> que adolescentes atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos, “sentidos estes que funcionam como determinantes das experiências presentes, num processo complexo de sobredeterminação que direciona as possibilidades futuras”. (SIQUEIRA, 1997, p. 126).

## 1.1 GÊNERO E PATERNIDADE: RELACIONANDO E CONTEXTUALIZANDO

Considerando as transformações nas organizações familiares, em especial as relacionadas à paternidade (HURSTEL, 1999), alguns questionamentos começaram a fazer parte do repertório de pesquisadores, com relação à escassez de estudos sobre o pai e à sua participação em programas de saúde pública, à assimetria nas relações entre homens e mulheres/pais e mães e à dificuldade em ampliar a participação dos homens/pais em atividades que envolvem o cuidado. Essas implicações suscitam uma análise utilizando a categoria gênero, por entender que ela permite desvelar significados atribuídos às relações sociais e aos comportamentos individuais na sociedade. Para melhor compreensão do leitor, o conceito de gênero será apresentado logo a seguir.

Com a publicação dos primeiros textos, como o de Bruna Franchetto, Maria Laura Cavalcanti e Maria Luiza Heilborn (“Antropologia e Feminismo”, 1981),

---

<sup>3</sup> Sentido é um conceito apresentado por Vygotsky (1984) e diz respeito a experiências da subjetividade do sujeito que são únicas, pessoais, constituídas na dinâmica dialógica tendo sua origem no contexto histórico e cultural.



começou a aumentar o número dos estudos sobre gênero revelando uma preocupação em relativizar o isolamento e a naturalização da “condição feminina” presente nos trabalhos anteriores. A partir de então, abriu-se uma perspectiva complexa de conceituar o gênero como uma categoria relacional, que permitiria compreender uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino. (MIGUEL; GROSSI, 1995).

O conceito de gênero tem sido abordado com propriedade pela historiadora Joan Scott (1990), que propõe uma definição composta por duas partes e várias subpartes. Elas são ligadas entre si, mas devem ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: na primeira, percebe o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, na segunda, o gênero é um modo de dar significado às relações de poder”. (SCOTT, 1990, p. 14).

Na concepção de Scott (1990), o gênero, como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, implica em quatro elementos interrelacionados. O primeiro são os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias), como as figuras de Eva e Maria; Adão e José. Esses exemplos foram por muito tempo (e ainda são) utilizados como modelos a serem seguidos e estimularam associações dos símbolos masculinos e femininos. O segundo são os conceitos normativos e prescritivos que afirmam o masculino e o feminino de forma binária inequívoca baseado em doutrinas políticas, religiosas, educativas e científicas. Esses conceitos foram produzidos como parte de um consenso social e não de um conflito, um exemplo disso é a atribuição de cuidados à mãe, nesse caso, delegando e fortalecendo as relações de poder. O terceiro elemento é a tradução do modelo binário e fixo de homem e mulher no nível da política, das instituições e organizações sociais, não se reduzindo apenas à família ou às relações de parentesco. O caso da licença maternidade é um exemplo disto, sendo que para a paternidade são concedidos oito dias e para a maternidade, quatro meses. Como é possível a partir disso, tentar desconstruir as imagens e modelos hegemônicos presentes no imaginário social? Como perceber, então, a paternidade, para além desses limites? Como quarto e último aspecto proposto, destaca-se a identidade

---

subjetiva, a atualização concreta, por homens e mulheres, de suas identidades de gênero: “os homens e as mulheres reais não cumprem sempre os termos das prescrições de suas sociedades ou de nossas categorias de análise”. (SCOTT, 1990, p. 15). Esse último aspecto pode ser relacionado com os cuidados para com o filho, sendo que alguns pais, na tentativa de conseguir a guarda dos filhos, movimentam esforços consideráveis e por vezes conquistam esse direito.

A importância de estudar as relações de gênero envolve, assim, dois tipos de análise: do gênero como uma construção ou categoria de pensamento que ajuda na compreensão da história e de mundos sociais particulares; e do gênero como relação social que contempla todas as outras atividades e relações sociais e parcialmente as constitui. (FLAX, 1991). É preciso ter claro, que “as relações de gênero não se estabelecem, portanto, a partir de uma simples extensão das diferenças biológicas, e, são, pois, resultado de um processo de aprendizagem e de trabalhos contínuos”. (ALMEIDA, 1995, p. 180).

O gênero tem sido uma categoria analítica importante para a compreensão do que representam as desigualdades entre homens e mulheres, entre masculino e feminino em determinada sociedade e momento histórico. “Porém, é mais do que uma categoria analítica; juntamente com raça/etnia e classe social opera na realidade empírica como categoria histórica que permite a compreensão da organização das relações sociais”. (UNBEHAUM, 2000, p. 19).

A partir dos estudos de gênero originados dos estudos sobre mulheres a partir dos movimentos de mulheres, começaram a emergir no cenário nacional e internacional, pesquisas sobre masculinidade e paternidade, propondo a implementação de políticas públicas como forma de promover a equidade de gênero. No plano dos valores, o princípio de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres vem sendo discutido tanto no que concerne à esfera pública como na vida privada. Esta igualdade deveria corresponder a uma maior participação dos homens em tarefas domésticas, responsabilidade pela vida sexual do casal e pela criação dos filhos. (SIQUEIRA, 2000).

A IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Beijing em 1995, foi um dos grandes eventos da década de 1990, promovidos pela ONU, que mostrou a necessidade de incorporar o direito à escolha quanto ao exercício da sexualidade e da procriação, de forma segura e assistida. No seu quarto capítulo, referente à saúde da mulher, a Declaração de Beijing (1996, p. 87) indica a necessidade de

“estimular os homens a partilharem em condições de igualdade o cuidado dos filhos e o trabalho doméstico”, bem como “encorajar tanto as mulheres quanto os homens a assumirem a responsabilidade de seu comportamento sexual com respeito à procriação”. Nesse sentido, os indicadores são claros quanto à inclusão dos homens nas discussões, investigações e intervenções na área da saúde e dos direitos reprodutivos. Daí a importância dos estudos de gênero, que contribuíram para o entendimento do fenômeno da paternidade assim como da maternidade, pois tratam de temas e processos que envolvem identidades masculinas e femininas que se constituem nas/pelas relações sociais. Ao se compreender gênero como uma categoria de análise relacional, segundo Siqueira (1997), é possível romper com as interpretações dicotômicas como a de dominador-dominado, tentando assim, entender como historicamente foram construídas as relações entre homens e mulheres, podendo analisar os interjogos que se estabelecem.

Lyra e Medrado (2000) realizaram uma pesquisa analisando a paternidade, à luz da perspectiva de gênero, a partir de dados sócio-demográficos em pesquisas feitas pelo SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) e pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Constataram que há limitações quanto às informações estatísticas sobre o pai e a paternidade, seja adulta ou adolescente. Os resultados indicam a necessidade de reformulação das perguntas que vêm sendo incluídas nos inquéritos e indicaram ainda que o estado de coleta de informações sobre a participação masculina na vida reprodutiva no Brasil é passível de críticas. O estudo mostra que a paternidade é vista sob a ótica feminina e que o próprio sistema de informações utilizado nas investigações sobre o tema, deixa a desejar, pois o “esquecimento” do pai nas perguntas feito pelos agentes dos órgãos competentes, corrobora de certa maneira, com o sistema hegemônico vigente. Argumentam os autores que:

Um exemplo do desequilíbrio entre as informações coletadas sobre o pai e a mãe radicalizou-se a tal ponto que, num dos modelos enviados pelo Ministério da Saúde, que foram solicitados para realização desta pesquisa, o campo sobre o pai foi totalmente excluído, considerando apenas no final do formulário o registro da pessoa responsável pelo recém-nascido (não necessariamente o pai). (LYRA; MEDRADO, 2000, p. 155).

De acordo com Mackey (1996), o tema da paternidade só ganhou destaque a partir dos anos 70 em função dos movimentos feministas e do aumento

do número de mulheres no mercado de trabalho. A partir desse período, os estudos passaram a reconhecer a importância do pai em relação aos cuidados da criança, porém dificilmente encontravam-se trabalhos nos quais as atividades paternas e a relação pai-filhos fossem observadas realmente.

A oscilação entre referências à masculinidade dominante, às crises da masculinidade e às novas formas de paternidade, é colocada em cheque por Olavarría (2001). O autor questiona se é suficiente a presença de mudanças no discurso privado de alguns homens para que se possa falar de uma nova masculinidade ou da existência de pais modernos. O modelo dominante de masculinidade, verbalizado nos discursos públicos e incentivado pelas políticas públicas, está de alguma maneira associado às mudanças que mencionam os homens/varones<sup>4</sup>? Quanto se sabe efetivamente sobre a participação dos homens nos cuidados dos filhos, como objeto de estudo? Segundo o autor, sem aprofundar o entendimento das formas de masculinidade dominante e os recursos que este outorga aos homens, é muito difícil afirmar que se estão produzindo mudanças significativas. Mudanças em relação a quê? O que as está originando? A partir de então será possível construir indicadores que permitam observar se efetivamente estão se produzindo as mudanças antes mencionadas e, em que sentido.

Olavarría (2001) realizou quatro estudos que buscaram conhecer como os homens heterossexuais de Santiago do Chile constroem suas identidades masculinas e suas paternidades e quais são as características que elas têm. Os resultados mostram que há uma certa obrigação/dever de ser homem e que é possível identificar certa versão de masculinidade que se institui em norma e hegemonia, incorporadas na subjetividade tanto de homens como de mulheres, controlando as relações de gênero. Essa forma de ser homem transforma-se em norma, toda vez que se assinala o que estaria permitido e proibido, delimitando os espaços de movimentação dos homens. Os atributos do que deve ser um homem foram identificados nos relatos dos entrevistados e também no âmbito das instituições públicas (Forças Armadas/Serviço Militar Obrigatório).

Sobre as investigações em torno dos homens/pais, “nos últimos anos a paternidade tem sido um passo fundamental para o caminho do homem adulto e que segundo a masculinidade hegemônica lhe dá novos sentidos a seus mandatos”.

---

<sup>4</sup> O termo varones ou varón significa homem (gênero masculino).

(VALDÉS; OLAVARRÍA, 1998, citados por OLAVARRÍA, 2001, p. 90). Em Santiago do Chile, nas últimas décadas, as condições de exercer a paternidade apontam para homens/pais envolvendo-se expressivamente nas atividades domésticas e participando mais ativamente da criação dos filhos. (SHARIM; SILVA, 1998; OLAVARRÍA; BENAVENTE; MELLADO, 1998). Esse processo também foi observado em investigações feitas na Colômbia, México e Peru, onde foi identificada a mesma situação entre pais de setores populares cujas mulheres estão se incorporando ao mercado de trabalho, e por isso não podem assumir o cuidado dos filhos menores. (OLAVARRÍA, 2001).

O espaço da criação e acompanhamento dos filhos – a reprodução generacional – tem sido um dos âmbitos da paternidade onde os efeitos da modernidade têm mostrado seu maior impacto na vida íntima do casal e das pessoas. Assim como se observa “uma distância do homem do modelo patriarcal, especialmente do exercício da autoridade e definição da ordem dentro do lar, no espaço da educação e acompanhamento dos filhos é possível observar maior participação e envolvimento dos homens/pais”. (OLAVARRÍA, 2001, p. 99).

O autor pôde constatar das investigações feitas com homens de Santiago do Chile, que:

tanto as masculinidades como as paternidades são construções culturais que se reproduzem socialmente no interior das famílias – de pais a filhos – na formação religiosa, na escolaridade, mediante políticas públicas, através dos meios de comunicação e, portanto, não se podem definir fora do contexto socioeconômico-cultural e histórico que estão inseridos os homens. (OLAVARRÍA, 2001, p.15).

As construções culturais a que se refere Olavarría (2001) também ocupam lugar no discurso de Françoise Hurstel (1999). Psicanalista e pesquisadora, apresentou em sua obra “As novas fronteiras da paternidade”, um estudo contextualizado, sem perder de vista a questão da função simbólica do pai, ao mesmo tempo em que inscreve a paternidade em um tempo histórico e em um contexto social. A autora sugere alguns questionamentos sobre o lugar que ocupa o pai, hoje, na família. O que foi feito da função paterna nesse período histórico? Quais são as condições de seu entrelaçamento cultural contemporâneo? Para responder tais questões, ela remete-se a duas experiências, a pessoal, sob o olhar da psicanálise, e a profissional, que considera inaugural e de grande relevância.

Percebe a paternidade inscrita em uma trama cultural diferente daquela conhecida até então. Sua obra resultou de uma pesquisa feita nos anos 70 na França com operários da Peugeot (emigrantes regionais) na qual estudou três gerações, a do pai em um meio rural, a do filho desenraizado, e, a do neto, que cresceu no meio urbano. Nesse estudo, a autora observou uma fragmentação da paternidade em diferentes componentes e uma desvalorização da imagem do pai.

É nesse percurso entre os estudos das histórias familiares e singulares e dos entrelaçamentos culturais, que Hurstel (1999) deparou-se com uma paternidade há 100 anos dominada por rupturas, transformando radicalmente a instituição do pai, deixando-a frágil, e o que antes era considerado autoridade de todo poder social e familiar do pai, foi tomando novos caminhos. De fato, as transformações na instituição do pai fragilizaram-se ao longo da história, segundo a autora. Contudo, não se pode afirmar que o exercício da função paterna não é mais o mesmo. Na verdade, a paternidade está se renovando à medida que se inscreve em um determinado contexto histórico e social, portanto, não se pode pensar que nos tempos atuais, onde o contexto é outro, o momento histórico é outro e onde os paradigmas estão em constante transformação, ser pai tem o mesmo significado e se lhe atribuem significações iguais àquelas pensadas no passado.

É importante transportar-se ao lugar onde a história se elabora, ao seio das histórias familiares e singulares, para não correr o risco de pensar certas situações e processos no sentido evolutivo, que vai do mais simples ao mais complexo ou de maneira linear e harmoniosa. Nessa perspectiva, Hurstel (1999) procura mostrar que o sujeito não é dicotomizado em sujeito da História de um lado e sujeito singular do outro, reduzindo a função paterna exclusivamente à dimensão da psicanálise ou à dimensão social. “[...] é em um espaço fronteiro – além de toda dicotomia, bem como de toda confusão – que se ata a questão do pai e que se persegue, de modo inédito e ainda incerto, o ‘ofício do pai’, de geração em geração”. (HURSTEL, 1999, p. 217). Seus estudos indicam que o “pai” é uma instituição em grande transformação, e que a história, o social e o cultural não são apenas simbolizados pelo sujeito de uma história que preexistia a ele, mas sim, que ele pode transformá-la a partir de seu contexto.

A construção social da paternidade tem lugar no entrecruzamento das representações culturais, nas instituições e na subjetividade. As práticas e significados das esferas que dispõe a paternidade, têm sentido em contextos sócio-

culturais específicos. Portanto, tornou-se evidente a importância de conhecer esse processo de construção social da paternidade, bem como, os sentidos a ela atribuídos.

## 1.2 CUIDAR DOS FILHOS: QUE ATRIBUIÇÕES SÃO ESSAS E DE QUEM SÃO?

Durante muito tempo, seja no espaço privado, seja no espaço público, houve uma associação entre o feminino e O cuidado dos filhos, sendo que a maternidade e o amor à criança pequena seriam da natureza dos instintos nas mulheres, demarcada pelo gênero e produzida por um processo de naturalização. Segundo Trindade (1991), ao pai ficou destinado o lugar de provedor-protetor ou o líder instrumental da família, enquanto a mãe assumiu o papel de líder expressiva-afetiva. Contudo, houve transformações ao longo dos anos, no próprio conceito de família e nas das relações de gênero.

Hoje a situação é diferente. Em diversas áreas da atividade humana os pais são reconhecidos não só como afetivamente importantes para os filhos como também aptos para providenciar todos os cuidados necessários para o seu bem-estar, inclusive aqueles antigamente restritos exclusivamente às mães. (TRINDADE, 1991, p. 30).

Foi a partir das décadas de 80 e 90 que os estudos sobre a paternidade indicaram o “surgimento de um pai cuidador, um novo pai, com uma **nova paternidade** em que há um envolvimento maior dos homens-pais nos cuidados dos filhos, acentuando as relações de afetos, a subjetividade e a liberdade no relacionamento familiar”. (RESENDE; ALONSO, 1995, p. 67). O que se pode perceber a partir dessa idéia é que há uma tendência em situar as discussões sobre a “nova paternidade”, como surgimento de um “novo homem”, configurando uma nova heterossexualidade”, na qual se insere uma crítica à masculinidade hegemônica<sup>5</sup> pensada no singular.

Um autor que aborda com propriedade aspectos da relação pai-filho é Michael Lamb. Juntamente com seus colaboradores (LAMB, 1983) têm enfatizado a necessidade de analisar melhor a atuação do homem na família e de investimentos em políticas sociais para dar suporte à participação masculina. Para Lamb (1997), a

participação do pai nos cuidados dos filhos parece estar diretamente ligada à relação de apego que este estabelece com a criança. Isso de certa maneira contesta o que afirmam algumas teorias biologicistas e desenvolvimentistas, sobre a maior “competência” e importância da mãe diante dos cuidados dos filhos pelo simples fato de tê-los gestado.

O autor deixa claro que as responsabilidades paternas e maternas, de certa maneira, independem de aspectos biológicos, salvo o fato da mãe amamentar o filho. Nesse sentido, o pai também tem condições de cuidar dos filhos e pode desenvolver essa participação com qualidade e efetividade.

Ao se falar em uma nova paternidade, é importante ressaltar que não se pretende relativizar o discurso sobre o tema, mesmo porque alguns estudos (RAMIRES, 1997; TRINDADE; ANDRADE; SOUZA, 1997) têm mostrado que ao mesmo tempo em que se fala do aparecimento de um “novo pai”, com a presença de significados e práticas que apontam a emergência de novas formas de expressão da paternidade, também é possível observar alguns aspectos de modelos, via de regra, hegemônicos.

Diante desse ir e vir das informações identificadas nos resultados das pesquisas, percebe-se a necessidade de explorar e compreender mais sobre o fenômeno da paternidade e sua relação com os cuidados dos filhos. Considerando a importância em avançar no conhecimento já existente e produzir novos conhecimentos, propõe-se neste projeto de pesquisa identificar quais os sentidos que adolescentes pais atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos.

---

<sup>5</sup> Entende-se masculinidade hegemônica como a atribuição de privilégio potencial de dominação e ascendência social aos homens, definindo a inferioridade do feminino e das masculinidades subordinadas (COSTA, 2002, p. 347).



## 2 O CONTEXTO DA PESQUISA

### 2.1 O PROBLEMA DE PESQUISA

Consciente do que afirma Amorim (1997), de que só há pesquisa se, desde o início, são formuladas questões que pressupõem uma problemática distinguindo pergunta e questão e compreendendo que esta só existe no interior de um campo teórico que orienta o rumo da pesquisa, as questões desse trabalho, citadas na introdução, foram formuladas a partir do campo teórico da perspectiva histórico-cultural. Nessa perspectiva, a problemática que se pretende investigar é: quais os sentidos que adolescentes/pais atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos?

O interesse pela paternidade na adolescência surgiu a partir de vivências pessoais que me fizeram questionar e refletir sobre os aspectos que levam um jovem pai a realizar, efetivamente, tarefas de cuidados com um filho, como dar banho, alimentar, trocar fraldas, cuidar quando está doente, brincar, entre outras. Interesse decorrente também de perceber a angústia vivida por alguns jovens pais a respeito do seu lugar, ou melhor, o não-lugar na dinâmica familiar, na divisão sexual do trabalho e, principalmente no que concerne às atribuições de cuidados com os filhos.

### 2.2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS

A proposta inicial do projeto de mestrado preconizava a participação de seis adolescentes/homens, com idade entre 15 e 19 anos<sup>6</sup>, que estivessem vivenciando a experiência da paternidade podendo ou não serem casados ou coabitarem com a mãe de seu filho. Tendo em vista a dificuldade em encontrar os adolescentes pais nesta faixa etária, foi necessário buscar outros jovens com idade até 24 anos e que foram pais com idade entre 15 e 19 anos.

---

<sup>6</sup> A idade dos sujeitos é baseada no referencial da Organização Mundial de Saúde (OMS).

paternidade na adolescência (ainda pouco visível nos trabalhos acadêmicos e nas estatísticas oficiais), além de outras vivências particulares. Assim, mesmo aqueles que já não são mais considerados adolescentes (conforme faixa etária definida pela OMS), mas que vivenciaram a experiência da paternidade na adolescência, foram ouvidos com o intuito de recuperar, através de seus depoimentos, os sentidos que a ela atribuem, considerando, no entanto, as possíveis diferenças com relação aos mais jovens que agora estão sendo pais pela primeira vez.

A pesquisa foi realizada em Rio do Sul, município de médio porte, com população em torno de 51.650 habitantes, de descendência germânica e italiana (dados do censo de 2000), situado no Ato Vale do Itajaí/SC. Segundo dados cedidos pelo IBGE, o município conta com um total de 11.663 jovens moradores da zona urbana, sendo, 4.637 de 10 a 14 anos, 882 de 15 a 17 anos, 1.867 de 18 a 19 anos e 4.277 de 20 a 24 anos.

Um método reflete sempre o olhar, a perspectiva que se tem das questões a serem estudadas. Ao considerar que o estudo de situações fundamentalmente novas exige inevitavelmente novos métodos de investigação e análise, olha os problemas humanos na perspectiva da sua relação com a cultura e como produto das interações sociais, percebendo como necessário um reexame dos métodos de pesquisa. Ele propõe, assim, que os fenômenos humanos sejam estudados em seu processo de transformação e mudança, portanto, em seu aspecto histórico. (VYGOTSKY, 1991, p. 38).

A principal fonte de informação da pesquisa foi o conteúdo do discurso dos sujeitos, que foi obtido através de entrevista semi-estruturada seguindo um roteiro pré-determinado, elaborado a partir de eixos temáticos. Os instrumentos utilizados na coleta das informações foram o “Diário de Campo”, onde foram anotadas todas as impressões e percepções durante os encontros com os sujeitos, o “Roteiro de Entrevista” (ver Apêndice B), composto de eixos temáticos - Identificação, Família de Origem, Paternidade e Cuidados dos filhos - e de perguntas norteadoras que serviram de guia para a pesquisadora, e o “gravador” - utilizado sempre com o consentimento do sujeito e posicionado de maneira a ficar visível e acessível para que pudesse ser desligado quando um dos sujeitos da situação assim o desejasse.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido também é um instrumento que foi usado nas entrevistas e contempla as normas éticas da pesquisa científica (ver Apêndice A). Foi entregue ao sujeito antes de iniciar as entrevistas para que

lesse e assinasse as duas vias, caso concordasse em participar. Uma via foi entregue ao sujeito e a outra ficou sob meus cuidados, assim como as fitas gravadas e as transcrições das entrevistas. Toda documentação permanecerá guardada em arquivo particular por um período de 5 anos e posteriormente será incinerada.

Outro cuidado necessário no processo de pesquisa deu-se com a identificação dos sujeitos. Optou-se por utilizar nomes fictícios para todos os jovens pais, com o objetivo de preservar sua identidade.

A pesquisa de campo iniciou no mês de maio de 2004, durante o qual foi realizada uma entrevista “piloto” com o objetivo de testar o instrumento de coleta das informações (roteiro de entrevista). O adolescente escolhido foi “Eduardo”, que tinha na época, 19 anos, trabalhava no setor de lavanderia de um hospital da cidade, era casado e pai de um menino de 2 anos. Eduardo foi escolhido por já ter um contato inicial comigo e por trabalharmos na mesma instituição. Conversei com o adolescente no dia 21 de maio, no hospital<sup>7</sup>, expliquei sobre a pesquisa e ele aceitou participar. Um dia antes de realizar a entrevista, entreguei a ele uma cópia do roteiro para que pudesse ler e fazer sugestões de alterações, caso considerasse pertinente. A entrevista foi realizada na minha sala de atendimentos no hospital e teve duração de 50 minutos. Pude perceber a importância de realizar a entrevista piloto e assim experimentar um contato inicial e me aproximar da realidade que iria enfrentar, as entrevistas posteriores. Após essa entrevista piloto, algumas alterações foram sugeridas pelo sujeito, como exemplo, modificar a pergunta sobre a etnia, por raça. As demais alterações foram na forma de perguntar, sendo que não se modificou o sentido da pergunta.

Inicialmente, a proposta era de selecionar os sujeitos na maternidade do Hospital Regional Alto Vale, uma entidade de fins filantrópicos, reconhecida de utilidade pública federal, estadual e municipal. A instituição é mantida pela FUSAVI (Fundação de Saúde do Alto Vale do Itajaí), a qual disponibiliza a infra-estrutura necessária ao atendimento em ambulatório e internação de pacientes portadores de todo tipo de doenças, bem como de parturientes. A intenção de realizar a pesquisa no hospital foi devido ao trabalho que este disponibiliza, através da humanização dos serviços, contemplando o parto humanizado, sendo que um dos requisitos para

---

<sup>7</sup> O local onde a pesquisa foi inicialmente realizada é o Hospital Regional Alto Vale, que será caracterizado posteriormente. A divulgação do nome do hospital foi feita com a devida autorização da diretoria da instituição.

o cumprimento dessa política é a presença de um acompanhante ou do pai da criança durante o parto.

Os sujeitos seriam escolhidos durante o horário de visitas da Maternidade do Hospital, que acontece no período das 9 às 21 horas, especialmente para o pai do bebê.

Antes de iniciar a coleta de dados, expliquei às funcionárias da maternidade a intenção da pesquisa e solicitei a colaboração delas para que, caso encontrassem algum adolescente pai circulando pelo andar, avisassem o mais breve possível. Outro contato foi com a secretária do cartório que faz os registros de nascimento dos bebês, no próprio setor da maternidade. Neste caso, houve certa dificuldade em encontrar os sujeitos, pois, nos registros de nascimentos, não consta o nome nem a idade do pai da criança. A secretária colocou-se à disposição, mas esclareceu a dificuldade da situação.

Durante os 30 dias do mês de junho não houve manifestação das funcionárias (enfermeiras e auxiliares) sobre a presença de algum adolescente pai no andar da maternidade. Foram várias tentativas sem sucesso e, diante da dificuldade em encontrá-los no hospital, como segunda opção, parti para o contato com algumas escolas. Porém, o contato com o primeiro sujeito aconteceu ainda no mês de maio, tendo em vista que já conhecia superficialmente a história deste. Sabendo que estudava em uma escola da rede privada do município, contatei com a direção e esta forneceu-me algumas informações sobre o aluno, para que eu pudesse fazer inicialmente um contato telefônico.

No dia 24 de maio aconteceu o primeiro contato com “Diogo”, com 15 anos de idade e pai de uma menina que nasceria no mês de setembro. O parto foi prematuro e o bebê nasceu no mês de agosto (aos oito meses de gestação). O contato com o sujeito foi realizado por telefone, quando me apresentei. Falei sucintamente sobre a intenção da pesquisa e perguntei do interesse e disponibilidade do sujeito em participar. No primeiro momento, Diogo disse que daria a resposta no outro dia, pois queria conversar com sua mãe. No dia seguinte, contatei novamente o sujeito e a resposta foi positiva. A entrevista foi marcada, conforme sua disponibilidade, para o dia 28 de maio, às 17 horas.

No dia da entrevista, Diogo compareceu no horário agendado e veio acompanhado de sua mãe até o hospital. Convidei a mãe para participar, mas ela negou e disse que apenas veio trazer o filho e que achava importante a participação

dele na pesquisa. A entrevista foi realizada na sala de atendimentos individuais da psicóloga do hospital (esta pesquisadora) e durou em torno de 40 minutos. Diogo parecia ansioso, preocupado, mexia-se na cadeira e, por várias vezes, pediu que não houvesse sua identificação na entrevista.

Continuando a busca por outros adolescentes pais, pelo fato de eu trabalhar dentro do Hospital, em alguns momentos foi possível circular pelos andares da maternidade na tentativa de encontrar os sujeitos da pesquisa. No dia 30 de maio havia naquele local um jovem com uma sacola com fraldas que estava olhando a vitrine onde ficam os bebês que estão na incubadora. Na ocasião, perguntei se ele conhecia algum daqueles bebês e ele disse que não, mas que o seu bebê estava no quarto junto da mãe. Ali se iniciou o primeiro contato com “André”. Informei sobre a pesquisa e perguntei se havia interesse dele em participar e ajudar na produção de conhecimento sobre o tema da paternidade. Houve o aceite e foi combinado que eu entraria em contato com ele para agendar a entrevista.

Na semana seguinte tentei contato telefônico com André e sua mãe disse que ele tinha saído para levar a esposa e o bebê ao médico. No outro dia entrei em contato novamente, sendo informada que André estava trabalhando e só retornaria à noite. Outras duas tentativas foram realizadas e, após a quinta ligação, foi possível encontrá-lo em casa. Marcamos a entrevista para dia 28 de maio, às 16 horas, no hospital. A entrevista durou em torno de 50 minutos e transcorreu tranquilamente. Apenas no início André aparentou estar um tanto impaciente ao responder às primeiras perguntas. André é um jovem de 19 anos, mora com a esposa e o filho de um mês e três semanas.

André foi o único sujeito que encontrei nas dependências do Hospital, durante os meses de maio a julho, que aceitou participar da pesquisa. Alguns dias depois, uma funcionária da maternidade avisou-me que havia um adolescente pai acompanhando sua companheira no quarto. Fui até o andar e conversei com o jovem cujo nome fictício é “Luiz Eduardo”, 17 anos, pai de um menino que acabara de nascer. Ao falar com o sujeito sobre a sua participação na pesquisa, ele prontamente aceitou e deixou seu telefone para contato posterior. Foram feitas sete ligações para marcar a entrevista, mas não consegui falar com o jovem. As justificativas da mãe e da irmã eram de que ele estava trabalhando. Em outras duas vezes foi possível conversar com Luiz Eduardo e marcar o horário da entrevista, porém, ele não compareceu e resolvi então desistir do contato com ele.

Conforme foi colocado anteriormente, percebi grande dificuldade em encontrar os adolescentes pais no local inicialmente proposto no projeto, o hospital. Parti então para a busca dos sujeitos em outros locais, como a Secretaria Municipal de Saúde, através das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) e as escolas públicas do município. O contato com esses dois órgãos foi concomitante e, através deles, encontrei mais seis sujeitos para a pesquisa (um de uma escola da rede pública estadual e três através das ACS).

O terceiro sujeito da pesquisa cujo nome fictício é “Jonas”, tem 17 anos, pai de um menino de 11 meses e foi encontrado através do contato com o orientador educacional de uma escola da rede pública da cidade. No dia três de junho, o orientador da escola marcou um encontro comigo e Jonas, às 20 horas, na escola. Neste dia, conversamos sobre a intenção da pesquisa e ele demonstrou interesse em participar. A entrevista foi agendada para dia 8 de junho, às 9 horas na sala de atendimentos do hospital e o sujeito compareceu na data e horário marcados, respondendo às perguntas no período de uma hora.

Outras cinco entrevistas aconteceram através do contato com as Agentes Comunitárias de Saúde que disponibilizaram os endereços dos jovens pais.

“Lucas”, 19 anos, pai de um menino de dois anos e 4 meses e uma menina de 1 ano e 3 meses, foi o quarto sujeito entrevistado. O contato com Lucas foi feito por telefone e a entrevista foi marcada para um domingo, às 13h30min., na sua própria casa. Ao chegar lá, fui convidada a sentar no “balancinho” das crianças. Ele ficou sentado no gramado, acendeu um cigarro e a entrevista iniciou ali mesmo, com as crianças brincando bem próximo, fato esse que ajudou a perceber um pouco a dinâmica familiar e o exercício da paternidade naquele contexto. Lucas autorizou a identificação de seu nome (mesmo assim foi utilizado nome fictício) e demonstrou grande interesse em assistir à Banca da Defesa da Dissertação de Mestrado. Durante a entrevista mostrou-se bastante espontâneo e à vontade para responder às perguntas.

O quinto sujeito da pesquisa é “Marcos”, tem 19 anos, é casado e pai de um menino de sete meses e 13 dias (na ocasião da entrevista). O contato com o jovem pai aconteceu por telefone, ocasião em que foi explicado o objetivo da pesquisa. A entrevista foi marcada para o dia sete de julho, na sala de atendimentos do hospital. Marcos compareceu na data e horário marcados e a entrevista durou cerca de 45 minutos.

O sexto adolescente pai é “Cris”, tem 19 anos, casado e pai de um menino de 4 anos. Foi indicado por uma ACS e reside num município vizinho. Optei por entrevistar Cris, mesmo não residindo no município proposto no projeto, considerando a dificuldade de encontrar os adolescentes pais. No dia 22 de agosto, entrei em contato por telefone com Cris e expliquei a intenção da pesquisa. Marcamos a entrevista para dia 23 de agosto, às 14 horas, em sua residência. Chegando lá fui recebida por ele, pela esposa e o filho, que ficaram presentes durante todo o tempo.

Conforme foi apresentado no início do capítulo sobre o método, a proposta era entrevistar seis adolescentes pais, mas, por não encontrá-los tão facilmente, foi necessário solicitar ajuda de outras entidades e pessoas. Neste sentido, além das informações coletadas com as ACS e escolas, conversei com os alunos do curso de Enfermagem da Universidade, pois leciono uma disciplina no curso. Na ocasião, recebi indicação (telefone) de dois jovens pais que os alunos conheciam e fui à procura deles.

Um deles é “Gabriel”, 16 anos, solteiro e pai de uma menina de um ano e dois meses. O primeiro contato com ele foi realizado por telefone, quando expliquei sobre a pesquisa e ele prontamente aceitou. Marcamos a entrevista para dia 26 de agosto, às 19 horas, na Universidade. No início, o jovem parecia tenso, e, com o passar do tempo, foi se tornando mais solto. Ele fez alguns desabafos e pediu orientações sobre decisões a serem tomadas em sua vida (contar para sua mãe sobre a paternidade, pois ela ainda não sabia que tinha uma neta). A entrevista durou 1h20min e foi a entrevista que considerei mais emocionante, talvez pela pouca idade e pelas revelações que o jovem pai fez sobre a paternidade.

“Antônio” é outro jovem indicado, tem 24 anos, casado, pai de uma menina de 8 anos, um menino de 6 anos e criou, desde bebê, o filho de sua esposa, hoje com 8 anos. O primeiro contato com o sujeito foi por telefone, falei um pouco sobre a pesquisa e combinamos que eu iria até sua residência para então explicar melhor a intenção da pesquisa.

A entrevista foi marcada para dia 30 de agosto, às 18 horas, em sua casa. Ao chegar lá, as crianças já estavam à minha espera, fui convidada a entrar e falei um pouco sobre a pesquisa. Houve o aceite e antes de iniciar a entrevista, como fiz em todas as outras ocasiões, entreguei uma cópia do Termo de Consentimento ao sujeito, e pedi que lesse e assinasse a outra cópia que ficaria comigo, para que

ficasse ciente dos aspectos legais da pesquisa. Subitamente, Antônio disse que não sabia ler nem escrever, pois nunca havia freqüentado a escola, e, no mesmo instante, sua esposa pegou uma agenda que estava próxima e escreveu o nome de Antônio para que ele pudesse copiá-lo. Perguntei se ele queria que eu lesse o Termo para eles, e ele disse que não precisava, pois sua esposa faria isso depois. Antônio assinou o Termo, e iniciamos a entrevista na sala de televisão, com a família reunida, os três filhos e a esposa, que em certas ocasiões opinava e respondia antes mesmo do marido. A entrevista não durou muito tempo, cerca de 40 minutos, pois em diversas perguntas o sujeito respondia sem discursar muito, parecia que estava constrangido e com receio de falar “errado” (por causa da escolaridade) e preferia que a esposa respondesse por ele.

No dia seguinte à entrevista com Antônio, conversei com “Gean”, 21 anos, divorciado e pai de um bebê que a mãe estava no sétimo mês de gestação. O primeiro contato foi pessoal, no dia 31 de agosto, sendo que o jovem veio até o hospital para fazer seleção no cargo de auxiliar de lavanderia e a entrevista foi realizada por mim. Ao tomar conhecimento que Gean seria pai e tinha 21 anos, convidei-o a participar da pesquisa e ele aceitou. A entrevista foi marcada para dois dias depois, às 9 horas, na sala de atendimentos do hospital. Gean compareceu à entrevista que durou 50 minutos, e ao término desta, entregou-me uma carta que fala de Jesus e dos mandamentos da sua igreja (evangélica), pediu que eu lesse e refletisse e depois foi embora.

### 2.3 OS PERSONAGENS PRINCIPAIS

Toda história conta uma história. Os personagens são pessoas, objetos, espaços que circunscrevem a trama imaginária e/ou real de um momento, de um instante ou até mesmo de uma vida inteira. Quem é você? De onde vem? O que pretende? As vezes sou, às vezes penso, nem sempre quero, nem espero... sou diferente de você ou simplesmente igual. (Autor desconhecido)

O pensamento acima retrata a importância de conhecermos o contexto e os participantes de uma história, de uma pesquisa, para que possamos nos situar no tempo e no espaço, a partir de um lugar de onde se fala ou onde se quer chegar.

Freitas (2002, p. 26) comenta que,



os estudos qualitativos com o olhar da perspectiva sócio-histórica, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto. Adota-se, assim, uma perspectiva de totalidade que, de acordo com André (1995), leva em conta todos os componentes da situação em suas interações e influências recíprocas.

Abaixo, serão apresentados os sujeitos da pesquisa considerados os personagens principais de uma história que pretende elucidar novos processos de pensar a paternidade na adolescência. Os dados sociodemográficos contendo nome, data de nascimento, escolaridade, estado civil, número de filhos, trabalho, renda mensal, religião e escolaridade dos pais dos sujeitos pesquisados, podem ser visualizados no Apêndice C.

#### “Diogo”

Jovem de 15 anos, solteiro, filho de empresários, é estudante do 2º ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada, e o segundo filho de uma família com três irmãos homens (20 anos, 15 anos e 3 anos). Mora com seus pais em um luxuoso apartamento. No dia em que foi feita a entrevista, Diogo completava trinta dias de trabalho como office-boy e atendente no posto de gasolina do pai. Perguntei se o fato de estar iniciando o trabalho naquele momento teria alguma relação com a paternidade e ele disse que não, pois o pai e ele já haviam conversado antes sobre trabalhar.

Diogo é pai de uma menina que, no mês de setembro, completou 2 meses de idade. No dia da entrevista ainda não havia nascido e a gestação estava no oitavo mês. Segundo ele, assim que o bebê nascesse iria morar com os pais da namorada, pois eles não têm planos de casar e pretendem esperar para decidir qualquer coisa. A convivência com a mãe de sua filha é freqüente, ambos estudam juntos na mesma sala e convivem como namorados.

Os pais de Diogo sempre participaram de sua educação e durante sua infância e adolescência sempre estiveram presentes, acompanhando seu crescimento e desenvolvimento. Quando soube que seria pai recebeu total apoio e consideração de sua família.

#### “André”

Um jovem de 19 anos, solteiro, estudou até a metade do 2º ano do Ensino Médio, trabalha em uma metalúrgica como operador de máquinas, tem apenas uma irmã adotiva de dois anos. O pai é pedreiro e a mãe “do lar”. André mora atualmente com sua companheira, a mãe de seu filho de um mês e três semanas. Residem em Rio do Sul, em casa própria que se localiza nos fundos do terreno da casa de seus pais. Desde os treze anos, André já trabalhava e ajudava seu pai como servente de pedreiro e, durante 6 anos, foi guardando dinheiro para construir sua própria casa. Seus pais sempre apoiaram as decisões do filho e ajudaram-no a conquistar seu sonho, que era construir sua casa e casar com a namorada assim que terminassem a casa e os estudos. A convivência com a esposa e o bebê é tranqüila, ele ajuda nos cuidados com o filho e sempre que não está trabalhando procura estar presente, ajudando nos afazeres domésticos e cuidando do filho. Quando André era questionado sobre a experiência da paternidade, por repetidas vezes afirmava que era a melhor coisa que lhe acontecera e que pretendia ter outros filhos em breve.

#### “Jonas”

É um jovem de 17 anos, solteiro que está terminando o ensino médio neste ano de 2004. Nos finais de semana trabalha como garçom no clube de que o pai é proprietário e, nos outros dias, ajuda na garagem de venda de carros que também é do pai. Jonas é pai de um menino de 11 meses. O bebê vive com a mãe, pois o casal não cohabita. São namorados há três anos e ainda não decidiram se irão casar. Os pais de Jonas são separados desde que tinha 15 anos e logo sua mãe foi embora para os Estados Unidos da América. Segundo ele, o motivo da separação dos pais é porque eles brigavam muito e a relação foi se desgastando. Atualmente Jonas mora com o pai e a madrasta em uma cidade do Alto Vale do Itajaí. A convivência com seu pai e a madrasta é boa. Quanto à convivência com a mãe, não há muito contato devido à distância.

#### “Lucas”

Tem 19 anos, é casado há quatro anos e meio, e estudou até a 7ª série do ensino fundamental. Atualmente Lucas trabalha como servente de obras para uma empresa de engenharia, reside em Rio do Sul, onde mora em casa própria e divide o espaço com sua esposa, os dois filhos, a irmã de 11 anos e seu pai. Aos dezessete anos tornou-se pai de um menino, que hoje tem dois anos e quatro

meses. Tem ainda uma menina de um ano e nove meses.

Em seus depoimentos Lucas não hesitou em demonstrar sua alegria e satisfação com relação à paternidade e ao convívio familiar, *“eles são o que me faz levantar de manhã para trabalhar, é o que faz chegar em casa com sorriso, é o que me faz levantar no domingo de manhã e fazer café pros três”*. Neste momento o jovem referiu-se aos dois filhos e à esposa.

A relação com seu pai é tranqüila e preservada sempre com muito respeito e dedicação. Ambos conversam sobre problemas da casa e do convívio familiar e o pai sempre apoiou Lucas em suas decisões. Nas entrevistas deixa claro a admiração pelo pai: *“eu tô numa grande fase com o meu velho, acho que um pai ideal é o meu pai...pra mim é”*. A mãe faleceu de câncer, quando Lucas tinha 16 anos, o que, segundo ele, marcou muito sua vida, pois tinha um contato muito próximo com a mãe *“(...) ela representa bastante saudade, representava que sempre fui mais apegado com a minha mãe”, “(...) eu sempre tive mais liberdade de expressão com ela, de conversar, trocar idéia foi sempre com ela”*.

Em seus depoimentos deixa claro o medo de perder o pai, assim como aconteceu com a mãe, e que a esposa, de certa forma, preencheu o espaço deixado pela falta da mãe *“(...) teve até uma coisa que favorece ela, depois que ela tava comigo a minha mãe faleceu, então eu passei a me apegar mais ainda a ela, entende!!”*.

#### “Marcos”

Um jovem de 19 anos, casado, pai de um bebê de sete meses e 13 dias. Atualmente mora com a esposa e o filho em casa alugada. Ambos têm o segundo grau completo. Marcos trabalha como recepcionista em um hotel e sua esposa é técnica em enfermagem. É o filho caçula de uma família com três irmãos homens. Viveu com sua família até os 16 anos e depois saiu da cidade onde nasceu e foi em busca de emprego. Foi criado pela mãe e pelos avós maternos, pois quando Marcos tinha quatro anos seu pai foi embora e até hoje nunca procurou a família e os filhos. O motivo da separação foi porque, segundo a mãe, o marido era muito “galinha”. A ausência do pai foi, de certa maneira, preenchida pelo avô materno, sendo que deixa claro em seus depoimentos: *“ah! meu avô foi tudo pra mim, foi meu pai”*.

Marcos tem uma ótima convivência com a esposa e o filho. Sempre que não está trabalhando, ajuda a cuidar dele e relata fazer isso com muito prazer. Antes

de ser pai tinha uma vida mais agitada e costumava freqüentar festas, porém, depois que soube da paternidade, a situação tornou-se diferente, a responsabilidade passou a ser uma característica indispensável no discurso do jovem pai: *“eu pensei, responsabilidade agora né, tem que mudar, porque nossa, eu era muito avoado!! (...) ah, mudei totalmente, era uma pessoa que saía em boate, não dava muita bola pro dinheiro, gastava a toa; mudou tudo, mudou minha cabeça totalmente”*.

“Cris”

É um jovem de 19 anos, casado, cursando o primeiro ano supletivo do ensino médio. É pai de um menino de quatro anos. Cris tem um irmão de 25 anos, reside com sua esposa e o filho em sua casa, localizada no mesmo terreno que a casa dos pais em um município vizinho a Rio do Sul. Trabalha como motorista e gerente de uma facção e sua esposa é costureira na mesma facção. Os pais trabalharam na roça e, segundo Cris, sempre estiveram presentes na educação e cuidado dos filhos. Quando a mãe não podia fazer alguma tarefa, o pai prontamente fazia. O convívio com a família era de muito respeito e seriedade, segundo os depoimentos do jovem. Ao pai estava delegado o lugar de respeito e nem sempre era possível fazer brincadeiras, pois não tinham liberdade para isso. Ele era bastante rigoroso em tudo, principalmente financeiramente, tendo em vista que a situação financeira da família não era muito boa.

O relacionamento com a esposa é ótimo. Segundo ele, ambos comungam das mesmas idéias e fazem planos para o futuro, como ter mais filhos assim que a situação financeira estiver estabilizada. Cris participa dos cuidados do filho e ajuda nas tarefas domésticas, sendo que eles se revezam, enquanto um está trabalhando, o outro cuida da casa.

“Gabriel”

Um adolescente de 16 anos, solteiro, cursando o primeiro ano supletivo do ensino médio, mora com os pais, o irmão de 25 anos (filho somente do pai) e a irmã de 13 anos. Gabriel trabalha à noite em um Cine Teatro, onde passa os filmes e, durante o dia, em uma empresa de informática fazendo a manutenção de computadores. O pai é o gerente do serviço de filmagem e trabalha à noite na bilheteria do Cine e, durante o dia, é o zelador de uma escola da rede pública. A mãe trabalha à noite na cantina do Cine e, durante o dia, cuida da casa.

Gabriel é pai de uma menina de um ano e dois meses, que vive com a mãe e os avós maternos em um município vizinho. A história de Gabriel de certa maneira causou-me surpresa quando foi relatada, pois, quando questionei sobre a atitude de seus pais diante da sua paternidade, ele falou que o pai deu-lhe total apoio, porém a mãe ainda não sabia que tinha uma neta. Enquanto falava, o jovem pai demonstrou angústia e relatou que em várias ocasiões chorava quando recordava a situação. Perguntei porque ainda não havia contado para a mãe sobre sua filha e ele disse que temia que ela jamais aceitasse o fato.

A convivência de Gabriel com o pai sempre foi muito sincera e tranqüila. A proximidade e o contato desde pequeno foram maiores com o pai, sendo que com a mãe havia certo distanciamento, pois, segundo seus relatos, a mãe apenas cobrava os resultados e não se preocupava em saber sobre os sentimentos do filho, “(...) *minha mãe sempre quis saber dos resultados, (...) no meu caso quem educou mais foi o meu pai, a minha mãe sempre deu importância só pro que é errado e o certo ela não valoriza, e isso me deixa triste*”.

#### “Antônio”

Um jovem de 24 anos, casado, pai de um menino de 6 anos e um menino de 8 anos (criou-o desde os 2 anos pois é filho de sua esposa com outro homem). Seus pais sempre trabalharam na roça e, depois de certa idade, Antônio passou a ajudar os pais no serviço. O trabalho impediu-o de estudar e, com isso, gerou dificuldades de conseguir um emprego. Antônio trabalha como pedreiro, a esposa é costureira e está afastada do trabalho por perícia médica. Ambos convivem harmoniosamente e quando Antônio chega do serviço procura brincar com as crianças para que não sintam tanto a ausência do pai.

#### “Gean”

É um jovem de 21 anos, pai de um bebê que a mãe está no sétimo mês de gestação, está divorciado há dois meses, cursou até a oitava série do ensino médio, porém não a concluiu.

A história de vida do jovem pai trata-se de uma “lição de vida”, como ele a significa. Seus pais se separaram quando tinha dois anos, pois o pai batia muito na mãe, que, após a separação, levou o filho para junto dos avós maternos, para que cuidassem dele enquanto procurava emprego. Neste meio tempo, o pai de Gean foi

à sua procura e, acompanhado de ordem judicial, obteve a guarda do filho, levando-o para morar consigo. Quando completou seis anos, seu pai colocou-o em um orfanato, onde viveu até os 14 anos. Com 12 anos, dentro do orfanato, começou a se tornar um usuário de drogas, usando desde maconha até o craque. Tempos depois, seu pai retornou ao orfanato com uma assistente social e ordem judicial e levou Gean para morar junto com sua família. Depois de certo tempo, a convivência começou a ficar tumultuada e muito difícil, pois Gean não deixou de usar drogas e o pai não sabia como lidar com a situação. As brigas começaram a fazer parte do cotidiano e Gean resolveu sair de casa em busca de serviço, mas o vício e a procura pela droga aumentaram e, segundo seus depoimentos, a droga começou a “afundá-lo” ainda mais.

A partir daí, foi para Machadinho/RS à procura de um tio, que lhe ofereceu serviço e alguns dias depois Gean procurou a assistente social da prefeitura pedindo-lhe ajuda para sua recuperação. Foi encaminhado ao centro de reabilitação, no qual conseguiu recuperar-se da dependência. Permaneceu lá por seis meses até a reabilitação e, posteriormente, trabalhou como cozinheiro até os 17 anos, como voluntário para o centro, como forma de expressar sua gratidão. No centro, Gean converteu-se à religião evangélica, à qual dedica toda sua recuperação.

Após os 17 anos, foi em busca de informações sobre seus familiares, deixou cartas, telefones e endereço nas rádios da cidade e, após algum tempo, sua mãe comunicou-se com ele. Conversaram e ele resolveu vir morar com a mãe na tentativa de encontrar um emprego. Um dia antes da entrevista, Gean estava fazendo seleção para o cargo de auxiliar de lavanderia no hospital em que a mãe trabalha. Quanto ao pai, ele não tem contato algum, apenas sabe onde mora e que dispõe de uma situação financeira boa, mas no momento Gean acha que não está preparado para conversar com o pai, pois ainda tem um pouco de mágoa sobre tudo o que viveu.

Gean mudou-se para Vacaria onde trabalhou em uma macieira, conheceu sua esposa e casou-se aos 19 anos. Segundo seus relatos, os dois ainda eram muito jovens e imaturos quando casaram, por isso resolveram ter um bebê a fim de “amadurecer” o casamento. Quando questionado sobre a separação, Gean disse que fazia dois meses que estavam divorciados, e o motivo era a desconfiança, pois havia encontrado cartas que a esposa recebia de um namorado do passado. A situação foi levada ao conselho da igreja e ficou decidido que seria melhor a

separação. Foi então que veio embora para morar com a mãe, deixando a companheira grávida em Vacaria. O contato com a ex-esposa acontece apenas no final de cada mês, pois Gean liga para avisar quando já pagou a pensão e para saber como está a gestação.

## 2.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A análise das informações foi feita a partir do conteúdo do discurso dos sujeitos e das observações exploratórias. Com esse tipo de análise pretende-se compreender o movimento dinâmico, histórico e cultural das significações, considerando que, o que se pretende investigar na presente pesquisa são “os sentidos que os jovens pais atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos”.

Após realizadas as entrevistas, estas foram transcritas na íntegra e separadas por “temas” mais gerais, a partir dos blocos temáticos propostos no roteiro de entrevista. Portanto, foram criadas categorias *a priori*, que foram: Família de Origem, Paternidade e Cuidados. Depois, essas “grandes categorias” foram trabalhadas com o intuito de elaborar “categorias” mais específicas que permitissem a interpretação do material.

As categorias de análise foram surgindo das falas dos próprios sujeitos, “elas vão sendo criadas, à medida que surgem nas respostas, para depois ser interpretadas à luz das teorias explicativas”. (FRANCO, 1994, p. 176).

Ao analisar o material colhido no campo, procurando compreender o que emergiu numa situação de observação ou de entrevista, é que se perceberam os pontos de encontro, as similaridades, bem como as diferenças, a particularidade dos casos. Considerando que durante as entrevistas alguns informantes “traziam” outras falas, que não eram especificamente as respostas às perguntas feitas pela pesquisadora, foi necessário incluir algumas questões durante a dinâmica da entrevista e, portanto, nem todas as perguntas foram feitas a todos os sujeitos, ou então, perguntas que foram feitas para alguns jovens, não foram feitas a outros. Sobre isso Freitas (2002, p. 26) comenta:

As questões formuladas para a pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas se vai ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento.

A maneira com que foram colhidas as informações dos jovens pais, com entrevistas semi-estruturadas, foi possível aproximar-se da realidade dos sujeitos, à medida em que pude entrevistar alguns jovens em sua própria residência e observar um pouco da dinâmica estabelecida na casa. Cabe ressaltar que no primeiro contato por telefone, os sujeitos pareciam pouco interessados na pesquisa, mas, ao iniciar as entrevistas demonstraram entusiasmo e estavam à vontade para falar do assunto sobre “o ser pai”.



### 3 FAMÍLIA DE ORIGEM: UM RESGATE DA HISTÓRIA DOS JOVENS ENTREVISTADOS

Considerando que o presente trabalho está fundamentado na perspectiva histórico-cultural, fez-se necessário conhecer um pouco a história da família dos jovens entrevistados a fim de resgatar informações sobre sua convivência e dinâmica no contexto familiar. É através da família que o sujeito é introduzido nas normas sociais. Pode-se dizer que a família “marca” o sujeito profundamente, pois é nas relações intrafamiliares que se constróem os laços afetivos e a convivência com o outro. Segundo Bruschini e Ridenti (1993), as famílias são unidades dinâmicas de relações sociais no interior das quais ocorre a reprodução biológica, a produção doméstica, o consumo, a socialização de valores. Todavia, essas são também marcadas pelo tempo e pelo espaço social, onde constituem sujeitos e por eles são constituídas. Nesse sentido, algumas indagações foram feitas aos informantes da pesquisa, a fim de identificar, até que ponto os sentidos produzidos pelos jovens pais sobre o cuidado dos filhos são engendrados e têm decorrências na sua convivência com a família de origem.

Uma das questões do roteiro de entrevista tratou da profissão dos pais do sujeitos entrevistados. No quadro abaixo é possível visualizá-las de forma clara. Os pais de Gabriel e Cris, por exemplo, dividem o mesmo local de trabalho com os filhos, porém têm atribuições diferentes. Outro aspecto que chama atenção é que, dos nove pais dos sujeitos, sete realizam algum tipo de trabalho desde que os filhos eram pequenos. No quadro abaixo é possível observar a distribuição das profissões dos pais dos entrevistados.

**QUADRO 1 – DISTRIBUIÇÃO DA PROFISSÃO DOS PAIS DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS**

<b>NOME DOS SUJEITOS</b>	<b>PROFISSÃO DO PAI</b>	<b>PROFISSÃO DA MÃE</b>
André	Pedreiro	Do Lar
Lucas	Vigia noturno	Falecida
Antônio	Carpinteiro	Do Lar
Gean	Comerciante	Serviços Gerais
Diogo	Microempresário	Microempresária
Jonas	Comerciante	Cabeleireira nos EUA
Marcos	Sapateiro	Técnica em Radiologia
Cris	Operador de máquinas	Auxiliar de produção
Gabriel	Vigia noturno no colégio e comerciante (proprietário do cinema)	Cuida da cantina do cinema à noite.

Mais adiante no texto pode-se identificar que, mesmo a mãe trabalhando fora de casa, como acontecia na casa de seis informantes, os cuidados básicos com os filhos e os afazeres domésticos eram assumidos por ela, com exceção da mãe de Diogo, que tinha empregada doméstica para cuidar da casa.

Dos nove sujeitos pesquisados, cinco deles permanecem vivendo e dividindo o mesmo espaço com os membros da sua família de origem e não convivem com a mãe de seus filhos. Diogo convive com seus pais e um irmão de três anos. O irmão de 21 anos não mora junto da família, pois faz curso universitário em outra cidade. Jonas mora com o pai, a madrasta e uma irmã, que é filha de seu pai com a atual esposa. Seus pais se separaram quando ele tinha 12 anos e, logo após, sua mãe foi embora para os Estados Unidos da América. Gean morou com os pais até os dois anos de idade quando então se separaram, e a mãe levou o filho consigo. Diante da dificuldade de encontrar trabalho, a mãe deixou o filho na casa dos avós maternos e, após certo tempo, seu pai, sabendo que o filho estava sob os cuidados dos avós, foi buscá-lo com ordem judicial. Até os seis anos viveu com o pai e a madrasta, e quando completou seis anos, o pai resolveu colocá-lo em um orfanato, no qual viveu até os 14 anos. Na data em que foi realizada a entrevista, Gean estava morando com a mãe, pois foi em busca de notícias da família e conseguiu encontrá-la. Ele vivia com a mãe há duas semanas, porque se separou da esposa e veio embora para a cidade em que a mãe mora.

Gabriel é outro jovem que permanece co-habitando com a família de origem. Divide a casa com mais 4 pessoas, sua irmã de 13 anos, o irmão de 25 (filho de seu pai com outra mulher), o pai e a mãe.

No caso de Lucas, a família atual divide o mesmo espaço com a família de origem, ou seja, moram na mesma casa, sua esposa, seus dois filhos, sua irmã (tem 11 anos e é filha de seu pai com outra mulher) e seu pai. Sua mãe é falecida.

Os outros quatro sujeitos, André, Antônio, Cris e Marcos, não moram mais com a família de origem, e sim com a família que constituíram atualmente. Entretanto, mesmo não convivendo mais na mesma casa que os pais, André e Cris têm sua casa construída no mesmo terreno que a dos pais. Na verdade, o fato de não morarem com eles, não significa que possuam autonomia financeira, pois a relação de ajuda dos pais para com os filhos ainda permanece na dinâmica familiar de alguns dos jovens entrevistados. Conviver com alguns membros da família de origem tem suas vantagens, como é o caso da avó, que passa a ser um recurso

acionado pelos jovens com a chegada de um bebê. Na casa de Cris e André, a avó participou efetivamente nos primeiros meses de vida do neto, pois os entrevistados moravam próximo de suas mães. Em outros casos, como de Diogo, Gean e Gabriel, quem ajuda a cuidar dos filhos é a avó materna, pois a mãe de seus filhos permanece morando com a família de origem.

Conforme assinala Hurstel (1999), adotar formas alternativas de convivência familiar torna-se cada vez mais uma prática freqüente em nossa sociedade. São criados novos espaços para a manifestação diferenciada da paternidade e conseqüentemente novos arranjos familiares. Se, de um lado, exigências sociais operam pulverizando a figura do provedor, de outro, as famílias buscam se organizar cada qual à sua maneira, sem necessariamente reproduzir o modelo da família patriarcal. Esses apontamentos podem ser verificados na rotina de vida dos jovens pesquisados, na medida em que vão se organizando conforme suas possibilidades, ora dividindo o mesmo espaço doméstico com seus pais ou com os pais da companheira, ora procurando seu próprio lugar para morar.

### 3.1 O TRABALHO JUNTO AO PAI

O trabalho é considerado, conforme já foi citado por vários autores (COSTA, 1994; NEVES, 1985; ARILHA, 1999), um eixo importante para adquirir e manter o reconhecimento social e produzir continuamente a hombridade. O sentido do trabalho para os jovens pesquisados, passou a ser o atributo principal para garantir o sustento da família e, assim, cumprir com a função de chefe de família, que tem amor e responsabilidade. Para Fuller (2000), amor e responsabilidade seriam, então, afetos centrais na identidade masculina, assim como outros autores têm evidenciado a relevância da responsabilidade na constituição da identidade subjetiva masculina. É nessa perspectiva que se partiu para o roteiro de entrevista, explorando com os informantes, as perguntas sobre o trabalho.

Os nove sujeitos entrevistados relatam ter iniciado o trabalho desde muito cedo, mesmo que este não tenha sido necessariamente um trabalho formal. Gabriel relata que começou a trabalhar com 11 anos, sendo que seu pai cuidava do Cinema da cidade e atribuía ao filho a tarefa de passar os filmes. Em suas falas, Gabriel não esconde o prazer em realizar o trabalho, pois gostava do que fazia. *“Com 11 anos*

*comecei a passar filmes, era muito legal!*". (Gabriel).

Cris é um jovem que trabalha desde os 12 anos de idade. Em sua fala, não hesita em demonstrar entusiasmo e orgulho ao afirmar que sempre trabalhou. Sua primeira atividade foi de dobrar roupas (facção de jeans), na empresa em que hoje trabalha como gerente de produção. *"Sempre trabalhei, desde os 12 anos eu trabalho!!"*. (Cris).

Antônio relata que trabalhou desde muito cedo. Tal afirmação decorre do fato que o jovem trabalhou na roça desde muito pequeno, ajudando seus pais. Antônio não recebia pelo trabalho, nem mesmo quando passou a morar e trabalhar com o tio em outra cidade. Para tanto, o que recebia era comida e abrigo em sua casa. Em trechos de seu discurso, o jovem atribui o fato de nunca ter estudado, à necessidade de trabalhar e, por isso, não ter tido essa oportunidade. *"É que eu comecei desde cedo trabalhar e não tive oportunidade"*. (Antônio).

André não recorda ao certo a idade em que iniciou a atividade laboral. Comenta que começou a ajudar o pai como servente de pedreiro, por volta dos 13 anos de idade. *"Comecei acho que tinha uns treze anos, com o meu pai. Não tenho certeza!!"*. (André).

Assim como André, Diogo e Jonas também começaram a trabalhar no mesmo serviço que o pai. Jonas comenta que já conseguia "se virar" sozinho desde os 13 anos e trabalhava como garçom no bar do qual o pai é proprietário. No caso de Diogo, este relata que começou a trabalhar no posto de gasolina do pai, há pouco menos de um mês da data da entrevista.

O trabalho se impõe como referência e afirmação da identidade masculina e atua sobre o modo de conceber a paternidade. Sarti (1996, p. 66) observou que:

[...] a identidade masculina, na família e fora dela, associa-se diretamente ao valor do trabalho. O trabalho é muito mais do que o instrumento da sobrevivência material, mas constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem.

Enquanto falavam sobre o início da atividade laboral, os jovens pesquisados pareciam referir-se ao trabalho como algo "natural" à figura masculina, visão que, com a chegada da paternidade, acabou se fortalecendo ainda mais.

Um fato interessante de observar é que cinco informantes, Gabriel, André, Antônio, Diogo e Jonas começaram a trabalhar junto ao pai, fazendo a mesma

atividade ou dividindo o mesmo local de trabalho. Talvez, para os pais dos jovens pesquisados, uma forma de garantir o início da atividade laboral seria oferecer ao filho a oportunidade de compartilhar e ter como referência seus ensinamentos. Aqui, portanto, surge o pai como aquele que introduz o filho no universo do trabalho.

Lucas, Marcos e Gean tiravam seu sustento fazendo “bicos” em um trabalho informal. Ter o próprio dinheiro e não precisar depender dos pais, sempre foi prioridade na vida de Lucas, que desde os 14/15 anos começou a oferecer seus serviços como ajudante de pedreiro e de pintor. *“Com 14/15 anos. Pra mim ter meu próprio dinheiro, depender de mim mesmo e não só pedir pra eles”*. (Lucas). A atividade de Marcos era o esporte, do qual, desde os 15 anos usufruía como fonte de renda para seu sustento. Além de jogar basquete, ele também ajudava o tio no comércio. *“(…) eu jogava e fazia uns bicos”*. (Marcos). No caso de Gean, o fato de ter vivido dos seis aos 14 anos em um orfanato impediu-o de trabalhar em outros locais. Após ter saído do orfanato, foi em busca de trabalho e quando entrou para o Centro de Recuperação para Dependentes Químicos, começou a trabalhar como voluntário para o próprio Centro. Trabalhou de cozinheiro até os 17 anos, sendo que não quis receber dinheiro pelo trabalho prestado. Fez isso em gratidão pelos membros do Centro e pela ajuda que ali recebeu.

De modo geral, no discurso dos sujeitos ficou evidenciado que o trabalho, além de consolidar a identidade masculina, é fonte de prazer e orgulho, mas também significa produção de bens para garantir e manter a ordem familiar. Estudos etnográficos revelam que em todas as sociedades há sempre uma forma de organização do trabalho, no qual os homens têm sua participação na criação e cuidados dos filhos. Margaret Mead (1971) interpreta como uma conduta nutridora do homem a busca por alimentos para a mulher e a prole. O homem aprende que deve alimentar e cuidar dos que fazem parte do seu círculo de convivência. Acontece em muitas culturas que o pai represente uma figura importante na educação e formação do filho. Entretanto, essas concepções variam de cultura para cultura e, no caso da realidade pesquisada, a conduta do pai como nutridor, citada por Mead (1971) corrobora em parte com a dinâmica que os jovens entrevistados tinham, quando pequenos, na convivência com a família de origem. Alguns pais preocupavam-se mais com a busca pelo sustento e educação dos filhos, enquanto outros dividiam as tarefas com a mãe e hoje, alguns jovens participam na distribuição das despesas da casa.

No período em que moravam com os pais, alguns deles trabalhavam e ajudavam nas despesas da casa, como é o caso de André, que sempre colaborou. A ajuda era recíproca, uma vez que seus pais ajudaram a construir sua casa, para que pudesse morar com a companheira, e, ao mesmo tempo, André ajudava nas compras de mercado e outras despesas.

*“Eu trabalhava (...) é, eu dava [o dinheiro que ganhava] pro meu pai, pra minha mãe. E daí nós resolvemos comprar as coisas pra construir. Daí o pai comprava as coisas para a minha casa também eu ajudava, fazia compras e outras coisas também, e dava pro meu pai, pra minha mãe”.* (André).

Mais uma vez, Cris não esconde o orgulho em afirmar que sempre trabalhou e ajudou seus pais nas despesas. Os pais de Cris também colaboraram e continuam ajudando quando o filho precisa de um apoio financeiro. Em seus relatos, afirma que sempre foi uma relação de “troca” com os pais.

*“Sempre eu tirava 50, 60 reais por mês e ajudava, depois quando eu fui ganhando mais ai eu ajudava com mais, e o que sobrava era tudo pra mim. Eles ajudam, às vezes quando eles precisam, eu ajudo eles e quando é um mês que eu não posso eles ajudam porque, por exemplo, aqui onde eu moro eles deram tudo, até os móveis, nós não compramos nada, então até há dois anos atrás eles não cobravam nada, davam comida pra nós porque eu não conseguia me sustentar sozinho daí agora que eu e a minha esposa trabalhamos, ai a gente ajuda eles, é uma troca”.* (Cris).

A dinâmica familiar de Gabriel não é muito diferente da de Cris, no que diz respeito à relação de troca que se estabelece dentro da família. Gabriel ainda convive com os pais e relata que sempre procurou dividir as despesas. Quando seu pagamento já terminou, seus pais retribuem a ajuda que o filho oferece. *“Sim, nós dividimos tudo, às vezes precisa ir no mercado eu vou lá e compro. (...) às vezes eu já torrei a grana toda e eles me oferecem ajuda”.* (Gabriel)

No caso de Antônio, não houve divisão nas despesas de casa, tendo em vista que o jovem trabalhou na roça e não recebia remuneração dos pais pelo serviço prestado. Gean também não ajudou nas despesas de casa, pois viveu no orfanato até 14 anos e, quando saiu de lá, não contatou sua família durante muito tempo. Atualmente, Gean mora com a mãe, pois está desempregado e não pode ajudá-la. Nesse caso, é a mãe quem o ajuda a pagar suas despesas.

Outro sujeito que também colabora nas despesas da casa é Lucas.

Quando tinha 16 anos, sua mãe faleceu e, na época, o filho, que ainda era menor de idade, tinha direito à pensão de sua aposentadoria, sendo que Lucas passou a receber o pagamento para o resto de sua vida. A metade da pensão, ou conforme necessário toda ela, o jovem entrega ao pai, como forma de ajudar nas despesas da casa. Quanto ao seu salário, Lucas gasta nas despesas com os filhos e a esposa.

*“É assim ó, quando minha mãe faleceu, eu tinha 16 anos e era de menor. Naquela época, tinha aposentadoria para os menores, então eu recebi uma pensão de 380,00 por mês e eu recebo para o resto da vida isso. Então eu deixo a metade dela com meu pai, as vezes deixo tudo, conforme é melhor para ele. E também tem o meu salário que eu gasto comigo, com a Dani [esposa] e com as crianças”.* (Lucas).

Outros dois sujeitos entrevistados, Marcos e Jonas, sempre trabalharam para o seu próprio sustento, sendo que não precisavam ajudar nas despesas de casa. Quando os pais solicitavam, eles auxiliavam, mas isso acontecia poucas vezes. *“Não, nunca. Nunca precisou, né. Eles ajudam, ajudam, sempre que eu peço ajudam mais, não que eu peço mas ajuda, mais se um dia eu precisar, eu sei que tem. Desde os 14 anos pra cá, 13 anos. Já se virava”.* (Jonas).

Para Marcos, o dinheiro que ganhava era para seu próprio benefício e divertimento. *“Não, era mais pra mim, pro meu divertimento mesmo, nunca precisou. Porque assim, alguma coisa a gente ajudava, mas nem sempre, raramente”.* (Marcos). Diogo, por sua vez, mora com os pais, está trabalhando há menos de 1 mês na empresa do pai e não ajuda nas despesas da casa. *“O dinheiro é pra mim!”.* (Diogo).

### 3.2 A MÃE ERA QUEM CUIDAVA

As tarefas relacionadas aos cuidados com os filhos foram historicamente atribuídas às mulheres, especialmente à mãe. Nos relatos dos jovens entrevistados, é possível identificar que à figura materna é atribuído o lugar de cuidadora. Foram feitas várias perguntas aos jovens pais, sobre quem realizava o cuidado quando bebê, quem era destinado a atender as tarefas escolares do filho, quem tinha a função de levar o filho à escola, quem participava das reuniões escolares, quem levava ao médico, quem fazia dormir, a quem era atribuída a tarefa de cuidar da

higiene do filho e as tarefas domésticas. Tais questionamentos apresentaram-se relevantes, considerando que se pretendeu investigar como problema de pesquisa, *“os sentidos que os adolescentes pais/homens atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos”*.

As atribuições referidas acima deram destaque à figura materna como cuidadora. Quatro sujeitos relatam que, enquanto eram bebês e após certa idade, sempre foi a mãe a personagem principal nos cuidados do filho.

*“Minha mãe! Até os 10 anos era minha mãe né”*. (Antônio).

*“Minha mãe. Um pouquinho a gente sempre lembra né, não de bebê, mais assim de uns 5,6 anos”*. (Jonas).

*“Mais a mãe! Sempre foi a minha mãe (...)”*. (Cris).

*“É, a minha mãe sempre cuidou. Sempre foi minha mãe. Desde, desde sempre foi a minha mãe, desde ... sempre, sempre, desde pequenininho minha mãe cuidou de mim”*. (André).

No caso de Diogo, havia a presença da avó e de uma babá, que auxiliava na casa e nos cuidados das crianças. A presença da empregada doméstica entre as camadas sociais com maior poder aquisitivo, como é o caso da família de Diogo, constitui uma característica da sociedade brasileira, de acordo com Saffioti (1994). De certa maneira, a presença da empregada doméstica tira das mãos da mãe os afazeres domésticos que são repassados para as mãos de outra mulher de classe social menos favorecida.

Das tarefas escolares, três sujeitos relatam que a mãe era quem ajudava. Jonas atribui o cuidar das tarefas da escola, como algo inerente à mulher/mãe, quando relata *“é, nas tarefas da escola é sempre aquela coisa mais de mãe assim né. Ela sentava junto e tinha que fazer”*. (Jonas).

Lucas e André também afirmam que a mãe sempre acompanhou os filhos nas tarefas escolares. Lucas atribui maior proximidade com a mãe, pois relata que sempre teve mais liberdade com ela, e era ela quem auxiliava nos deveres escolares. *“A mãe, sempre a mãe que ajudou. Não sei, acho que porque eu sempre tive mais liberdade de expressão com ela, de conversar, trocar idéia foi sempre com ela”*. (Lucas).

No caso de levar os filhos à escola, também era dever da mãe tal tarefa, conforme seus relatos.

*“Minha mãe levava”*. (André).



*“A minha mãe. A primeira vez quem me levou no colégio foi minha mãe. (...) ela me ensinou o caminho né, que por exemplo a creche era ali né, que a primeira creche que eu freqüentei foi ali né, aí no caso era pertinho e eu ia sozinho. (...) só que depois freqüentemente quem buscava o boletim, ia lá quando eu aprontava, era o pai, porque ela trabalhava no período que eu estudava”.* (Lucas).

Dois jovens pais, Marcos e André, relatam que a mãe tinha a tarefa de participar das reuniões escolares. *“A mãe!”.* (Marcos); *“A minha mãe. Meu pai trabalhava de dia, até mais tarde, daí minha mãe ia”.* (André).

Quando questionados sobre quem os fazia dormir, cinco sujeitos (André, Antônio, Diogo, Cris e Marcos) responderam que era a mãe. Marcos, por sua vez, relatou que até os 15 anos ainda dormia com a mãe. *“Sempre dormi com a minha mãe [risos]. Até os 15 anos, a gente sempre dormiu junto, na cama”.* (Marcos).

Os cuidados com a higiene foram relatados por dois jovens entrevistados, André e Antônio, como sendo tarefa destinada à mãe. Assim como com as tarefas domésticas, Lucas, Jonas e Gabriel asseguram ser a mãe a responsável por esses afazeres. Porém, Gabriel relata que tanto ele quanto o pai também colaboram com a mãe nas tarefas domésticas. *“A mãe faz, mas de vez em quando ele lava louça... eu também faço!”.* (Gabriel).

*“A mãe! Sempre a mãe! Só lembro de o pai ter feito tarefa doméstica quando a mãe tava esperando minha irmãzinha, no caso, de certo quando ela tava me esperando também foi o mesmo procedimento”.* (Lucas).

Para Lucas e Jonas, as regras dentro de casa eram impostas pela mãe. Ambos relatam que a mãe era quem “batia” e do pai nunca haviam apanhado. *“A minha mãe era mais agressiva, meu pai já não, que eu lembro ele me bateu até hoje uma vez, agora minha mãe... castigo, palmadas, essas coisas assim”.* (Jonas).

*“Do meu pai eu nunca apanhei, só da mãe! Depende no nível da arte, quando eu era grande apanhava, quando era pequeno era bronca e castigo. [A mãe batia mais porque ela estava mais em casa?]. Não, porque ele era mais sossegado”.* (Lucas).

Conforme é possível perceber, a divisão das tarefas de cuidados despendidos pela mãe é atravessada por funções de educar, proteger, atender as necessidades mais básicas e também, colocar os limites para os filhos, segundo relatos de dois sujeitos (Lucas e Jonas). Poderia-se pensar que a mãe, por estar mais tempo em casa, seria encarregada de colocar as regras naquele contexto,

porém, Lucas relata que o pai era mais tranquilo e paciente, e portanto, a mãe acabava repreendendo mais.

A história dos jovens pesquisados é marcada por relações de cuidados, com maior proximidade e contato com a figura feminina, no caso a mãe ou uma avó. A família de origem estava organizada de maneira tradicional, cabendo à mãe o gerenciamento da casa. Cabe ressaltar, como mencionado no início deste capítulo, que, as mães dos informantes (Lucas, Gean, Jonas e Marcos) tinham seu trabalho durante o dia ou à noite e, mesmo assim, cuidavam da casa e dos filhos.

De maneira geral, as descrições que os entrevistados fazem sobre a convivência com seus pais e mães e das relações entre eles, evocam o “modelo do pai-provedor, mãe-dona-de-casa” (BADINTER, 1992), comum a todos os países ocidentais ou ocidentalizados. Um sistema familiar estruturado pelo gênero e pela geração, caracterizado pela postura da mãe como cuidadora e porta-voz da autoridade atribuída ao pai. Desta estruturação pode decorrer um estilo de relações entre pais e filhos, um modo específico de exercício da paternidade e da maternidade. No entanto, as relações que se estabelecem entre pais e filhos na dinâmica familiar dos jovens entrevistados, apresentaram-se um tanto diferenciadas daquelas que aconteciam na infância, na convivência com a família de origem. Na condição de pais, relatam que participam não só como provedores financeiros, mas também como educadores e cuidadores dos filhos, liberando, muitas vezes, a mãe das tarefas de atenção básica (alimentar, trocar, dar banho).

Toda essa oscilação identificada nos relatos dos sujeitos, sobre os “lugares” ocupados pelos homens e mulheres no trato com os filhos, não é algo inerente a essas categorias, mas é decorrente de histórias, culturas, lugares e modos de vida. Um autor que aponta para essa reflexão é Keijzer (1995). Para ele, a paternidade é uma posição e uma função que vem mudando historicamente e tem sofrido variações notáveis de uma cultura para outra, assim como nas distintas classes sociais e etnias dentro de um mesmo país. Também apresenta especificidades de acordo com o tempo e a história de vida particular de cada sujeito, além de significados distintos ao longo do ciclo de vida de um mesmo homem.

Keijzer (1995, p. 23) conclui que, “mais do que falar de paternidade como um tipo de relação, universal e predeterminada dos homens com seus filhos e filhas, é preciso falar em paternidades, no plural, porque existem formas bastante diversas

de exercer a mesma”. Tudo isso foi identificado no discurso dos jovens pais pesquisados, na medida em que suas histórias são marcadas por relações diferentes em cada família. Para alguns informantes, as formas de exercer a paternidade apontaram semelhanças com as vivenciadas com seus pais, enquanto que para outros foi marcada por diferenças nas relações de cuidados e convívio com os filhos. Não há, portanto, uma linearidade no exercício da paternidade, tampouco na dinâmica de vida no interior de uma mesma família.

### 3.3 O LUGAR QUE O PAI OCUPAVA

Durante muito tempo o homem encontrou dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai e manteve-se protegido no silêncio, comprometendo qualquer possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Alguns autores, dentre eles Figueira (1987), atribuem as transformações sócio-culturais que atingiram a família contemporânea ao acelerado processo de modernização que ocorreu no Brasil nos últimos trinta anos. Entretanto, com a introdução da mulher no mercado de trabalho, ao lado de movimentos sociais como o feminismo, que impulsionou as mulheres a conquistar seus direitos, a cultura apoiada no patriarcalismo que reservava ao homem um lugar acima da trama doméstica foi sofrendo modificações, lenta e progressivamente, a partir de transformações na sociedade e na família. Porém, isso não permite necessariamente afirmar que a mudança de hábitos tenha acompanhado o ritmo das transformações de valores.

O que se pode perceber nesta e em outras pesquisas sobre a paternidade é que subsistem, ainda, no imaginário social, marcas da estrutura tradicional, ao mesmo tempo em que, conforme apontam Gomes e Resende (2004), não há, talvez, em qualquer família, vigência de modelos homogêneos: contingências sociais, econômicas e culturais articulam-se aos fatores individuais e emocionais, reorientando a organização da família. Para tanto, redefinem-se as relações internas e externas. Tais redefinições podem ser observadas nos relatos dos sujeitos, quando falam da participação de seu pai no cotidiano da família. As atribuições e tarefas dos pais (na família de origem) para com os filhos não acompanhavam um movimento linear, sendo que nem todos os entrevistados apontaram a figura

feminina como exclusivamente responsável pelo espaço doméstico.

Também no que diz respeito ao acompanhamento nas tarefas escolares, levar o filho à escola e participar das reuniões escolares, os relatos apontam para um número pequeno de sujeitos que afirmam ter sido o pai o responsável por essas tarefas. Gabriel demonstrou maior afinidade com seu pai, e relata que a mãe quase não participou dessas tarefas. Em contrapartida, com relação aos cuidados de higiene e alimentação, sempre foram tarefas realizadas por ela.

[Cuidados com a higiene] *“A mãe”* [Tarefas escolares] *“Meu pai!, sempre o pai.”* [Ao levar à escola] *Meu pai!!! Desde pequeno! Uma vez ele me deixou cair de cabeça pra baixo da bicicleta e ficou segurando só por uma perna...[risos].*[Reuniões na escola] *Meu pai!!! A mãe ia mais pra reunião da catequese e como meu pai trabalha no Paulo Zimmermann [escola da rede pública] ficava mais fácil porque eu estudava lá.* (Gabriel).

Uma das perguntas feitas aos jovens pais, foi com relação a quem brincava e que tipo de brincadeiras eram feitas quando eram pequenos. Quatro sujeitos relatam que o pai era quem mais brincava com eles durante sua infância. *“Ah, eu gostava que o meu pai me levava pra jogar bola, me levava, daí de meio dia eu brincava com o meu pai. É, eu jogava bola”.* (André).

*“Eu brincava com o pai... com o pai eu sempre brincava, com ele eu brincava mais, geralmente ele dormia tarde pra trabalhar à noite, aí quando ele acordava tarde eu entrava no quarto, eu era pequeno né, são coisas que eu me lembro, aí eu pegava a caneta ele deitado sem camisa e eu riscava nas costas dele, brincava de médico que eu gostava de fazer cirurgia. Acho que era bicicleta, bola...”.* (Lucas)

*“Quem mais brincava comigo acho que era meu pai. (...) Ah, quando ele chegava em casa, pequenino né, sempre brincava de cavalinho, bem pequenino isso, uns 4 aninhos”.* (Jonas). *“Brincava, ele ainda brinca!! De pirueta, jogar pra cima...”.* (Gabriel).

O pai também participava das regras de dentro de casa. Dois sujeitos, Antônio e Gabriel, relatam que seu pai tinha a tarefa de colocar as regras e limites.

*“Era mais o pai daí, a mãe reclamava pro pai”.* (Antônio). *“Meu pai! [E você tinha mais medo do pai?] Não é que tinha mais medo, tinha mais respeito. Eles brigavam, nunca foram de bater”.* (Gabriel).

Contudo, para outros três jovens, as regras dentro de casa eram de

responsabilidade tanto do pai quanto da mãe. Os pais procuravam distribuir essas tarefas e quando um dos dois não estava em casa, a decisão era dada por aquele que estivesse presente.

*“Os dois brigavam né! (...) Era mais de falar. Daí deixavam de castigo né”.*  
(André).

*“O pai, a mãe...mais era o pai assim...a mãe dizia: quando teu pai chegá tu vai ver, uma coisa assim sabe. Geralmente eles davam castigo, dificilmente batiam”.* (Jonas).

*“A mãe e o pai, os dois. Era mais castigo assim, tipo, até outro dia assim, não podia sair, ficar o final de semana em casa e cortava algumas coisas, mas nada de bater!.* (Diogo).

De modo geral, pode-se perceber com os relatos dos entrevistados, que a participação de seu pai nos cuidados dos filhos esteve mais relacionada às tarefas de brincar e ensinar-lhes as regras dentro de casa. Quanto ao acompanhamento nas tarefas da escola, levar e buscar o filho na escola, participar das reuniões escolares e tratar dos cuidados mais básicos como higiene, alimentação, sono entre outros, a mãe era quem se destacava e participava mais. Em algumas dinâmicas familiares havia divisão de certas tarefas, como apresentado inicialmente pelo jovem Gabriel. Seu pai esteve presente em diversas ocasiões e comenta isso com orgulho. *“(...) eu gostava quando ele ia me buscar na escolinha e depois a gente brincava!!!”*. [risos e expressão de alegria] (Gabriel). Porém, Gabriel foi o único informante que relatou que o pai participou mais significativamente das tarefas de cuidados, ainda assim com ênfase nas brincadeiras.

Assim como Unbehaum (2000)<sup>8</sup> identificou em sua pesquisa que os comportamentos de levar os filhos ao médico, acompanhar nas tarefas e reuniões escolares, ensinar as regras e limites e compartilhar o cotidiano dos filhos com a mulher é uma marca de distinção entre a geração dos entrevistados e de seus pais, essa pesquisa apontou para a mesma direção. Foi possível identificar nos relatos dos entrevistados que, na família de origem, o envolvimento dos homens com seus filhos não era tão desprezível e tinha indicativos de uma participação nos cuidados do filho (como aconteceu com o pai de Gabriel). Entretanto, as mudanças na esfera masculina foram maiores e mais significativos nessa geração, a dos sujeitos

---

<sup>8</sup> Dissertação de Mestrado intitulada “Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias”.

pesquisados.

No capítulo seguinte, ao descrever o envolvimento dos jovens pais/homens com seus filhos, é possível visualizar o empenho dos pais no cuidado de seu filho, preocupados em acompanhar o seu desenvolvimento e crescimento saudável.

### 3.4 PAI E MÃE: COMO DESCREVÊ-LOS?

No momento em que os jovens pais estavam sendo entrevistados, uma questão chamou atenção da pesquisadora, pela expressão de sentimentos, pelo movimento dos corpos e pelo entusiasmo observados nos informantes ao respondê-la. A pergunta foi para que dissessem algumas palavras que caracterizassem seu pai e, em seguida, palavras que caracterizassem sua mãe. Foi possível perceber que, falar dos pais, caracterizá-los, significou apresentar pessoas essenciais no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos pesquisados. Os depoimentos são marcados por sentimentos de orgulho, satisfação, respeito e bem-querer. Ainda que um ou outro jovem tenham tido algumas lembranças ruins da atuação de seus pais, não encontram palavras suficientes para descrevê-los.

Algumas palavras foram relatadas pelos jovens pais como representação do seu próprio pai. Para André, seu pai foi quem deu a autorização (“palavra”) para que tomasse suas decisões. “(...) *não tenho nem o que falar né, ele já me ajudou um monte né. Meu, ta louco! Porque quando eu pensei em fazer a minha casa, quem mais me ajudou foi ele né! Ele que deu a primeira palavra, ele que me ajudou a fazer*”. (André).

Lucas relata que seu pai representa tudo para ele. Após a morte de sua mãe, sente medo que o pai também possa faltar. O fato de seu pai entender seus sentimentos, concordar com suas ações, faz com que Lucas considere-o como sua referência.

*“Meu pai.... uma que ele é único né, só tenho ele agora. O que eu vou te definir assim... Tenho medo assim. Pra mim ele representa tudo, meu medo é de um dia ele chegar a faltar, entende, pra mim. O que eu considero mais importante é o modo de ele me entender, concordar comigo, com outras coisas, ele...gosta sempre de me ajudar né, eu moro com ele e é isso*”. (Lucas).

Gean caracteriza seu pai como um vencedor. Os momentos difíceis pelos quais passou, longe da família, vivendo em um orfanato, depois em um Centro de Reabilitação, não impedem o jovem de atribuir tanto ao pai quanto à mãe, o conceito de vencedores, como aparece em trechos de sua fala. Para Gean, a religião (evangélica) ajudou-o a entender as dificuldades da vida e, por isso, não sente mágoa dos pais.

Antônio sente saudades e se emociona ao relembrar dos momentos em que acompanhava o pai na roça. Dessa maneira caracteriza seu pai como um companheiro. *“O que eu gostava mesmo é quando a gente ia pra roça e ele fazia nós senta ao redor dele e dizia: vem meus filhos, vamos comer um negocinho!”*. [lágrimas nos olhos]. (Antônio).

Para Gabriel, seu pai representa além de amor, muita gratidão, por seu companheirismo e atenção sempre que precisou. Gabriel relatou nas entrevistas, que sempre foi mais apegado ao pai e que sua mãe pensa muito no resultado das coisas e não em saber como aconteceram. *“Ah, eu amo ele! Sempre vou agradecer a ele tudo o que fez, ele sempre me ouviu, me deu atenção!”*. (Gabriel).

Cinco sujeitos (André, Antônio, Diogo, Gabriel e Marcos) usaram palavras para caracterizar sua mãe, como amiga, companheira, importante e carinhosa.

*“É carinhosa, é legal. Minha mãe e meu pai são muito gente boa assim comigo”*. (André).

*“Ela é muito importante pra mim”*. (Antônio).

*“Ah, minha mãe é legal assim, eu tenho ela como amiga!”*. (Diogo).

*“Eu considero ela uma companheira, sempre que preciso dela ela está ali”*. (Marcos).

Lucas relata que sua mãe representa muita saudade, considerando que perdeu a mãe aos 16 anos e por ter sido muito apegado a ela, sente muito sua falta. *“Olha, representa bastante saudade, representava que sempre fui mais apegado com a minha mãe”*. (Lucas,).

Para Jonas, a ausência da mãe, que foi embora quando tinha 12 anos, deixou mágoas, porém não nega sua participação efetiva durante o tempo em que viveu com ela.

*“Acho que, ela foi companheira assim, até certa idade, depois que ela viu que já estava criado assim...companheira até certo ponto. Deixou um pouco pela metade né, porque, sei lá acho que seria mais bonito ali né, a vó do lado da netinha.*

*Seria legal né, não que eu queria, mas seria legal, mas também gosto muito da minha madrasta*". (Jonas).

Se os pais são definidos como vencedores, referência moral e companheiros, as mães, por sua vez, são em sua maioria evocadas como presença carinhosa, amiga, atenciosa e próxima do filho. Participando mais dos cuidados dos filhos, as mães cumpriram seu papel de mulheres constantemente preocupadas e atarefadas com a casa e a prole, ao mesmo tempo em que eram exigentes na educação de seus filhos. Estes informantes, pelas circunstâncias de vida, são jovens em grande medida, reconciliados com as imagens parentais. As queixas com relação à postura dos pais, são poucas e, mesmo com elas, preservou-se a imagem positiva dos pais tanto para os que não convivem mais com eles, como para os que co-habitam com a família de origem.

### 3.5 O PAI PODE SER SUBSTITUÍDO?

Para todos os nove sujeitos entrevistados a resposta a essa pergunta, foi "não", o pai não pode ser substituído. Vários foram os motivos pelos quais os jovens consideram que um pai não pode ser substituído. No caso de Antônio, o pai é alguém que deve ser escutado e respeitado. Por isso afirma "*o pai sempre vai ser o pai né. Fala e o cara escuta. Quando uma pessoa falar, ninguém escuta, mas se o pai fala, todo mundo ouve*". (Antônio).

Gean relata que, dependendo das condições, o pai não pode ser substituído. No caso, se o pai participa da educação do filho, cuida dele, sustenta, coloca limites e regras quando necessário. Então, não há ninguém que possa ocupar seu lugar.

*"Bom, aí tem várias maneiras de atribuir o lado de pai, porque pai não é aquele que tem relação e faz um filho, eu acho que pai é aquele que educa, que cuida, que dá um sustento, dá amor, precisa ser repreendido, repreende, precisa ser amado, ama, precisa dar uma palavra de conforto, chega e dá. Então se um pai for assim como eu tô relatando, acho que não tem pessoa que toma lugar. (...) se não for nessas condições aí um pai pode ser substituído sim!"*. (Gean).

Para Diogo, o pai não pode ser substituído, pois considera que o pai é o homem da casa e, como tal, tem um valor masculino que jamais pode ser ocupado



por outra pessoa. *“Não! Acho que não! Como assim, tipo, um padrasto? No meu caso não, o pai é o homem né, sei lá!”*. (Diogo).

Até mesmo Marcos, que não conviveu com o pai, porque este foi embora quando era muito pequeno, relata a importância da figura paterna como referência. *“Eu acho que não! Eu acho que só, tampar o buraco no momento, mas sempre fica com a lembrança né”*. (Marcos).

Gabriel também depõe contra a ausência do pai. Para ele, outra pessoa não pode ocupar o lugar do pai e lembra da saudade que sentia quando o pai viajava e demorava a voltar. *“Acho que não, o meu pai saiu e ficou 1 ano fora de casa trabalhando e isso foi bem ruim pra nós, nós morria de saudade dele. Eu até me lembro que oito e quinze [da noite] eu já esperava ele chegar de viagem”*. (Gabriel).

As informações dos jovens entrevistados indicam uma generalidade de respostas com relação à importância da presença do pai no contexto familiar. Em seus relatos, deixam claro que o pai não pode ser substituído, considerando a figura de força moral, financeira, o respeito que lhe é atribuído, o carinho e a dedicação que circunscrevem a figura paterna.

### 3.6 CONTRACEPÇÃO, SEXUALIDADE E GESTAÇÃO: QUE LUGAR OCUPAM OS HOMENS?

As mudanças de valores e costumes observadas na sociedade contemporânea, que se refletiram na/pela dinâmica das relações familiares, ocasionaram uma mudança das regras de comportamento e oportunizaram maiores possibilidades para iniciarem a vida sexual mais cedo, principalmente para as meninas, e ampliaram as possibilidades reprodutivas na adolescência (MADEIRA; WONG, 1988 citado por FONSECA, 1997). Mas afinal, qual a importância de se demarcar o lugar dos homens frente a temas que até então estavam sob a égide das mulheres, tais como contracepção, aborto, DSTs, gravidez e parto?

O debate recente na área da saúde e reprodução vem problematizando alguns questionamentos, dentre eles, o acima citado, com as contribuições das Conferências Internacionais promovidas pela ONU (Cairo e Beijing – década de 90) que evidenciaram a participação masculina na “saúde da mulher”. Mas, para

introduzir o tema do masculino, é preciso articular um debate teórico em torno da categoria gênero, que anteriormente foi conceituada na introdução, como uma categoria analítica que busca dar conta das relações de poder entre homens e mulheres e permite problematizar os sentidos propostos culturalmente para os sexos.

Uma das questões abordadas com os jovens pais durante as entrevistas foi com relação às informações que tinham sobre o uso de métodos contraceptivos. Dos nove sujeitos entrevistados, todos afirmaram conhecê-los e que tinham conhecimento de como prevenir a gravidez. Dois jovens pais interromperam o uso dos métodos tendo em vista que planejaram a gravidez. No caso de Antônio, a decisão de ter um filho aos 16 anos foi planejada. Segundo a fala de sua esposa, o marido jogou fora os comprimidos anticoncepcionais e ela engravidou. *“Foi tão planejado que eu sei até dia, mês, hora (...). É que eu tava tomando comprimido e ele pegou e jogou fora”*. (esposa de Antônio).

No caso de Gean, sua esposa usou comprimidos anticoncepcionais até o momento em que ambos decidiram que seria melhor ter um filho como forma de *“amadurecer o casamento”*. Segundo ele os dois eram muito jovens ainda e um filho poderia melhorar o relacionamento.

*“(...) até nós decidir que teria filho ela usou comprimido e depois resolvemos ter uma criança (...) como nós era muito jovem e dois gênios diferentes e nós achava que pra entender um ao outro melhor, um filho talvez ia amadurecer mais e foi onde nós entramos num acordo e decidimos ter um filho”*. (Gean)

Diante dessas informações, é possível perceber que os sujeitos não indicaram como justificativa para o uso inconstante de preservativos, a falta ou limitação de informações, bem como a dificuldade em obtê-lo. Algumas pesquisas (TONELI; MENDES; VAVASSORI; GUEDES; FINKLER, 2003) apontam a informação que os adolescentes têm sobre o uso de métodos contraceptivos que nem sempre é efetivado por estes. Considerando que os nove entrevistados tinham conhecimento de métodos contraceptivos, foi necessário perguntar aos jovens pais porque a gravidez aconteceu. Para quatro sujeitos, a gravidez foi atribuída ao esquecimento e/ou ao uso incorreto dos métodos contraceptivos. Foram os casos de Marcos e Cris, que admitiram não usar corretamente os métodos, incluindo o da *“tabelinha”*. *A gente usava aquela, tabelinha né, acabou furando a tabela, [risos]*”. (Marcos). *“A gente fez uso mas talvez não corretamente como era pra ser usado”*.

(Cris).

André indicou que o acontecimento da gravidez deveu-se ao fato de a namorada ter esquecido de tomar o comprimido, sendo que ficou em dúvida, sem saber por quantos dias aconteceu o esquecimento. *“Eu acho que ela esqueceu de tomar um dia...e...eu acho que foi 2 dias e daí... Aí não teve jeito!”*. (André). Atribuir a um dos gêneros, no caso o feminino, a tarefa de evitar uma gravidez, parece estar evidente em alguns dos relatos, conforme pode ser visto acima. Mas, conforme argumenta Almeida (1999), essa atribuição não pode ser pensada como um fato natural que se explique pela idéia de que a gravidez ocorre no corpo da mulher. *“A contracepção é informada por um sistema de gênero hierarquizado e assimétrico, e constituindo um fato socialmente produzido”*. (ALMEIDA, 1999, p. 25).

Nos relatos de Jonas, também aparece o esquecimento como motivo da gravidez, porém, ele assegura que o esquecimento foi de ambas as partes e, portanto, também teve responsabilidade pela condição da gravidez. *“A gente até fez, ela tava tomando comprimido, mas, de certo, sei lá, esqueceu um dia alguma coisa né. Claro que eu também fui errado porque o cuidado tem que ter de ambas as partes, e eu não usei camisinha!”*. (Jonas).

Nos relatos de Diogo, é possível identificar a idéia de uma concepção imaginária, como algo que não é possível acontecer consigo, apenas com os outros. *“Ah, sei lá, não tem como fala assim, é uma coisa que tu acha que não vai acontecer contigo e acaba acontecendo!”*. (Diogo).

Lucas deixa claro em seus relatos que tinha conhecimento do risco da gravidez, porém, alegou não ter tido cuidado suficiente para evitá-la.

*“(...) Ah, nós namoramos, aí nós se conhecemos né, melhor e tal e foi rolando, daí já tinha rolado sexo, mais depois... Puxa, sei lá, foi coisa de impulso assim às vezes sabe. (...) o primeiro foi instinto, o segundo foi descuido mesmo”*. (Lucas).

Para Gabriel, a gravidez aconteceu pela condição de relaxamento, sendo que atribui a si próprio o fato de não ter usado o método de prevenção. *“Relaxamento mesmo, eu não usei camisinha”*. (Gabriel).

Considerando as falas dos jovens entrevistados, Almeida (1999), nos ajuda a pensar que, se a posição dos homens tem se caracterizado por um distanciamento no uso de métodos contraceptivos (e como exemplo tem-se o não uso da camisinha), acredita-se que isto expressa uma disposição das relações de

gênero na dinâmica social, mais do que o resultado de uma escolha deliberada dos sujeitos individuais. Tal posicionamento dos homens nesse processo expressa uma hierarquia social mais ampla, a qual estabeleceu seu afastamento das ações de reprodução social como um todo. Para tanto:

O argumento de que a contracepção é um fato feminino porque a procriação é naturalmente uma atribuição das mulheres termina por ser abalado, exigindo um esforço analítico para se reconstruir os processos mediante os quais tais idéias foram geradas e apropriadas com dados universais. (ALMEIDA, 1999, p. 25)

Um outro aspecto que parece interferir na definição do lugar dos homens na contracepção diz respeito ao aborto e à gestação. A notícia de uma gravidez na adolescência pode ser significada de diferentes maneiras pelos jovens pais. Muitas vezes, no primeiro momento, as reações podem ser negativas tanto para a mãe quanto para o pai do bebê. Não necessariamente a nova situação com que se deparam os jovens leva-os a pensar e cometer atos como o aborto. Algumas tentativas podem impedir a evolução da gravidez, como é o caso do uso da “pílula do dia seguinte”. Nesse caso, a pílula não foi associada por um dos jovens como uma tentativa de aborto, tanto que ele nega de imediato a possibilidade de tentar o aborto, justificando que foi usado como sugestão médica. Porém, caso a tentativa da pílula desse certo e a gravidez não se efetivasse, os problemas estariam resolvidos.

*“Não, aborto não, quando a gente percebeu que podia estar grávida, aí, a gente procurou um médico que é tio meu e ele falou um remédio. Ela tomou aquela pílula do outro dia, mas não adiantou, daí a gente não procurou mais nada. Nem pensou em outras coisas!”. (Cris).*

A ambigüidade de sentimentos e pensamentos diante da notícia da gravidez esteve presente em alguns depoimentos. No relato de Jonas é possível identificar a incerteza quanto à alternativa de um aborto, sendo que deixa claro que a decisão de negar o aborto foi sua. *“Ela tava mais, eu também queria, ela tava querendo mais, daí na última hora fui eu que achei melhor não!”. (Jonas).* Os depoimentos de Gabriel corroboram as falas de Jonas, no que diz respeito à idéia do aborto ter partido da namorada. Para Gabriel, esse não seria o melhor caminho, mas sim, trabalhar para manter a gravidez e a filha. *“Não, ela até pensou, mas eu não, eu disse que ia trabalhar e dar um jeito”. (Gabriel).*

Os demais sujeitos entrevistados, responderam que não pensaram em

aborto em nenhum momento, ressalta-se que, pelo contrário, Gean e Antônio planejaram a gravidez.

Os depoimentos desses jovens pais coadunam com os resultados de um estudo desenvolvido no Chile por Palma e Quilodrán (1997) em que mostraram que os rapazes têm influência sobre as respostas adotadas pelas adolescentes frente à gravidez e, indiretamente, sobre suas histórias de vida, expressando pressões para que a opção se dê em uma ou outra direção. No estudo feito por Margareth Arilha (1999) também se evidenciou “o poder que os homens acreditam possuir em seu discurso. Relataram sua capacidade retórica de convencimento, principalmente para a condição do aborto. E, mesmo considerando que as mulheres é que definem a atitude final em relação à gravidez indesejada, os entrevistados, especialmente os mais jovens, confiam em sua capacidade de direcionar a ação das mulheres”. (ARILHA, 1999, p. 39).

Mesmo diante da dificuldade em enfrentar a notícia de uma gravidez na idade entre 15 e 19 anos, os pais entrevistados parecem não desistir da idéia de ter outros filhos. Foi possível identificar nos relatos de três sujeitos, a possibilidade de planejar a chegada de novos filhos. Foram os casos de André, Cris e Gabriel, que afirmam ter planos para o futuro. Para André, o fato de ser filho único e sentir falta de um irmão justifica a necessidade de outros filhos para aumentar a família e dividir o espaço, considerando que sempre desejou ter um irmão para interagir e dividir as brincadeiras. *“Pretendo! Ainda não, mas quando ele tiver uns 5 anos, 4 anos, pra não dar muita diferença de idade, porque pra brincar é até melhor. Porque eu era filho único e me sentia só assim, é difícil, a gente sempre sente falta de um irmão”*. (André).

A realização do casamento, atrelado ao término dos estudos, são aspectos destacados na fala de Jonas como fundamentais para o planejamento de outros filhos. *“Ah, tão cedo não. A gente tem planos de mais tarde casar, tem que ser bem estudado ainda. Primeiro tenho que terminar os estudos, ela tem o 2º todo pra fazer ainda”*. (Jonas). Cris considera como primordiais, antes de planejar outros filhos, a segurança e a estabilidade financeira. *“Sim, sim, a gente pretende se estabelecer financeiramente e daqui um ano, um ano e meio ter outro”*. (Cris).

Para Gabriel é preciso primeiramente resolver a situação familiar, contar para sua mãe sobre a filha que tem. O jovem faz planos de casamento com a namorada e relata que, assim que alcançar a maioridade, quer ter outros filhos. Para

isso, Gabriel está guardando dinheiro com o intuito de sair da casa dos pais e constituir sua própria família. *“Olha, é ter as minhas coisas, casar com ela e viver com meus filhos, ter mais filhos depois de grande [nesse caso, está falando da sua idade], poder dar uma boa vida”*. (Gabriel). Para o jovem, ter uma família que não seja a sua de origem, significa conquistar alguns direitos sem a dependência dos pais e, conforme seu relato, isso só será possível quando alcançar a maioridade e puder dividir o mesmo espaço com a esposa e os filhos.

A situação de Lucas é um tanto diferenciada, tendo em vista que já tem dois filhos, e estes já constituem a sua família. Segundo Lucas, sua esposa previne-se para não engravidar novamente, mas, caso aconteça, não será encarado como um problema maior. Mais uma vez, a responsabilidade pelo exercício da sexualidade e pelas práticas reprodutivas, no cenário da concepção e da anticoncepção, parece estar mais associada às mulheres, conforme é possível identificar em sua fala: *“Não! Por enquanto nós queremos tocar a nossa vida, ter a nossa casa e cuidar dos dois. Se um dia acontecer será bem vindo. Hoje, ela toma comprimido!”*. (Lucas).

Vale ressaltar que, ao fazer tais reflexões acerca do lugar dos homens na esfera da saúde reprodutiva não se pretende “anexar” aos homens o estigma de “descompromissados ou irresponsáveis” pelo fato de ter acontecido uma gravidez que não planejaram, a partir do não-uso de métodos contraceptivos masculinos e/ou femininos. Até porque “é importante considerar as especificidades no modo de vivenciar e reproduzir as identidades de gênero, incluindo aspectos como subjetividade, etnia, classe e religião”. (MARCONDES, 1999, p. 57). Ao mesmo tempo, não se pretende fazer com que a sociedade aceite a gravidez e o tornar-se pai ou mãe na adolescência como a melhor opção para os jovens. O que se procura destacar é que, cada vez mais, faz-se necessário discutir e problematizar a quem serve e qual é o impacto de ações repressivas e excludentes face à vida reprodutiva dos(as) adolescentes. (ELSTER; LAMB, 1986; REIS, 1993).

Uma situação que vale a pena destacar na fala de quatro informantes (Lucas, Cris, Gabriel e André) foi sobre interesse em participar e acompanhar o pré-natal e o parto do filho. A participação do homem durante o pré-natal e mesmo durante o parto é uma tendência desde os anos oitenta, quando esse comportamento começou a ser estimulado particularmente entre casais de camadas médias, que tinham acesso a serviços de saúde privados. (SALEM, 1985). Porém, a realidade dos quatro jovens citados não era necessariamente essa, sendo que

compõem uma parcela da sociedade de camadas populares e utilizam serviços de saúde pública. Sobre o interesse em assistir o nascimento do filho, Gabriel, André e Cris relataram que gostariam muito de ter presenciado mas, por conta da idade, não lhes foi permitido que participassem, negando-lhes o direito como cidadãos e pais.

Além disso, sabe-se que a presença na hora do parto insere o pai no processo de constituição da paternidade e de sua concretização. Fatos como estes, de negar o direito à paternidade, desrespeitar o lugar que os jovens ocupam nos estudos de gênero, na saúde e nos direitos reprodutivos, “ajudam” a sustentar ainda mais visões premonitórias de catástrofe social, a naturalização do sexo e o apego a modelos preconceituosos. Apesar de alguns esforços, como bem observa Mundigo (1995), a empreitada é grande, e para conseguir que os homens participem mais, será preciso superar diferentes barreiras culturais e ideológicas, institucionais e individuais, de homens e mulheres.

#### 4 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS TAREFAS DE CUIDAR DOS FILHOS

*“(...) até o primeiro banho quem deu foi eu porque ela fez cesariana e não podia. Geralmente se não é ela é eu, geralmente quem dá banho sou eu, quando ela vai pro trabalho quem dá a pule [mamadeira] e troca ele [o filho] sou eu. Eu gosto disso!!”.* (Cris)

Durante muito tempo, o cuidar esteve presente no imaginário social como atribuição da mulher. Cuidar dos afazeres domésticos e das necessidades mais básicas das crianças, higiene, alimentação, estudos, eram tarefas vistas como femininas, consideradas funções da mãe. Isso não quer dizer que o pai também não as pudesse fazer, mas, historicamente foi construída a idéia de que o pai era encarregado do sustento e manutenção da casa e da família, e à mãe eram destinados a organização da casa e cuidado dos filhos.

Nos relatos dos jovens pais, como a fala descrita logo acima, foi possível identificar mudanças nesse cenário. Identificou-se certa equidade quanto à participação do pai e da mãe nas tarefas relacionadas aos cuidados dos filhos. Apontaram também a dificuldade em distinguir o que seria tarefa da mãe e o que seria tarefa do pai. Para muitos deles, não há diferenças entre as atribuições de cuidados, considerando que “o pai e a mãe podem fazer as mesmas coisas”.

Lucas, Marcos, Cris, Gabriel, Diogo e André, relataram que não há diferenças entre o que o pai ou a mãe podem fazer para cuidar dos filhos.

*“Os dois têm que estar juntos (...)”.* (Gabriel).

*“Ah, tipo assim, a mãe e o pai podem fazer as mesmas coisas, cuidar junto”.* (Diogo).

*“Ah, eu acho que os dois têm que fazer as tarefas. Eu também faço!”.* (Marcos).

*“Eu faço tudo o que ela faz, claro que se eu não consigo fazer alguma coisa ela me ajuda, assim como se ela não consegue, eu ajudo”.* (André).

Segundo Cris, a única tarefa exercida pela mãe que o pai não podia fazer quando o filho era bebê, era amamentá-lo. *“Não, assim, quando ele era bebê ai a mãe fazia outras coisas, dava de mamá... a tarefa dela era maior que a minha, mas eu acho que não tem o que é tarefa dela e minha”.* (Cris).

Nesse momento, as diferenças biológicas se fazem presentes, pois, a



amamentação é própria do sexo feminino e torna-se o principal, e talvez o único, impeditivo dos homens participarem nos cuidados dos filhos.

O tipo de trabalho que o homem exerce determina, de certo modo, maior ou menor disponibilidade para estar em casa e cuidar dos filhos. Lucas, por exemplo, relata que as atribuições tanto da mãe como do pai podem ser as mesmas. O que o impede muitas vezes de realizá-las da mesma forma e com maior propriedade, é sua ausência em casa. O fato de Lucas trabalhar e retornar à noite impede que tenha uma participação maior nos cuidados dos filhos. Para ele, ficar mais tempo com as crianças e dividir as tarefas de cuidados, seria um privilégio.

*“Eu não sei, se eu pudesse ... no caso agora ela [esposa] vai perder esse privilégio de ficar mais com eles, mais se eu pudesse é a tarefa do pai também, é a atenção, o amor, o carinho, que ela tem mais tempo que eu. Fica mais em contato com eles. A tarefa do pai e da mãe podem ser as mesmas”.* (Lucas).

A respeito da ausência paterna como consequência do trabalho, Díaz (2000) citado por Olavarría (2001, p. 45) indica que:

O trabalho continua sendo o ordenador da vida. Esse é o meio pelo qual a sociedade distribui todos os recursos, porém, os postos de trabalho para as pessoas e para os homens são quase que por definição, precários no mundo atual. Eis que, quem não tem trabalho está em situação de risco, não tem oportunidades, nem acesso à saúde, seguridade social, prevenção e outros recursos.

Nesse sentido, o fato dos pais (Lucas e a esposa) terem que sair para trabalhar e afastar-se dos filhos, faz com que percam o privilégio do contato maior e melhor com estes, pois o trabalho é a fonte de sobrevivência da família e passa a ser prioridade. No que diz respeito à divisão de tarefas de cuidados com os filhos, durante o dia enquanto os pais estão trabalhando, as crianças vão para a creche e aquele que chegar primeiro do serviço busca os filhos e organiza as tarefas de dar banho, comida, além de aproveitar para brincar no restante do dia. Portanto, na ausência ou presença de um dos pares, os cuidados com os filhos são disponibilizados tanto pelo pai como pela mãe.

Jonas declara que as diferenças entre tarefas do pai e da mãe podem existir. No seu caso, o fato de não morar com a mãe de seu filho, favorece ainda mais a diferenciação, pois, como ela está em casa com a criança, assume a atribuição de cuidados básicos com o filho, e a provisão financeira fica por conta

dele. Em contrapartida, quando lhe foi perguntado se achava que as diferenças entre as tarefas da mãe e do pai deveriam existir, Jonas informou que possivelmente as diferenças com relação às várias tarefas não seriam tão acentuadas, caso morassem juntos.

*“Tem diferença. É, tem aquelas diferenças, que, por exemplo, no nosso caso, ela que dedica ao filho, e eu cuido mais da parte financeira, entre a gente tem essa diferença. Não sei com os outros, mas comigo é assim. (...) Acho que não teria, se morássemos juntos, acho que não teria”.* (Jonas).

Contrapondo-se aos outros sujeitos, Antônio e Gean, relatam que as diferenças entre as tarefas do pai e da mãe existem. Em trechos da fala de Antônio, pode-se identificar que as tarefas da mãe estão mais direcionadas aos cuidados com os filhos, sendo que não nega a possibilidade do pai cuidar, porém isso só aconteceria se a mãe não estivesse em condições para realizar suas tarefas. *“Eu acho que se a mãe tá doente, ou se não tá em casa, aí o pai pode cuidar dos filhos, mas senão a mãe faz melhor”.* (Antônio).

Para Gean, as tarefas da mãe são diferentes das do pai. Com relação aos cuidados, o jovem considera a mãe mais bem qualificada para a tarefa, enquanto o pai deve cuidar do sustento da casa.

*“Acho que a mãe faz melhor, não que o pai não saiba fazer isso, mas como já disse, a mãe tem um jeitinho mais especial pra cuidar dos filhos e o pai vai trabalhar para alcançar os objetivos da família”.* (Gean).

A expressão de Gean *“a mãe tem um jeitinho mais especial pra cuidar dos filhos”* retrata a idéia de naturalização da maternagem atribuída à figura feminina, como se biologicamente a mãe tivesse atributos próprios para cuidar melhor dos filhos, enquanto que o pai vai em busca de trabalho, preocupando-se com o sustento da família.

Nas falas de Antônio, Gean e Jonas, percebe-se que a divisão sexual do trabalho na família mantém-se de acordo com o modelo tradicional nuclear: pai-provedor, mãe-cuidadora. É possível pensar, portanto, que do ponto de vista dos valores e significações, esses três jovens pesquisados ainda mantêm os padrões tradicionais que diferenciam fortemente as atribuições de gênero. Tal pensamento corrobora as indicações feitas em outras pesquisas (AFONSO, 2001; ARILHA; RIDENTI; MEDRADO, 1998; BILAC; ROCHA, 1998; FULLER, 2000; SIQUEIRA, 2000), as quais relatam a manutenção do papel tradicional atribuído à mulher,

apontando que a maior responsabilidade do pai é a de sustentar a mãe e a criança, cabendo à mãe, a educação e o cuidado dos filhos. Convém ressaltar aqui que, quando se fala nas mudanças estruturais da família tradicional, estas não devem ser tidas, unilateralmente, como tendo um caráter destrutivo, já que faziam parte de um momento histórico e cultural. Apenas pretende-se captar o movimento em que os homens reinventam seu lugar e postura diante dessas transformações e identificar os sentidos que atribuem à paternidade.

Em contrapartida, na tentativa de compreender melhor a que os jovens entrevistados estavam se referindo quando falavam de “cuidados ou cuidar dos filhos”, foi-lhes perguntado sobre o que seria tarefa do pai e o que seria tarefa da mãe. As respostas que mantêm esse padrão tradicional não foram evidenciadas pelos outros cinco jovens entrevistados, sendo que compartilham da idéia de que ambos, pai e mãe, podem realizar as tarefas de cuidados com os filhos sem desqualificar qualquer uma das partes.

Para Lucas, além da preocupação em educar, oferecer carinho e amor aos filhos, o cuidado também compreende prover financeiramente suas necessidades, ou seja, não deixar que falte nada a eles. Quando relata essa preocupação, não está reduzindo-a a uma condição única e exclusiva do “ser pai”, pois comenta que a mãe também deve ajudar. “*Saber educá-los é nunca deixar faltar nada para eles, é dar amor e carinho né*”. (Lucas).

O cuidado passa também pelas noções de educar, respeitar, aconselhar, ensinar regras e valores morais. Em trechos das falas de Antônio, Diogo e Jonas, é possível identificar essa relação nos cuidados. “*Eu acho importante ensinar que não deve mexer nas coisas dos outros, não entrar nas drogas e ser carinhoso com os outros e respeitar os mais velhos*”. (Antônio). “*Ah, acho que é dar educação, ensinar o que é certo e errado, estar próximo...claro que eu não vou me sentir na obrigação né, mas se precisar eu faço!*”. (Diogo). “*(...) sempre perguntando, conversando, aconselhando o filho. Acho que acima de tudo bastante amor né, carinho, ... acho que é o principal*”. (Jonas). Nesses discursos, a responsabilidade do pai vai muito além da manutenção econômica, para incorporar também uma participação ativa na socialização da criança, na qual se inclui uma dimensão normativa e disciplinar quando necessário. Pais devem ser referência moral sem deixarem de ser amigos, conselheiros e companheiros.

Engle e Breaux (1994) asseguram que, ampliar a aceitação do cuidado

desempenhado pelos pais (homens) pode expandir seu papel junto aos filhos, o que faz com que os homens tenham mais facilidade em prover as necessidades das crianças e desenvolver outros tipos de cuidado, além dos aspectos físicos propriamente ditos, o que possibilitaria, por fim, benefícios para suas crianças. Mesmo que lentamente, parece que tais expressões dos pais para com os filhos já estejam aparecendo, na medida em que demonstram em suas falas a aceitação e a necessidade de realizar tarefas de cuidados com seus filhos.

Quanto à responsabilidade em administrar e manter as despesas da criança, André, Jonas e Gean responderam que o homem é o responsável. André assegura que é dever do pai fazer isto e que o dinheiro que a companheira recebe fica para ajudar nas despesas da casa. *“Acho que é eu!! Para pagar outras coisas, ajudar nas contas de luz etc., ela pode fazer. Mas com o bebê acho que é eu”*. (André).

Jonas é quem cuida da parte financeira e, pelo fato de não viver com a mãe de seu filho, precisa pagar pensão. Nesse sentido, as despesas financeiras com relação à criança ficam por sua conta. *“Ela que se dedica ao filho, e eu cuido mais da parte financeira, entre a gente tem essa diferença. Não sei com os outros, mas comigo é assim”*. (Jonas).

Para Gean, a tarefa de prover financeiramente as despesas da casa e do filho é atribuição do pai, pois considera que a figura masculina tem maiores responsabilidades: *“o pai tem um entendimento maior (...) é o homem da casa e tem que ter mais responsabilidade”*. (Gean).

Estas falas, de certo modo, reproduzem o discurso do pai no modelo tradicional da família burguesa, em que, segundo Lyra e Medrado (2000), o papel do pai ficou restrito à provisão material de homem provedor/protetor ou “o líder instrumental da família”, conforme foi apresentado inicialmente no texto.

No entanto, os outros quatro sujeitos não atribuíram necessariamente ao homem a tarefa de prover financeiramente e chefiar a família. Nesses casos, a companheira ou mãe de seu filho também deve participar das despesas financeiras, salvo aquelas que não trabalham e, portanto, não são remuneradas, como é o caso da companheira de Lucas. Ele relata que, enquanto sua esposa não está trabalhando, as despesas ficam por sua conta, porém, assim que começar a trabalhar, deverá ajudar na divisão dos gastos, conforme suas possibilidades.

*“Hoje é eu! Mas ela vai começar a trabalhar, eu que arrumei o serviço pra*

*ela. (...) Ela vai trabalhar, não sei te dizer, ela vai trabalhar meio período, ela vai cuidar de uma menina de manhã até o meio dia, vem pra casa pra fazer o almoço. Aí, ela vai ajudar no que for possível".* (Lucas).

Antônio, Cris e Marcos dividem as despesas de manutenção dos filhos com suas esposas. *"A alimentação é mais eu e calçados é ela".* (Antônio). A rotina com relação a essa tarefa é, em sua maioria, a mesma, o salário dos jovens entrevistados somado ao de suas companheiras, resulta em um valor que é reservado para qualquer eventualidade. Marcos e Cris preferem guardar o que sobra e depositar para usar quando necessário, pensando no bem estar da família e dos filhos. *"Nós dois! Tudo é dividido. No final do mês juntamos tudo e dividimos aí o que sobra a gente deposita".* (Marcos). *"A gente pega o salário dos dois e vai comprando. A gente junta tudo e guarda o que sobra, se acontecer uma emergência".* (Cris).

Gabriel, por não co-habitar com a mãe de sua filha, relata que as despesas ficam por conta da família dela, porém, paga pensão para a filha e não deixa de demonstrar sua preocupação em ajudar nas despesas de manutenção.

*"Eu não sei, mas, eu acho que sempre foi os pais dela. Eu ajudo mais... além da pensão eu sempre compro brinquedinho, o quarto dela já ta cheio de ursinho!! As vezes sábado de manhã eu chego lá e vejo que tem pouca fralda e eu vou lá e compro".* (Gabriel).

Avançando na discussão, é possível pensar que mudanças no cenário da paternidade, conjugalidade e relações de gênero estão de fato acontecendo. E, que com um modelo de conjugalidade mais igualitária, ou seja, quanto mais as relações entre os gêneros sejam simétricas, no espectro mais amplo das interações no âmbito da vida familiar, maiores seriam as chances de a contracepção ser assimilada como algo masculino. Tudo isso incluiria desde a divisão de tarefas domésticas até o poder de decisão do casal acerca dos vários aspectos da vida familiar. Algumas tentativas como estas parecem estar acontecendo na trajetória dos jovens entrevistados, à medida em que se consideram capazes de realizar tarefas de cuidado, alimentar, trocar, brincar e estabelecer fortes relações de apego com seus filhos. Também compartilham das tarefas domésticas, tomam decisões em conjunto, entre outros.

Vale ressaltar um questionamento feito aos sujeitos a respeito do que eles consideram ser tarefa especificamente da mãe. Praticamente todos os sujeitos da

pesquisa não conseguiram responder de imediato. Foi preciso que pensassem um pouco e, ainda assim, os discursos eram acompanhados de dúvidas e incertezas. O fato é que seis informantes demonstraram em seus relatos a dificuldade em discriminar o que seria tarefa da mãe e o que seria do pai. A pergunta feita para Cris, sobre o que ele considerava tarefa da mãe, causou-lhe risos, já que as tarefas da casa e os cuidados dos filhos são divididos entre ele e a esposa. Nesse sentido, não soube identificá-las como separadas para cada um deles. “[Pausa, risos] *eu não sei dizer certo o que é tarefa da mãe porque aqui [na casa] a gente sempre divide as coisas então pra te dizer assim, fica difícil*”. (Cris).

Diogo, Jonas, Marcos e Lucas identificaram algumas tarefas relacionadas à mãe. Em seus discursos, apareceu também o pai como atuante nas tarefas consideradas típicas das mães. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que atribui tarefas ao pai e à mãe, é possível perceber certa ambigüidade na fala de Diogo quando diz que as tarefas dos pais podem ser as mesmas, porém, deixa claro que a mãe está mais próxima do filho, como se a mãe tivesse melhores “predicados” para cuidar. “*Tipo assim, não tem diferença entre as tarefas, mas a mãe sempre tá mais próxima*”. (Diogo).

“*Cuidar do filho, assim como o pai também deve*”. (Jonas).

“*Olha, não sei te dizer, mas acho que é dar amor, carinho, cuidados básicos, assim como o pai*”. (Marcos).

“*Acho que tudo o que a mãe da minha filha faz! Eu queria poder fazer também, cuidar dela [da filha], brincar mais, estar lá*”. (Gabriel).

Ao mesmo tempo em que conseguem definir o que é atribuição da mãe, suas falas misturam-se com as falas do que seria atribuição também do pai. Um aspecto que chama atenção é que, mesmo não convivendo com a criança e a companheira (como é o caso de Diogo, Gabriel e Jonas), esses jovens identificam tarefas de cuidados que podem ser feitas pelo pai tanto quanto pela mãe. Pode-se pensar a partir dessa idéia que, conforme comenta Siqueira (1997), a experiência e o conhecimento socialmente produzidos e acumulados ao longo da história, pelas gerações precedentes, são apropriados pelos sujeitos por meio das relações sociais que lhes fornecem os recursos sógnicos mediadores das ações humanas. A partir dessa perspectiva, esses jovens dão sentido às tarefas de cuidados e apropriam-se do saber que é produzido na/pela sociedade. Estes saberes não são necessariamente oriundos da família de origem, mas de outros membros da cultura,

como os amigos, a escola, a mídia, dentre outros. Nesse processo dialético, os sujeitos vão atribuindo sentido conforme sua vivência singular.

Como é possível perceber, a maioria das respostas (de seis informantes) indicou uma tendência maior no que diz respeito ao envolvimento de adolescentes pais no cuidado com os filhos. A própria dificuldade em discriminar o que seria tarefa da mãe e do pai, apresenta um significado diferente da tendência comumente aceita de que estes pais são em sua maioria “irresponsáveis” e “despreparados” para cuidar de seus filhos. Segundo Jalmert (1990), a maior participação dos homens nos cuidados para com seus filhos poderá dinamizar as relações de gênero, na medida em que as crianças poderão observar comportamentos de seus pais nestas atividades, possibilitando, assim, uma ampliação de seus repertórios quanto a papéis masculinos e femininos.

Corroborando com o que indicaram as informações da presente pesquisa, Levandowski, Antoni, Koller, Piccinini (2002) apontam para essa mesma idéia. Realizaram um estudo sobre as eventuais diferenças entre pais adolescentes e adultos na interação com o bebê aos três meses de vida. A pesquisa apontou que não há diferenças significativas na interação pai-bebê entre adolescentes e adultos e que na categoria *comportamentos paternos*<sup>9</sup>, os pais adolescentes apresentaram uma incidência média um pouco maior de comportamentos.

Segundo Arilha (1999, p. 96),

a palavra responsabilidade encerra em si mesma um universo polissêmico e multifacetado de sentidos e que, portanto, dela só se pode falar observando-se de qual responsabilidade (com que sentido) se fala, de quem e em relação a quê ou a quem. Não se pode pensar em responsabilidade como atributo particular e específico de alguém, como algo que se tenha ou não, mas como resultante de processos sociais que constroem e determinam práticas que acabam sendo associadas a esta ou aquela forma de ser homem ou mulher, jovem ou adulto. Tais processos devem ser lidos de acordo com abordagens de gênero e masculinidades.

Assim, a responsabilidade não pode ser vista como atributo das mulheres tampouco dos homens, mas, como uma construção singular e multideterminada.

Outros três informantes da pesquisa relataram que as tarefas destinadas à mãe são especialmente os cuidados básicos à saúde dos filhos. Alimentar, cuidar da higiene, participar na educação escolar e sexual, foram atribuições referidas por

---

<sup>9</sup> A categoria *comportamentos paternos*, citada pelos autores, compreende ações como: *fala para o bebê, sorri para o bebê e fica em pé/movimenta-se com o bebê*.

André, Antônio e Gean, como sendo próprias da figura feminina, da mãe.

*“Eu acho que é cuidar bem, dar carinho, ver quando o filho quer alguma coisa, trocar, arrumar...”*. (André).

*“É tratar os filhos, ver se tão indo bem na escola, educar, dar comida”*. (Antônio).

De modo geral, quando os sujeitos foram questionados sobre os aspectos que consideravam importantes nos cuidados de seus filhos, as funções de educar, dar amor e carinho, foram apontadas pelos nove sujeitos como fundamentais quando se trata de cuidados. No entanto, quando indicam tais funções, os jovens estão se referindo, também, a cuidados básicos como: cuidar da higiene, preocupação com o crescimento e desenvolvimento, brincar com os filhos, ensiná-los o que é certo e errado, entre outros.

*“Boa educação, boa higiene, bom comportamento, com tudo que se passa ao redor. Acompanhar sempre no que puder, tá perto”*. (Marcos).

*“Carinho e amor”*. (Cris).

*“Quando eu vou pra lá eu cuido muito dela, eu dou amor, carinho, tento ensinar ela falar”*. (Gabriel).

*“Ah, sei lá, eu acho que cuido bem dele, dou amor, carinho, brinco com ele!”*. (André).

De certa forma, a noção que os jovens pais têm sobre o que é cuidar e o que é importante nos cuidados dos filhos, contempla vários modelos de homem: homem protetor, homem cuidador, homem provedor, homem educador. É possível perceber que a tarefa de “cuidar dos filhos” não foi identificada pelos jovens pesquisados como uma atribuição exclusivamente feminina e maternal.

Diante disto, alguns questionamentos se fazem necessários. É possível pensar em novos arranjos familiares? Novos e/ou outros elementos de significação que indicam mudanças na dinâmica processual parental? Um “novo pai” emergindo na sociedade e começando a representar um outro parâmetro de paternidade? Ou será que a insuficiência de estudos que visem o adolescente pai e suas relações com os filhos, faz com que nos surpreendamos ao nos defrontarmos com realidades como estas, da pesquisa em questão, que aludem à participação efetiva do jovem pai na arena dos cuidados?

A concepção da participação mais intensa e significativa dos homens na dinâmica familiar, especialmente no que diz respeito ao cuidado para com os filhos,



vem sendo denominada por Lamb (1986) como “nova paternidade”. Este modelo de novo pai tem sido um dos elementos principais na análise das relações parentais que vêm se estabelecendo na contemporaneidade. Seus trabalhos demonstram que os homens estão mais envolvidos com os cuidados dos filhos, principalmente em atividades de lazer, sendo que ficam mais tempo brincando, jogando e participando dessas atividades, do que propriamente as mães.

Esses jovens situam o pai em um contexto cujas funções ultrapassam as fronteiras da paternidade como provedor financeiro e chefe da família. Durante a entrevista com os jovens pais, foram feitas questões sobre atribuições de cuidados que culturalmente são destinados à mulher, mais precisamente à mãe. As perguntas contemplavam questões como: quem é responsável pela higiene e alimentação do filho? Quem deve fazer o bebê dormir? Quem deve auxiliá-los nas tarefas escolares? Quem leva ao médico/dentista quando necessário? Levar e buscar o filho na creche/escola é tarefa de quem? Curiosamente, as falas dos informantes, de modo geral, indicaram que essas tarefas podem ser efetivadas pelo pai tanto quanto pela mãe. Mais uma vez aparecem indicativos de que as tarefas de cuidados destinadas à mãe e ao pai podem coincidir. Porém, isso não quer dizer que as tarefas são realizadas da mesma forma e na mesma proporção, mas, podem ser responsabilidade e conquista de ambos.

Os cuidados com a higiene e alimentação foram relatados por quatro dos jovens entrevistados, como sendo cuidados despendidos tanto pela mãe quanto pelo pai. Alimentar, trocar, dar banho no filho, não são consideradas tarefas difíceis de serem administradas pelos jovens pais, tanto que, em trechos de suas falas, expressam como rotineira e prazerosa a realização dessas tarefas.

*“Os dois cuidam. Trocar eu não troco, mas dar banho, mamadeira sim. É bem legal!”.* (Gabriel).

*“É comum eu fazer isso, trocar fralda também. Banho geralmente é a mãe, porque são horas que eu não to em casa no horário do banho. Mas dou comida, troco eles, quando posso eu faço. Normal!”.* (Lucas).

*“Acho que tem que ser dividido entre os dois. Eu faço... eu e ela, eu até mais do que ela. À noite quem acorda pra dar de mamá sou eu. Porque eu acho que ela é mais demorada assim, ele chora um pouco eu não consigo ver ele chorar, eu vou lá faço e dou pra ele”.* (Marcos).

Nos relatos de André e Gean, as tarefas de cuidar da higiene e

alimentação do filho, são atribuições das mulheres. No caso de André, quem prepara a mamadeira é a mãe, mas quando ela não está em casa, ele faz a tarefa sem maiores problemas.

*“Eu acho que é tarefa da mãe daí. (...) mas eu sei fazer. É mingau, a gente tava dando nan [leite em pó para bebê], mas agora é com farinha láctea. É assim, quando eu trabalhava a noite ela fazia, mas de dia quando ela tá trabalhando eu é que vou lá e faço e dou pra ele”.* (André).

Gean considera a mãe a pessoa mais apta a cuidar dessas tarefas, e delega ao pai a tarefa de garantir o futuro do filho.

*“As vezes a mãe ela tem mais aptidão pra cuidar da higiene, saúde, educação sexual de um filho como o pai tem menos nessa parte, como o pai tem mais na parte de elaborar o filho pra ter um negócio, a ter a idéia fixa de não gastar, não ter proveito no futuro, como a mãe daí não tem, então o que o pai falta, ela repõe em outra parte”.* (Gean).

Sobre isso, Unbehaum (2000, p. 14) aponta:

A atuação do pai é definida como extradomiciliar, e a princípio não é equiparável a atividades que visem atender certas necessidades infantis, como dar banho, preparar alimentos, acompanhar nos deveres de casa, levantar durante a noite quando a criança está doente, enfim, tarefas que as mães estão habituadas a enfrentar, trabalhando fora ou não. Aquele pai poderia ser descrito como encarregado de inserir a criança no espaço ‘fora da casa’: leva-a à escola, para passear, brincar no parque, cortar cabelo, enquanto a mãe provavelmente a ensina a portar-se a mesa, cuidar da higiene corporal, a lidar com as tarefas escolares.

Esse espaço extradomiciliar contempla a preparação do filho para a vida “lá fora”, planejar um negócio, pensar no futuro, enquanto a mãe cuida da parte que “naturalmente lhe foi definida”, os cuidados básicos, conforme pressupõe a fala de Gean.

Os cuidados com relação ao sono dos filhos, ou seja, cumprir a tarefa de fazê-los dormir, não são encarados como problema, tampouco sentem dificuldade ao executar a tarefa. Segundo os relatos de André, a distribuição dessa tarefa é feita de maneira igualitária e garante seu desempenho ao realizá-la. Afirma que várias vezes, a companheira pede que ele faça o filho dormir, pois consegue melhores resultados com o pai. *“Às vezes eu às vezes ela. (...), daí ela me chama porque ele pegou uma mania comigo porque eu balanço ele, daí ele dorme a noite toda”.* (André).

Pesquisas como as de Earl e Siegel (1980), indicam que alguns estudos que acompanham a gravidez durante a adolescência destacam que alguns pais adolescentes envolvem-se nestas experiências, física e psicologicamente, tendo relacionamentos íntimos com ambos, mãe e criança.

Lucas afirma que, na maioria das vezes, é a esposa que faz as crianças dormirem, mas a tarefa é executada pela mãe pelo fato de que o jovem retorna do trabalho à noite e os filhos já estão dormindo. Relata, também, não haver diferenças quando é a mãe ou o pai que executa a tarefa. “(...) *na maioria das vezes é ela, porque está em casa, e eu chego tarde. Mas nos finais de semana eles dormem comigo também, não tem diferenças*”. (Lucas).

Os relatos de Marcos, Cris e Gabriel, deixam claro a participação dos jovens pais nos cuidados com relação ao sono do filho. No caso de Marcos, não há problema algum em fazer o filho dormir. No período em que a esposa está trabalhando quem executa a tarefa é ele, e, durante a noite, é a mãe.

“*A noite é mais com ela. (...) ele dorme a tarde comigo um pouco, eu que faço!*”. (Marcos).

“*É difícil ele estar dormindo quando eu chego do trabalho, ele fica me esperando e a gente brinca um pouco e depois eu faço ele dormir*”. (Cris).

“*Já dormi com ela várias vezes*”. (Gabriel).

Em contrapartida, para Jonas, Antônio e Diogo, a tarefa de fazer o filho dormir é realizada pela figura feminina, no caso, a mãe. Jonas e Diogo consideram importante a participação do pai e da mãe nos cuidados. Porém, relatam que, pelo fato de não morarem com a companheira, a divisão das tarefas torna-se mais difícil. Acrescentando, Jonas avalia não ter “jeito” para lidar com esses cuidados e Diogo relata que os avós maternos é que possivelmente cuidarão dessa tarefa junto da filha. “*No nosso caso é mais ela. Não tenho o menor jeito, mas acho que os dois deveriam fazer*”. (Jonas). “*Não dá para dizer ainda, mas acho que é ela, os pais dela, porque o bebê vai morar com eles*”. (Diogo).

A situação de Antônio é diferenciada, pois os filhos já são maiores e dormem sozinhos, apesar de relatar que, quando eram bebês, a esposa era quem os fazia dormir.

No que diz respeito à tarefa de auxiliar os filhos nos estudos, acompanhá-los nos exercícios escolares, os nove sujeitos entrevistados, identificaram como sendo atribuição do pai e da mãe. Dos nove jovens, Antônio, Lucas e Cris já têm

seus filhos estudando, portanto, conseguem acompanhá-los nas tarefas escolares. No caso dos outros seis jovens pais, suas respostas foram direcionadas para o futuro dos filhos, ou seja, quem deveria auxiliá-los quando iniciassem na escola. Para os nove informantes, a resposta foi unânime, considerando que a participação deveria ser de ambos, o pai e a mãe. Nesse momento, o discurso destes pais acusa uma ruptura com os modelos parentais da infância na família de origem, principalmente quanto à participação restrita do pai nos cuidados citados acima. Os jovens entrevistados buscaram estar mais presentes de fato no cuidado das crianças, redefinindo assim as práticas constituintes da paternidade e reconfigurando os modelos que se estabeleciam na família de origem. Parece que, com esses relatos, confirma-se a reflexão de Parceval (1986), em que afirma que o pai de amanhã será um homem em quem serão desenvolvidas (e que construirá), no contato com o bebê e a criança, as reações complexas e ambivalentes até aqui reservadas apenas à mãe. A autora não considera que ele será um pai-mãe, mas um homem-pai, sem considerar mera troca de lugares e sim mostrar a face encoberta de tornar-se pai: “a parte do pai”. É relevante considerar que o retrato do pai de amanhã, conforme citado pelo autor (naquela época, a década de 80), já não é mais uma condição de futuro e apresenta vestígios de um homem-pai, cuidador, protetor, educador, participativo, entre outros, conforme relatos dos jovens entrevistados. O que se percebe é que, a partir da década de 90, a “parte do pai” começou a se destacar nos estudos e vivências da paternidade.

*“O pai também devia participar. Não é assim né! Mas deveria ser”.*

(Jonas).

*“Os dois tem que cuidar, eu cuido bem!!”.* (Marcos).

*“(...) a tarefa é dos dois, tanto da mãe quanto do pai!”.* (Cris).

*“Se a mãe tá em casa ela pode fazer, mas senão o pai também ajuda”.*

(Gean).

Cuidar do filho quando está doente e levá-lo ao médico, é tarefa que, no entender dos nove jovens entrevistados, pode ser executada pelo pai e pela mãe. Nos casos em que um dos dois trabalha, como acontece com Lucas, aquele que está disponível leva ao médico. Nenhum dos jovens delegou ao pai ou a mãe o cumprimento da tarefa. Mesmo aqueles que não convivem com o filho, relataram que levariam sem problema.

A tarefa de levar e buscar o filho na escola também pode ser uma

atribuição tanto do pai quanto da mãe, sendo que muitas vezes o fazem juntos. Há que se considerar que os pais trabalham e não podem levar e buscar os filhos como desejam, mas não foi identificada em seus relatos a prioridade para um dos pares na execução dessa tarefa. Mesmo para aqueles que não têm seus filhos na creche, quando tiverem que levar ou buscar, consideram que poderão fazê-lo tanto quanto a mãe. *“Ah, eu queria poder levar e buscar, mas ainda não dá. Eu acho que os dois tem que dividir as tarefas”*. (Gabriel).

Perguntou-se a eles como é distribuída a rotina de um dia com os filhos, o que fazem e como a experiência é vivenciada. Com exceção de Diogo e Gean, que até o momento da entrevista não tiveram a oportunidade de compartilhar um dia com seus filhos, pois um dos bebês estava para nascer e o outro estava no sétimo mês de gestação, os outros sete sujeitos entrevistados relataram momentos individuais na convivência com o filho.

Em meio a brincadeiras, passeios, cuidados básicos como troca, alimentação e sono, as experiências entre pai e filho vão sendo construídas. Os pais que não convivem diariamente com seus filhos encontram alternativas para estarem presentes e dividirem com o filho a alegria e o amor que sentem por eles.

As transformações nas constituições e relações intrafamiliares é fato que vem ocorrendo no decorrer dos tempos. Um sinal disso é sua apreensão pela mídia, em especial a televisiva, que vem se modificando e incorporando, mesmo que lentamente, os repertórios da “nova paternidade” e, como sendo um veículo de informação com expressividade, pode contribuir para efetivas mudanças. O estudo feito por Medrado (1998), propõe a análise de comerciais de televisão que têm a figura paterna presente em suas cenas e indicou uma incidência menor com relação à participação do pai nesses comerciais, sendo que a mãe aparece como protagonista das cenas, principalmente demonstrando mais habilidade em cuidar do filho. Não se pode desconsiderar essa discreta inserção da figura paterna nos comerciais, pois, ainda que de forma reservada, está sendo delegado um lugar social ao pai, mais sensível, mais carinhoso e próximo dos filhos.

As transformações na instituição do pai são apontadas também por Norma Fuller (2000). Ela atribui a esse processo a idéia de **mudanças e permanências** [grifo meu] no cenário das paternidades. A autora publicou o livro *“Paternidades en América Latina”* que propõe divulgar os resultados de investigações realizadas no Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru, que se centram

especificamente no significado que tem a paternidade para a população masculina, no lugar que ocupa em seus projetos de vida, nas dificuldades que enfrenta nesta tarefa e nas modificações que percebe na maneira com que define a paternidade.

As conclusões das investigações foram abordadas na Conferência “Paternidade na América”, a qual deu origem ao livro de Norma Fuller. Os resultados indicam que, “se bien existen grandes diferencias en las prácticas, la paternidad ideal se define en los mismos términos”. (FULLER, 2000, p. 28). Sendo assim, o pai é protetor, provedor, formador e educador. Para a autora, a paternidade é um aspecto central da masculinidade. É vivida como um momento em que se encerra a etapa juvenil e há um reordenamento da vida do homem e sua inserção em um novo período no qual se obtém pleno reconhecimento social, é o ponto em que o jovem se transforma em adulto.

Mesmo assim, em todas as populações investigadas, aparece um novo mandato moral que se resume em grandes demandas, como o diálogo horizontal entre pais e filhos/filhas e maior participação do pai na criação desses. Porém, isto não significa que no passado não havia pais nesta condição de maior proximidade e participação na vida dos filhos. O que acontece hoje em dia, sobretudo com os jovens, é um contraste com um modelo de paternidade mais distante, reivindicando maior contato com os filhos. Essas mudanças nos mandatos da paternidade relacionam-se com as tensões e transformações na ordem econômica, social e cultural que caracteriza a passagem das sociedades hierárquicas para as modernas.

Outro aspecto que também foi identificado em grande parte das investigações é a idéia de responsabilidade como um dos núcleos que constroem a paternidade. Assim, o genitor ou reprodutor não é necessariamente o que recebe o título de pai, mas sim, o homem que assume publicamente a responsabilidade de prover, formar e proteger. Na entrevista com Antônio isso pode ser evidenciado, na medida em que assumiu a paternidade do filho mais velho de sua companheira. Antônio relatou que sempre procurou tratar os três filhos da mesma maneira, sempre oferecendo educação, sustento e cuidados. Entretanto, a definição desta noção de paternidade pode variar conforme o momento do ciclo vital, a classe, a etnia, a situação de trabalho ou a relação conjugal. Portanto, é a partir destes aspectos que se retratam muitos impasses e dilemas da paternidade. “É assim que esta é vivida, de maneira difícil ou ambivalente ou simplesmente não é vivida, no sentido de não assumi-la”. (FULLER, 2000, p. 338).

O último questionamento feito aos jovens entrevistados, foi para que relatassem o que jamais fariam para seu filho. As respostas foram dadas com convicção e certeza. Os nove pais entrevistados não tiveram que pensar muito sobre a resposta que dariam, pareciam certos do que estavam respondendo, como se já soubessem da pergunta antes mesmo de ela ser feita. Porém, a objetividade de suas respostas não estava desacompanhada de reflexões e emoções. Era possível perceber a preocupação dos jovens entrevistados ao responderem com consistência e reflexão as perguntas feitas pela pesquisadora. “Isso acaba por descristalizar a visão do senso comum de que os adolescentes agem, em sua maioria, impulsivamente e não refletem de maneira crítica sobre seus atos”. (TONELLI; MENDES; VAVASSORI; GUEDES; FINKLER, 2003, p. 209).

A resposta que mais apareceu na fala dos jovens entrevistados foi: *“Eu jamais o abandonaria!”*

Lucas, assim como Gabriel, afirmam que poderiam passar por qualquer dificuldade na vida, mas ficar longe dos filhos ou abandoná-los é algo que não fariam. *“Eu jamais o abandonaria!”*. (Gabriel). Foi possível perceber durante a entrevista com Lucas, que este se emocionava ao relatar o significado dos filhos e da esposa em sua vida.

*“Acho que eu nunca o abandonaria, Não! poderia passar por tudo na vida que eu não ia abandonar eles.(...) São os três, a Dani e eles, são tudo, pra mim são tudo!! [silêncio]. É o que me faz levantar de manhã pra trabalhar, é o que faz chegar em casa com sorriso, é o que me faz levantar domingo de manhã e fazer café da manhã pros três”*. (Lucas).

Para Jonas, negar a paternidade tem o mesmo significado que abandonar o filho. Segundo seu relato, mesmo que o filho fizesse algo de errado ou não fosse uma boa pessoa, não teria coragem de dizer-lhe que não é seu pai ou de o abandonar.

*“Não faria?! Acho que negar assim... a paternidade né, abandonar!! Se um dia ele viesse falar comigo e eu dissesse não, não sou teu pai, acho que nunca teria coragem de fazer isso; por mais que ele fizesse alguma coisa”*. (Jonas).

Antônio, Diogo e Cris demonstraram não terem tido dúvidas ao responderem que não teriam coragem de agredir fisicamente os filhos, a ponto de machucá-los. Entretanto, repreender o filho quando faz algo de “errado” não significa bater exageradamente, mas, colocar os limites para a criança, nem que para isso

sejam necessárias “umas palmadas”, no entender dos três rapazes.

*“Jamais faria?? Eu acho que chegar a machucar eles. É, bater de deixar marcas”.* (Antônio).

*“Fazer coisas ruins pra ele, bater demais”.* (Diogo).

*“Bater nele, machucá-lo, deixar marca”.* (Cris).

Os depoimentos de Gean vêm acompanhados de lembranças e recordações dos momentos vividos na infância. Sua história é marcada por situações conflitantes e dolorosas, pois foi afastado do convívio familiar aos seis anos e colocado em um orfanato. Conforme já foi relatado no método desta pesquisa, o jovem envolveu-se com drogas durante muito tempo e atribui de certa forma, ao pai (pois foi o pai que o retirou da casa da avó materna para morar consigo), a responsabilidade por muitos dos momentos difíceis que passou. Comenta que, se os pais tivessem lhe dado orientação sobre as coisas “erradas” da vida, talvez não tivesse experimentado drogas.

*“(...) ele talvez por não ter experiência ele errou um pouco por não ter me dado apoio, me dar um incentivo pra recuperação, e naquele entremeio de tempo eu guardei muita mágoa dele. O pior foi ele não ter me dado apoio, não ter me colocado uma oportunidade pra... como por exemplo, eu entrei nesse Centro, nunca foi caro, então ele poderia, ele tinha condição financeira pra isso, ele sempre teve condição, mas talvez por ele não ter conhecimento da situação ele optou pelo lado errado [o “lado errado” a que Gean refere-se é pelo fato do pai tê-lo deixado ir embora no momento mais difícil, ou seja, quando ainda consumia drogas]”.* (Gean).

Nesse sentido, quando foi perguntado o que jamais faria para um filho, Gean utiliza a expressão “reprender se jamais adverti” na tentativa de justificar que não poderá chamar atenção de um filho, ou julgá-lo, se não o orientou antes. *“O que eu jamais faria... é reprender ele se eu jamais adverti!”.* (Gean).

Negar a paternidade, abandonar os filhos, agredi-los fisicamente ou então julgar sem ter orientado, de certo modo, ajudam a desenhar o retrato dos adolescentes pais/homens no contexto pesquisado. São pais que se preocupam com o bem-estar, o conforto físico e emocional dos filhos, com a educação, o respeito a integridade, e, orgulham-se de ser pai.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da paternidade tem alcançado dimensões cada vez maiores nos últimos anos, recebendo questionamentos e críticas sobre o exercício da paternidade e seus diversos modelos de pai: protetor, provedor, referência moral, ativo, responsável, participativo, cuidador, entre outros. Os questionamentos emanam de várias instituições e também dos próprios homens que passaram a se perguntar sobre sua paternidade em um cenário de significativas mudanças na relação com os filhos. Com o passar dos tempos, os homens começaram a expressar sua incapacidade para responder às demandas e expectativas que circunscrevem a qualidade de ser pai, considerando a velocidade das jornadas diárias de trabalho que, muitas vezes, limitam os pais de exercer de fato a paternidade.

Contudo, a dinâmica dos jovens entrevistados apresentou-se um tanto diferenciada, pois o trabalho diário e o retorno à noite para casa não lhes impediu de afirmar em seus discursos que participam e dividem com as companheiras as tarefas de cuidados básicos como, banho, troca, alimentação, fazer dormir, entre outros. Além disso não hesitam em dizer que executam essas tarefas da mesma forma que a mãe, podendo ser realizadas até melhor. Entretanto, as respostas não foram consensuais, tendo em vista que alguns informantes atribuem à mãe a qualificação para executar as tarefas de cuidados dos filhos. Neste sentido, evidenciou-se o que Fuller (2000) chama de mudanças e permanências no exercício da paternidade, ou seja, ao mesmo tempo em que é possível identificar pais mais presentes, envolvidos, cuidadores de seus filhos, também aparecem em suas falas, práticas de cuidados ainda conservadoras e baseadas nos modelos tradicionais, em que o pai era considerado figura onipotente, referência moral, educador, provedor e chefe do lar e à mãe caberia a tarefa de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos.

Toda essa ambigüidade no discurso dos jovens entrevistados parece retratar uma situação que não é nova, considerando o que apresentam as pesquisas científicas sobre o tema da paternidade, contudo, as mudanças percebidas nas falas dos jovens pais sobre o cuidar dos filhos, apresenta-se sob um “novo” olhar, ou talvez, uma conduta que já existia há bastante tempo e só pôde ser identificada a

partir de pesquisas como esta e outras que se preocupam em estudar o adolescente pai. Em contrapartida, há estudiosos como Michael Lamb (1986), que preferem atribuir ao pai uma nova atuação com os filhos e a mudança no cenário da paternidade, o qual chama de novas paternidades, configurando novos arranjos familiares e o novo pai emergindo na sociedade. Segundo ele, este modelo tem sido um dos elementos chave na análise das relações parentais na contemporaneidade. Resende e Alonso (1995) também ressaltam a presença do pai mais envolvido nos cuidados dos filhos, acentuando as relações de afetos, a subjetividade e a liberdade no relacionamento familiar.

Pode-se identificar nos depoimentos dos jovens entrevistados que a paternidade pode ser vivenciada nas mais diversas circunstâncias e que os sentidos atribuídos ao “ser pai” engendram relações mais afetivas, maior envolvimento e maior participação nos cuidados dos filhos. A reflexão que se faz importante nesse momento é que não se trata necessariamente do surgimento de um “novo pai”, mas, de uma preocupação maior em se estudar as relações do jovem pai com seus filhos, sem desconsiderar a existência da paternidade na adolescência, fato que, em tempos passados não recebia atenção.

Chamou atenção também a dificuldade apontada pelos informantes em diferenciar o que seria tarefa da mãe e o que seria do pai. Para a maioria deles, as diferenças entre as atribuições de cuidados praticamente inexistem, tanto que, identificaram-se falas como *“eu acho que não tem o que é tarefa dela e o que é tarefa minha”* (Cris); *“eu faço tudo o que ela faz, claro que se eu não consigo fazer alguma coisa, ela me ajuda, assim como se ela não consegue, eu ajudo ela”* (André). Ao se referirem dessa maneira às atribuições junto aos filhos, os informantes consideraram como importante nos cuidados de seus filhos, as funções de educar, dar amor e carinho, mas também, apontaram como tarefa do pai, tanto quanto da mãe, os cuidados básicos como dar banho, levar ao médico, acompanhar nas tarefas e reuniões escolares, preocupar-se com o desenvolvimento e crescimento, brincar com os filhos, fazê-los dormir, ensinar as regras, entre outras tarefas.

Muitas vezes, o que impede o jovem pai de participar mais intensamente dos cuidados é a jornada de trabalho e o tempo restrito em casa. Apesar de que, mesmo não estando presentes o tempo todo, os pais procuram qualificar suas relações com seus filhos, vivendo intensamente os momentos que podem compartilhar com eles. Essa qualidade na relação pai-filho é apontada por Lamb

(1986) como fundamental nas relações de afeto e cuidado. Para ele, a presença ou ausência paterna não podem ser elementos suficientes para explicar a adequação ou não da relação pais (pai e mãe)-filhos. Na verdade, a maneira como os pais, as mães e as crianças e os outros significativos percebem e avaliam a relação pai-criança, vai ser muito mais importante do que o tempo que passam juntos. Quando um dos jovens pesquisados relata que, mesmo quando retorna para casa no final da noite e cansado do trabalho, encontra o filho esperando o pai para brincar ou então para fazê-lo dormir, identifica-se o prazer e o afeto que se estabelece entre ambos, afirmando, desse modo, o que Lamb pontua, quando diz que a qualidade da relação entre pais-filhos é determinada não pela quantidade de tempo gasto com a criança, mas pela relação de proximidade e apego que se estabelece na convivência.

Outro aspecto evidenciado foi quando os jovens pais tomaram conhecimento do tema proposto na pesquisa. Praticamente todos os informantes demonstraram interesse em discutir sobre a paternidade e a surpresa maior foi identificada por suas companheiras, que acharam “estranho” o interesse em pesquisar sobre a paternidade na adolescência, já que se tratava, segundo os depoimentos de seus companheiros, de uma situação nem sempre aceita pela sociedade e aparentemente sem muita importância.

A concepção da paternidade na adolescência configurada como irresponsável, descomprometida e sem muita importância “atravessou” a pesquisa, a medida em que os entrevistados relatavam seu inconformismo diante da postura dos serviços de saúde. Três deles, Gabriel, Cris e Marcos, informaram que não foi permitida sua entrada na sala de parto no dia do nascimento do filho, sendo que a justificativa da equipe de saúde era a pouca idade do pai. Mesmo sabendo dos direitos legais que amparam o cidadão, ainda é possível verificar ações como essas, que comprometem relações mais igualitárias entre gênero, idade, classe social e etnia. Nesse sentido, pesquisas que investigam a paternidade na adolescência são de extrema relevância para a sociedade, pois contribuem com a disseminação de novos paradigmas e posturas a respeito dos adolescentes e principalmente da(s) maternidade(s) e paternidade(s) nessa etapa da vida.

As relações estabelecidas com os pais, muitas vezes, pode ser um modelo a ser seguido pelos filhos, ou então, diferenciar-se dos modos de vida na família de origem. Quando questionados sobre o que era tarefa da mãe, os jovens informaram que, estas eram responsáveis pelos afazeres domésticos e pelos

cuidados com: alimentação, higiene, acompanhar nas tarefas e reuniões escolares, entre outras, restando para o pai a preocupação com o sustento da família, colocação de regras e limites e também participar do lazer com o filho. Isso não quer dizer que a mãe também não pudesse realizar, mas, as atribuições eram, em sua maioria, assim distribuídas na dinâmica da família de origem. Pensando na perspectiva histórico-cultural, poderia-se dizer que as relações são construídas pela cultura e que o contexto é constituinte do sujeito. Sendo assim, a convivência estabelecida com os pais na família de origem construiu processos de aprendizagem para os jovens pesquisados na medida em que por eles também foi construído, em um movimento dialético dos sujeitos. Entretanto, ao ouvir os relatos dos entrevistados, foi possível identificar modos de vida e relações de convivência um tanto diferenciadas daquelas vivenciadas na família de origem.

Fazendo a discussão a partir dos relatos, percebeu-se que os sentidos atribuídos pelos jovens pais sobre sua participação nos cuidados dos filhos, ocupam espaços que não retratam necessariamente aqueles que seus pais ocupavam, mas apresentam vestígios da convivência na infância. Para os jovens entrevistados, as atribuições de cuidados com os filhos apresentam sentidos de cuidador, educador, protetor, referência moral entre outros. O sentido de cuidador a que se referem, está ancorado nas tarefas de alimentar o filho, dar banho, acompanhar nas tarefas escolares, participar do lazer e envolver-se efetivamente com os filhos.

O jovem pai contemporâneo, objeto desta reflexão, não pode ser identificado como um mero reprodutor ou provedor econômico da família: ele está sujeito e é movido por transformações sócio-culturais que permitem (re)significar seu papel no contexto da paternidade. Lembramos que, conforme ressalta Zanella (2001), todo esse movimento dos sujeitos no mundo, segundo a concepção vigotskiana, é um processo socialmente construído e que as características singulares de cada sujeito não são mera cópia do que socialmente está posto, visto que este participa ativamente da produção, socialização e apropriação das significações que circulam nos contextos sociais, imprimindo a essas, sentidos próprios que resultam da história familiar, das relações sociais e das experiências vivenciadas.

Desvendar os sentidos atribuídos pelos jovens pais/homens no que diz respeito a sua participação no cuidados dos filhos é a questão que busquei compreender e explorar neste trabalho. Também não tive a pretensão de esgotar o

assunto, considerando que novas pesquisas devem ser exploradas, contribuindo com o avanço do conhecimento e fomentando novas discussões a respeito do jovem pai.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AFONSO, L. **A polêmica sobre adolescência e sexualidade**. Belo Horizonte: Campo Social, 2001.

ALMEIDA, C. C. L. de. O lugar dos homens na contracepção. In: SILVA, D. de P. M. da. **Novos contornos no espaço social: gênero, geração e etnia**. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.

ALMEIDA, M. V. de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim do Século, 1995.

AMORIM, M. O Detetive e o pesquisador. **Documenta**. Eicos/Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável/UFJF, Brasília, v. 6, n. 8, p. 127-141, 1997.

ARILHA, M. **Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

ARILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. (orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECCOS/Editora 34, 1998.

BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBIERI, T. de. Sobre la categoría género. Una introducción teórico-metodológica. In: AZEREDO, S.; STOLCKE, V. (coords.). **Direitos reprodutivos**. São Paulo: FCC/DPE. p. 25-45., 1991.

BECKER, D. **O que é adolescência?** São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1999.

BILAC, E. D.; ROCHA, M. I. B. (orgs.). **Saúde reprodutiva na América Latina e no Caribe: temas e problemas**. Campinas: Editora 34, 1998.

BLOS, P. **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**. (W. Dutra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (original publicado em 1962), 1994.

BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. Desvendando o oculto: família e trabalho domiciliar em São Paulo. In: ABREU, A. e SORJ, B. (orgs). **O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio/Fundo editora, 1993.

CABRAL, C. S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. 283-292, 2003.

CARVALHO, M. L. M. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. 389-398, 2003.

CHODOROW, N. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COSTA, A. O. Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: CIEC/ECO/UFRJ. n. especial, 2º sem., p. 401-409, 1994.

COSTA, R. G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Ano 10, 2º sem., p. 339-356, 2002.

DECLARAÇÃO DE BEIJING. In: **Conferência Mundial sobre a mulher**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

DUARTE, L. F. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, J.S. (org.). **Cultura e identidade operária**. São Paulo: Marco Zero/PROED. p. 203-226, 1987.

EARL, F.; SIEGEL, B. Precocious father. **American Journal of Orthopsychiatry**. n. 50, p. 469-480, 1980.

ELSTER, A. B.; LAMB, M. E. **Adolescent fatherhood**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1986.

ENGLE, P.; BREAUX, C. Is there a father Instinct? Fathers' responsibility for Children. **The population Council/International Center for Research for Women Series**, 1994.

FIGUEIRA, S. **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1987.

FLAX, J. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FONSECA, J. L. **Paternidade adolescente**: uma proposta de intervenção. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, 182 p. São Paulo: PUC/SP, 1997.

FONSECA, J. L. **Paternidade adolescente**: da investigação à intervenção. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. (orgs). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: ECOS/Ed. 34, p. 185-214, 1998.

FRANCHETTO, B.; CAVALCANTI, M. L. V. C.; HEILBORN, M. L. Antropologia e Feminismo. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1, 1981.

FRANCO, M. L. P. Que é análise de conteúdo? In: **Ensino Médio**: Desafios e Reflexões. Campinas/ SP: Papyrus. p. 159-180, 1994.

FREITAS, M. T. de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, jul. 2002.

FULLER, N. **Paternidades en América Latina**. Lima: Pontificia Universidad Católica Del Perú, 2000.

GOMES, A. J. da S. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p.119-125, maio/ago. 2004.

HOEPFNER, A. M. **Um homem pra chamar de pai**: as concepções de paternidade de meninos afastados de suas famílias e colocados em regime de abrigo. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2004.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papyrus, 1999.

JALMERT, L. Increasing men's involvement as fathers in the care of children: some gains and some obstacles. In: **European Commission Childcare Technical Seminar**. Glasgow, May, 1990, cap. 1, p. 1-10, 1990.

KEIJZER, B. de. Paternidades y transición de género. In: FULLER, N. **Paternidades en América Latina**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In.: ABERASTURY; KNOBEL (orgs.). **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 24-62. (original publicado em 1970), 1981.



LAMB, M. E. Fatherhood and social policy in international perspective: an introduction. In: LAMB, M. E.; SAGI, A. (org.). **Fatherhood and family policy**. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1983.

LAMB, M. E. **The Role of the Father in Child Development**. Third Edition, 1997.

LAMB, M. E. **The father's role: applied perspectives**. New York: John Wiley, 1986.

LEVANDOWSKI, D. C. **Paternidade na adolescência: expectativas, sentimentos e a interação com o bebê**. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, 189 p, Porto Alegre: UFRGS, 2001.

LEVANDOWSKI, D. C. Paternidade na Adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 2, p. 196-209, jul./dez., 2001.

LEVANDOWSKI, D. C.; KOLLER, S. H.; ANTONI, C. de.; PICCININI, C.A. Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. **Interações**, São Paulo, v. VII, n. 13, p. 77-100, jan./jun. 2002.

LYRA, J.; MEDRADO, B. Gênero e Paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 8, 1º sem., p. 145-158, 2000.

MACKEY, W.C. **The American father: biocultural and developmental aspects**. New York: Plenum, 1996.

MARCONDES, W. B. Perspectivas relacionais para a inserção masculina na esfera da saúde reprodutiva. In: SILVA, D. de P. M. da. **Novos contornos no espaço social: gênero, geração e etnia**. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.

MEAD, M. A paternidade é uma invenção social? In: MEAD, M. **Macho e fêmea**. Petrópolis: Vozes, 1971.

MEDRADO, B. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G.; UNBEHAUM; MEDRADO, B. **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS, Editora 34, 1998.

MIGUEL, S. M.; GROSSI, M. P. A trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre a mulher no Brasil. **Calhamaço**, n. 2, p. 20-24, 1995.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. São Paulo: EDUC, 1999.

MUNDIGO, A. I. Papéis masculinos, saúde reprodutiva e sexualidade. **Conferências Internacionais sobre População**. São Paulo: Fundação MacArthur, 1995.

NAVA, R. Sobre los elementos que intervienen en el ejercicio paterno. **Salud Reproductiva Y Sociedad** [Órgano Informativo del Programa Salud Reproductiva Y Sociedad de El Colegio de México] Año III, n. 8, 1999.

NEVES, D. P. Nesse terreiro galo não canta: estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda. In: **Anuário Antropológico 1983**. Rio de Janeiro/Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFC, 1985.

NÓBREGA, N. P. Maternidade na adolescência: alienação e reprodução. In: **Documenta**, Brasília, ano III, n. 6, p. 63-76, 1995.

OLAVARRÍA, J. A. **Hombres a la deriva? Poder, trabajo y sexo**. Chile: Serie Libros FLACSO-Chile, Santiago, 2001.

OLAVARRÍA, J. A.; BENAVENTE, C.; MELLADO, P. **Masculinidades Populares**. Varones adultos jóvenes de Santiago. Chile: Serie Libros FLACSO-Chile. Santiago, 1998.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Conferência mundial sobre a mulher, 4**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer**: estudos sobre adolescentes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PALMA, I. & QUILODRÁN, C. Opções masculinas: jovens diante da gravidez. In Costa, A. (org.). **Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina**. São Paulo: Prodir/FCC;Ed. 34, 1997.

PARCEVAL, G. D. **A parte do pai**. Porto Alegre: L & PM, 1986.

PIAGET, J. **Da lógica da criança à lógica do adolescente**: ensaio sobre construção das estruturas operatórias formais. São Paulo: Pioneira, 1976.

RAMIRES, V. R. R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

REIS, A. O. A. **O discurso da saúde pública sobre a adolescente grávida: avatares**. Tese de doutorado em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, 1993.

RESENDE, A. L. M.; ALONSO, I. L. K. O perfil do pai cuidador. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 69-76, 1995.

RESENDE, V. R. Avaliação da interação parental no desenvolvimento emocional [Resumo]. In UEL (Org.), Anais do Congresso Iberoamericano de Psicologia Clínica e da Saúde. **Avanços Recentes em Psicologia Clínica e da Saúde** (p. 297). Londrina: UEL – APICSA, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. Posfácio: conceituando o gênero. In: SAFFIOTI, H. I. B.; MUNHOZ-VARGAS, M. (orgs). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS; Brasília, DF: UNICEF, 1994.

SALEM, Tânia. A trajetória do “casal grávido”: de sua constituição à revisão de seu projeto. In: FIGUEIRA, S. A. (org.). **Cultura da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, p. 35-61, 1985.

SARTI, C. **A família com espelho**. Estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores associados, 1996.

SCAVONE, L. **Impasses e perspectivas futuras da maternidade**: transformações na família e nas relações de gênero. [Apresentado durante XIX Encontro Anual da ANPOCS, no GT Família e Sociedade, outubro], Caxambu, 1995.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1990.

SHARIM, D.; SILVA, U. Família y reparto de responsabilidades. **SERNAM**: Documento n. 58. Santiago, Chile, 1998.

SILVA, D. de P. M. da (org.) **Novos contornos no espaço social**: gênero, geração e etnia. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.

SIQUEIRA, M. J. T. A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 113-130, 1997.

SIQUEIRA, M. J. T. Saúde e direitos reprodutivos: o que os homens tem a ver com isso? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 8, 1. sem., p.159-167, 2000.

SIQUEIRA, M. J. T. e cols. Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai? **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 65-72, 2002.

STEINBERG, L. **Adolescence**. New York: Alfred Knopf, 1985.

TESTA, M. Introducion. In: ROSENHEIM, M. K.; TESTA, M. F. (eds.) **Early parenthood and coming of age in the 1990s**. New Brunswick, NJ, US: Rutgers University Press, 1992.

TONELI, M. J. F.; MENDES, D.; VAVASSORI, M. B.; GUEDES, T.; FINKLER, I. Concepções e práticas de adolescentes do sexo masculino sobre sexualidade. **Psico-USF**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 203-211, jul./dez, 2003.

TRINDADE, Z. A. **As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético**. Tese de Doutorado/ USP, São Paulo, 1991.

TRINDADE, Z. A.; ANDRADE, C. A.; SOUZA, J. Q. Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai. **Psico**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 207-222, 1997.

TRINDADE, Z. A.; MENANDRO, M. C. S. Pais adolescentes: vivência e significação. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 15-23, 2002.

TRONTO, J. C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. (ed). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

UNBEHAUM, S. G. **Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias**. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 215 p. São Paulo, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZANELLA, A. V. **Vygotsky: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal**. Itajaí: Editora Univali, 2001.

## APÊNDICE A – Consentimento dos participantes

Carta para obtenção do consentimento livre e esclarecido para pesquisas que envolvam:

Responsável, Questionário e Avaliação

Caro Senhor:

Eu, Franciane Meire Radtke, psicóloga(a), portadora do CPF: 029.064.189-60, RG: 7C/3579642, estabelecida na Rua Gov. Raulino Dolzan, nº.140, CEP 89160-000, na cidade de Rio do Sul - SC, cujo telefone de contato é (47) 5212000, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é “Adolescência, Paternidade e Cuidados: sentidos que adolescentes pais atribuem a sua participação nos cuidados dos filhos”.

O objetivo deste estudo é de investigar os sentidos atribuídos pelos adolescentes pais sobre os cuidados dos filhos, e necessito que o Sr. forneça informações a respeito de sua vida pessoal e profissional, cujas perguntas estão em anexo, devendo ocupá-lo por volta de 2 horas para responder as perguntas do roteiro de entrevista em que realizarei os seguintes procedimentos:

- primeiramente agendarei com o senhor a data e horário para a realização das entrevistas conforme a disponibilidade de ambos;
- a entrevista será como um diálogo informal, sem que haja pressão para responder a entrevista ou qualquer situação desagradável, sendo que o senhor poderá responder conforme desejar;
- as entrevistas serão gravadas e o senhor poderá ver o gravador que estará a sua frente, de maneira que possa desligá-lo assim que desejar, caso não queira que seja gravado alguma fala;
- ao final das entrevistas, estas serão cuidadosamente transcritas na íntegra para que não se altere ou perca alguma informação e posteriormente as informações coletadas servirão como informação para pesquisa, a medida em que avançará no conhecimento científico sobre o tema;
- o material transcrito será guardado em arquivo particular onde somente a pesquisadora poderá manipular e após cinco anos os documentos e as fitas serão incinerados conforme as normas de sigilo e ética de uma pesquisa científica.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará de perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e da avaliação clínica, sem riscos, mas que pode determinar os seguintes desconfortos: constrangimentos, tristeza e emoção ao lembrar de algum fato da vida, sobre a família de origem e a situação de vida atual.

Sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito da dinâmica da paternidade na adolescência, a relação do pai com os cuidados do(s) filhos(s). Esse estudo poderá futuramente beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a

presença de algum benefício. Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que o Sr. tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), situado na rua Jaime Martins Alves, 196 – Caixa Postal 561 – Bairro Flor da Serra – 89600-000, Joaçaba/SC.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros pacientes, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.

O Sr. tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar. Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não haja nenhuma dúvida.

---

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: sentidos que adolescentes pais atribuem a sua participação nos cuidados dos filhos. Eu discuti com a Psicóloga Franciane Meire Radtke sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável (pai, mãe, irmão)

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ( )

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Obs.: O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será apresentado e assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o sujeito da pesquisa e a outra será arquivada pelo pesquisador.

---

Carta para obtenção do consentimento livre e esclarecido para pesquisas que envolvam:  
Adolescente, Questionário e Avaliação

Caro Senhor:

Eu, Franciane Meire Radtke, psicóloga(a), portadora do CPF: 029.064.189-60, RG: 7C/3579642, estabelecida na Rua Raulino Dolzan, nº 140, CEP 89160-000, na cidade de Rio do Sul - SC, cujo telefone de contato é (47) 5212000 vou desenvolver uma pesquisa cujo título é "Adolescência, Paternidade e Cuidados: sentidos que adolescentes pais atribuem a sua participação nos cuidados dos filhos".

O objetivo deste estudo é de investigar os sentidos atribuídos pelos adolescentes pais sobre os cuidados dos filhos, e necessito que o Sr. forneça informações a respeito de sua vida pessoal e profissional, cujas perguntas estão em anexo, devendo ocupá-lo por volta de 2 horas para responder as perguntas do roteiro de entrevista em que realizarei os seguintes procedimentos:

- primeiramente agendarei com o senhor a data e horário para a realização das entrevistas conforme a disponibilidade de ambos;
- a entrevista será como um diálogo informal, sem que haja pressão para responder a entrevista ou qualquer situação desagradável, sendo que o senhor poderá responder conforme desejar;
- as entrevistas serão gravadas e o senhor poderá ver o gravador que estará a sua frente, de maneira que possa desligá-lo assim que desejar, caso não queira que seja gravado alguma fala;

- ao final das entrevistas, estas serão cuidadosamente transcritas na íntegra para que não se altere ou perca alguma informação e posteriormente as informações coletadas servirão como informação para pesquisa, a medida em que avançará no conhecimento científico sobre o tema;
- o material transcrito será guardado em arquivo particular onde somente a pesquisadora poderá manipular e após cinco anos os documentos e fitas serão incinerados conforme as normas de sigilo e ética de uma pesquisa científica.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e constará de perguntas que deverão ser respondidas sem minha interferência ou questionamento e da avaliação clínica, sem riscos, mas que pode determinar os seguintes desconfortos: constrangimentos, tristeza e emoção ao lembrar de algum fato da vida, sobre a família de origem e a situação de vida atual.

Sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito da dinâmica da paternidade na adolescência, a relação do pai com os cuidados do(s) filhos(s). Esse estudo poderá futuramente beneficiar outras pessoas ou, então, somente no final do estudo poderemos concluir a presença de algum benefício. Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso.

Informo que o Sr. tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), situado na rua Jaime Martins Alves, 196 – Caixa Postal 561 – Bairro Flor da Serra – 89600-000, Joaçaba/SC.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros pacientes, não sendo divulgado a identificação de nenhum dos participantes.

O Sr. tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar. Não existirá despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não haja nenhuma dúvida.

---



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: sentidos que adolescentes pais atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos. Eu discuti com a Psicóloga Franciane Meire Radtke sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

\_\_\_\_\_

Assinatura do adolescente

Nome:

Endereço:

RG.

Fone: ( )

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Obs.: O Termo Consentimento Livre e Esclarecido será apresentado e assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o sujeito da pesquisa e a outra será arquivada pelo pesquisador.

## APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista

### I – IDENTIFICAÇÃO

Qual a data de seu nascimento?  
Em que cidade e estado você nasceu?  
Qual seu estado civil?  
Qual sua escolaridade?  
Quantos filhos você tem?  
Qual a idade do(s) filho(s)?  
Qual o sexo dos filhos?  
Qual o município em que reside?  
Qual sua Raça?  
Você tem alguma religião? Qual?  
Você trabalha?  
Que tipo de trabalho realiza?  
Qual sua renda mensal?  
Tem casa própria?  
De que tipo ela é?  
Quantos cômodos ela tem?

### II - FAMÍLIA DE ORIGEM

Fale-me um pouco sobre sua história de vida, sua família de origem:

Qual a profissão de seu pai?  
Qual a profissão de sua mãe?  
Até que série seu pai estudou?  
E sua mãe?  
Quantas pessoas moravam na casa de seus pais?  
Você mora com seus pais?  
Até quando viveu com a família de seus pais?  
Seus pais ajudam no seu sustento? Caso negativo:  
Até quando seus pais ajudaram no seu sustento?  
Você ajuda no sustento de seus pais? Caso positivo:  
Por quanto tempo ajudou?  
Com que idade começou a trabalhar?  
Quantas irmãs você tem?  
Quantos irmãos?  
Qual sua ordem de nascimento em relação aos seus irmãos?  
Quem cuidava de você quando bebê?  
E depois que ficou um pouco maior, quem cuidava de você?  
Quem acompanhava você nas tarefas escolares?  
De que maneira era feito?  
Quando você fazia algo que seus pais não gostavam, de que maneira eles reagiam?  
Quem levava você à escola?  
Quem costumava ir às reuniões da escola?  
Quem cuidava de você quando ficava doente?

Quem levava você ao médico ou dentista?  
 Quem fazia você dormir?  
 De maneira fazia?  
 Quem brincava com você?  
 Você lembra que brincadeiras eram?  
 Quem cuidava das tarefas de cuidar da casa?  
 De que maneira participava dessas tarefas?  
 Se tiver irmãos menores: você ajudava a cuidar deles?  
 De que maneira você cuidava?  
 Seu pai ajudava a cuidar de você?  
 E de seus irmãos?  
 O que mais você se lembra quando ele cuidava de você?  
 E quando cuidava de seus irmãos?  
 Que palavras você usaria para caracterizar sua mãe?  
 Que palavras você usaria para caracterizar seu pai?  
 Descreva que tipo de convivência tinha com seu pai?  
 Descreva que tipo de convivência tinha com sua mãe?  
 Nas coisas que você fazia com seu pai, o que considerava legal, divertido?  
 No quê isso foi importante pra você?  
 E o que considera não ter sido legal?  
 O que você gostaria de manter no convívio que tinha com seu pai?  
 Alguém pode substituir o pai?  
 O que você considera ser um “pai ideal”?

### III - PATERNIDADE E CUIDADOS COM OS FILHOS

Qual sua participação nos cuidados de seu filho(a)?

Você tinha algum tipo de informação sobre métodos contraceptivos. Se tinha, por que não fez uso?  
 Você mora com a mãe do seu filho?  
 Descreva com palavras qual o tipo de relação você tem com ela.  
 Gostaria que algo fosse diferente nessa relação. O que e por que.  
 Você pensava em ser pai? Quando?  
 A gestação foi planejada?  
 Foi desejada?  
 Caso não tenha sido, descreva qual o “impacto” disso na época que recebeu a notícia sobre a paternidade?  
 E hoje, que sentimentos você tem com relação à paternidade?  
 Descreva alguns aspectos que considera importante nos cuidados dos filhos.  
 O que é “cuidar” do(s) filho(s), na sua opinião?  
 Para você, o que um pai deve fazer para cuidar dos filhos, ou o que um pai faz?  
 Quem deve cuidar da higiene e alimentação do(s) filho(s)?  
 Com relação ao sono do bebê, quem faz ele dormir?  
 Quem deve auxiliar o(s) filho(s) em suas tarefas escolares?  
 Quem leva o filho ao médico?  
 Quem deve ensinar ao(s) filho(s) as regras dentro de casa? E quais são elas?  
 Quem dá os limites aos filhos e como deve ser feito isso?  
 Quem deve levar e buscar o filho na creche/escola?

Caso more com a companheira, ela já deixou você sozinho com seu filho?  
Em que ocasiões?  
Como foi ou é a experiência?  
O que você acha que é tarefa da mãe?  
Quem é o responsável pelas despesas relacionadas à manutenção da criança?  
O que você considera importante ensinar ao(s) seu(s) filho(s)?  
Você mudaria algo na sua relação com seu filho?  
Descreva “um dia” com seu(s) filho(s).  
O que você não faria com seu filho?

**APÊNDICE C - Dados sócio-demográficos dos sujeitos pesquisados**

Dados de Identificação dos sujeitos  Nome e Data da Entrevista	Idade e Data do Nascimento	Escolaridade	Estado Civil	Número e Idade dos Filhos	Religião	Renda Mensal	Trabalho	Escolaridade dos Pais
<b>DIOGO</b> (24/05/04)	15 anos (9/9/88)	2º. ano do ensino médio	Solteiro (mora com os pais)	uma filha (1 mês)	Católica	indefinida	Office boy e caixa no Posto	Pai e mãe: superior completo
<b>ANDRÉ</b> (28/05/04)	19 anos (17/06/84)	2º. ano do ensino médio incompleto	Co-habita (esposa)	Um filho (1 mês e três semanas)	Católica	380,00	Operador de máquinas	Pai: 4ª série Mãe: 4ª série
<b>JONAS</b> (08/06/04)	17 anos (10/10/86)	2º. ano cursando	Solteiro (mora com o pai e a madrasta)	Um filho (11 meses)	Católica	500,00	Garçom e ajudante do pai	Pai: 2ºcompl. Mãe: funda-mental
<b>LUCAS</b> (04/07/04)	19 anos (26/12/84)	7ª série incompleta	Casado	Dois filhos (2 anos e 4meses / 1 anos e 9 meses)	Católico	450,00	Servente de Obras	Pai:fundamental Mãe:não sabe
<b>MARCOS</b> (07/07/04)	19 anos (19/07/84)	2º ano completo	Casado	Um filho (7 meses)	Católico	580,00	Recepcionista no hotel	Pai: não sabe Mãe: 2º completo.
<b>CRIS</b> (23/08/04)	19 anos (24/05/85)	1º ano supletivo, cursando	Casado	Um filho (4 anos)	Católico	900,00	Motorista e Gerente da facção	Pai e mãe: não sabe
<b>GABRIEL</b> (26/08/04)	16 anos (25/03/88)	1º ano supletivo, cursando	Solteiro (mora com os pais)	Uma filha (1 ano e 3 meses)	Católico	600,00	Passa os filmes no cinema e digitador	Pai: 4ª série Mãe: 8ª série
<b>GEAN</b> (31/08/04)	21 anos (09/01/83)	8ª. Série incompleta	Divorciado (mora com a mãe)	Um filho (esposa de 7 meses de gestação)	Evangélico	-	Desempregado	Pai: 2º ano médio Mãe: não sabe
<b>ANTÔNIO</b> (02/09/04)	24 anos (13/10/79)	Analfabeto	Co-habita	Dois filhos (8 anos e 6 anos)	Católico	500,00	Pedreiro	Pai e mãe: analfabetos